



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Cláudia Andreia da Pinheira Teixeira

**A VACA NEGRA VAI – Projeto de Intervenção
Artística no Primeiro Ciclo**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Cláudia Andreia da Pinheira Teixeira

**A VACA NEGRA VAI – Projeto de Intervenção
Artística no Primeiro Ciclo**

Dissertação de Mestrado
em Comunicação, Arte e Cultura
Projeto de Intervenção e Relatório

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Helena Pires
e sob coorientação da
Doutora Cátia Faísco

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Este espaço é dedicado a todos os que me acompanharam e apoiaram durante a minha caminhada acadêmica. A todos vocês um grande obrigado.

Quero agradecer, particularmente e mais do que nunca, à minha família, pais e irmã, pelo incentivo diário a que me proporcionam, não só este ano de dissertação, mas ao longo do meu percurso acadêmico e da minha vida. Obrigada por me fazerem perceber que a motivação da vida são os nossos sonhos.

Às minhas orientadoras, pelo auxílio prestado e pela forma como orientaram o meu trabalho, através do seu apoio incondicional, motivação e carinho.

Quero deixar um grande obrigado à minha box de treino, 5.7 CrossFit. A todos os meus parceiros de treino, parceira e coach. Corpo são, mente são.

A vida não é a mesma sem amigos e, por isso, aproveito para referir os meus, através do maior e mais sincero agradecimento, por me apoiarem em todos os projetos e acreditam neles incondicionalmente.

Não podia deixar de agradecer à Professora Odete, à Professora Alice e ao Professor Alexandre, por permitirem a concretização deste projeto com os seus alunos e acreditarem, como eu, na diferença e potencialidade das artes performativas.

Deixo também um agradecimento à “Vaca Negra” - Centro para Criação, Arte e Cultura, pela total liberdade em usufruir do espaço para ensaios e por permitir a criação desta aliança com o projeto.

De uma forma ou indireta, foram muitas as pessoas que cruzaram o meu percurso académico e o marcaram de alguma forma. A todas elas, um grande obrigado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

Este relatório tem como objetivo descrever e refletir o impacto alcançado d'A Vaca Negra Vai, um projeto de artes performativas, desenvolvido e projetado para funcionar como uma ferramenta de apoio ao ensino.

O projeto A Vaca Negra Vai foi criado para ser interventivo e teve como palco as escolas, desde as primárias até às escolas secundárias, sendo este um dos seus pontos diferenciadores.

Esta primeira edição foi considerada piloto por ser um ano de experimentação. A ação implementada incidiu sobre as crianças do primeiro ciclo, em particular do 3º ano de escolaridade, na Escola Básica 1/ Jardim de Infância de Nespereira e no Centro Escolar de Urgezes.

A intenção principal deste projeto foi, desde a sua génese, abordar temáticas de cariz social em contexto escolar, mais precisamente, dentro da sala de aula das crianças, tentando causar impacto neste público, através de um método dinâmico e interativo, sobre assuntos abordados com menos frequência no currículo de ensino. No quadro desta ação os temas abordados foram o *bullying*, a guerra e o racismo.

Ao longo deste relatório é também debatida a importância global da inserção das diferentes áreas artísticas no ensino, como a trilogia: dança, música e teatro.

Foram abordadas algumas teorias e estudos sobre a importância das artes performativas, no desenvolvimento de capacidades e competências nas crianças. Segundo teorias de autores, que fundamentam os conceitos que este projeto envolve, tal como a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, processos de interação social, ensino e disciplina.

Também foram consideradas as opiniões dos docentes das escolas onde se realizaram as intervenções.

Paralelamente a isso, este relatório descreve todo o processo de desenvolvimento do projeto de intervenção, na sua forma mais detalhada.

Palavras-chave: Artes performativas; Interdisciplinaridade; Educação.

ABSTRACT

This report aims to describe the impact achieved by “A Vaca Negra Vai”, a performing arts project developed and designed to function as a teaching support tool.

The project A Vaca Negra Vai was created to be interventionist and have the schools as stage, from primary to secondary schools, making this one of its differentiating points.

This edition was considered a pilot year because it was a year of experimentation. The implemented action focused on first cycle children, in particular of the 3rd year of schooling at the Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira and the Centro Escolar de Urgezès.

The main intention of the project was, since its inception, to address social issues in a school context, more precisely, within the children’s classroom, trying to impact this audience with a more dynamic and interactive tool on less frequently addressed subjects in the teaching curriculum. In the framework of this action, the themes addressed were *bullying*, war and racism.

This report also discusses the global importance of including different artistic fields in teaching, such as the trilogy: dance, music and theater.

Some theories and studies on the weight of the performing arts in the development of skills and competences in children were approached, through authors’ theories that support the concepts that this project involves, such as interdisciplinarity, multidisciplinary, processes of social interaction, teaching and learning.

Also considered the teachers’ opinion of the schools where the interventions took place.

At the same time, this report describes the entire process of development of the intervention project in its most detailed form.

Keywords: Performing arts; Interdisciplinarity; Education.

Índice

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO	10
1.1. A sala de aula.....	11
1.2. Organização do projeto	11
CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	15
2.1. A relação entre a escola e a família.....	15
2.2. Intervir junto da comunidade: benefícios e relação com o projeto	16
O PROJETO	18
3.1) Conceptualização	18
3.1.1) A Vaca Negra- Centro para Criação, Arte e Cultura	18
3.1.1.1) Filosofia do Centro.....	19
3.1.1.2) Topónimo	19
3.1.2) Definição do projeto.....	20
3.2) Produção da Ação	21
3.2.1) Instituições envolvidas	22
3.2.2) Caracterização da Amostra.....	25
3.2.2.1) As escolas	25
3.2.2.2) Os alunos	26
3.2.2.3) Equipa de trabalho.....	26
3.2.3) Reuniões	28
3.2.3.1) Reuniões com a Equipa	28
3.2.3.2) Reuniões com as Escolas.....	29
3.2.4) Logística de materiais e equipamentos.....	29
3.3) A construção do espetáculo performativo	30
3.3.1) Dança.....	30

3.3.2) Teatro.....	31
3.3.3) Música	32
3.3.4) Elementos comuns da performance	33
3.3.5) Escolha dos temas da performance e a sua importância.....	34
PLANO DE ORÇAMENTAÇÃO, PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO	35
PARAMETRIZAÇÃO DOS RESULTADOS	37
5.1) Relatório dos acontecimentos	37
5.2) Metodologias	41
CONCLUSÃO E REFLEXÕES.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	51
ANEXOS	53
Anexo 1: Entrevista escrita via e-mail, Ex-Diretor Artístico d'A Vaca Negra- Centro para Criação, Arte e Cultura	54
Anexo 2: Lenda da Vaca Negra	56
Anexo 3:Logótipo d'A Vaca Negra – Centro para Criação, Arte e Cultura	57
Anexo 4:Plano Geral de Orçamentação	58
Anexo 5:Composição musical	62
Anexo 6:Guião da performance	63
Anexo 7:Apresentação do projeto para o Blog do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura.....	66
Anexo 8:Press Release.....	67
Anexo 9:Entrevista aos professores do Centro Escolar de Urgezes (fase pós-performance)	69
Anexo 10:Entrevista à professora da Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira (fase pós-performance)	84
Anexo 11:Entrevista com Miguel Oliveira, Presidente da Junta de Freguesia de Urgezes e Responsável pel'A Vaca Negra	100
Anexo 12:Questionários aos alunos das Escolas Primárias.....	112
Anexo 13:Respostas detalhadas aos questionários.....	114
Anexo 14:Testemunho dos artistas	120
Anexo 15:Declarações de autorização para a divulgação do registo fotográfico.	122

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Equipa de Artistas na Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira	29
Figura 2 - Bailarinas, Inês e Catarina, momentos antes da performance no Centro Escolar de Urgezes	32
Figura 3 - Ator, Zacarias, momentos antes da performance na Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira	33
Figura 4 – Autocolantes atribuídos aos alunos, cada cor represente os temas <i>Bullying</i> , Racismo e Guerra, respetivamente	34
Figura 5 – Cartaz do Projeto A VACA NEGRA VAI, edição 2019	36
Figura 6 – Preparação dos artistas e do espaço para a performance no Centro Escolar de Urgezes	39
Figura 7 - Preparação dos artistas e do espaço para a performance na Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira	39
Figura 8 – Performance dinâmica prestada pelos artistas na Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira	40
Figura 9 – Bailarina, Catarina, antes da performance. Nesta foto foi testado o material que iria ser utilizado	41
Figura 10 – Artistas e alunos, pós-performance, na Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira	42

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Recolha de dados dos questionários realizados nas escolas envolvidas no Projeto (Centro Escolar de Urgezes e Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira).....	43
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Respostas às questões fechadas no Centro Escolar de Urgezes, 3º Ano, N=17	46
Gráfico 2 – Respostas às questões fechadas no Centro Escolar de Urgezes, 2º e 3º Ano, N=24	46
Gráfico 3 – Respostas às questões fechadas na Escola Básica 1 / Jardim de Infância de Nespereira, 3º Ano, N=17	46

INTRODUÇÃO

O projeto descrito neste relatório foi pensado e desenvolvido no âmbito do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, no ano de 2018/2019. O motivo pelo qual ficou decidido realizar um projeto de intervenção, justifica-se pela motivação em aliar os conhecimentos e ferramentas adquiridas no primeiro ano do curso a motivações pessoais.

Ao desenvolver as ideias iniciais para a intervenção, o objetivo foi utilizar as artes performativas junto de vários públicos, atendendo a temas de cariz social, de forma a permitir uma aproximação da arte e da cultura junto desses públicos.

O projeto A Vaca Negra Vai surge neste contexto, com a principal intenção em abordar crianças e adolescentes para temáticas de cariz social e situações atuais recorrentes, como o racismo, a guerra, o *bullying*, a homossexualidade, a igualdade de direitos, entre outros, utilizando as artes performativas para realizar esta abordagem, em contexto escolar.

Como antigo membro participante das atividades d'A Vaca Negra – Centro para a Criação, Arte e Cultura, que se encontra, neste momento, em fase de crise ao nível das suas atividades e programação, decidi que este projeto, além de ganhar força aliado a uma organização cultural e artística, poderia também ajudar à sua notoriedade e a renovar a sua atividade.

Este é um projeto que, na sua globalidade, pretende criar impacto junto da sua audiência, pela forma como intervém junto da mesma, desafiando a sua rotina e hábitos culturais e artísticos.

Para esta primeira edição, o público foram as crianças do primeiro ciclo, do 2º e 3º ano. A intervenção pretendeu, não só sensibilizar estas crianças, como impactar, de forma secundária, os pais e docentes das mesmas, através de uma intervenção que culmina nas artes performativas, através da combinação da trilogia - dança, música e teatro – no espaço escolar.

Com este projeto, um dos objetivos é tentar que as crianças e jovens, a seu tempo, com alguma regularidade com este tipo de projetos, possam encarar o espaço onde passam a maior parte do seu tempo - a sala de aula - de uma forma plural e multidisciplinar.

A intervenção pretendeu também reforçar o envolvimento das artes performativas no desenvolvimento das competências emocionais das crianças, naquele que é o seu meio escolar, num contexto interventivo com orientação educativa, através do cruzamento dos vários conceitos acima referidos.

1.1. A sala de aula

A importância do discurso dentro da sala de aula, segundo Chiaro & Leitão (2005, p. 351), tem sido estudada por áreas como Sociolinguística, Antropologia, Psicologia e Educação. A sala de aula, considerada um espaço de partilha de pensamentos, opiniões e perspectivas, justifica a escolha destas como o palco para este projeto.

Segundo Rapanta (2016, p.46), a sala de aula pode ser encarada como um espaço para o desenvolvimento do poder de argumentação dos alunos e para a construção de diferentes pontos de vista criticamente discutidos, negociados e modificados, permitindo o progresso constante de novas ideias e conhecimento.

Paralelamente às competências discursivas, de acordo com Freire (1981, p.20) a competência do saber ler e escrever permite a capacidade de expressão. Esta competência correlaciona-se com a criatividade individual que, segundo Pelaes (2010, p. 6), é abordada em várias áreas (exemplo: artes, negócios) devido à sua natureza interdisciplinar.

A criatividade é maioritariamente associada a diferentes formas de artes, como a escultura, pintura, música ou poesia, mas também pode ser associada à capacidade individual de resiliência, pela forma como são solucionados problemas que surgem sucessivamente, a um nível pessoal ou profissional.

Nas escolas básicas do primeiro ciclo é frequentemente solicitado aos alunos que escrevam textos de temas a seu gosto ou que o desenvolvam a partir de palavras-chave. Este é um exemplo para o desenvolvimento da criatividade, da capacidade de se diferenciarem com as suas próprias ideias e imaginação. O professor tem, neste sentido, um grande papel de incentivo nos alunos. Segundo Coracini (2005, p. 200), é no processo de interação professor-aluno que se desencadeia o processo de ensino-aprendizagem.

O projeto A Vaca Negra Vai pretende aproximar a arte e a cultura aos espaços de ensino, contribuindo também para o desenvolvimento de novos estímulos criativos e emotivos nas crianças.

1.2. Organização do projeto

O projeto A Vaca Negra Vai foi organizado em três partes.

Para começar, ficou decidido que este ano seria considerado piloto, pela intenção em testar o público, desde os professores e os alunos, às entidades que poderiam apoiar o projeto, avaliando qual a sua receptividade ao mesmo. Além disso, funcionou como uma estratégia para estudar o

espaço de intervenção que foi, desde o início, programado para ser a sala de aula. O objetivo deste projeto é permitir a vivência de um evento artístico dentro do espaço onde as crianças passam grande parte do seu tempo.

Em segundo lugar, a médio e longo prazo, é pretendido que este projeto se possa alargar a mais escolas do concelho, numa fase posterior, do distrito e num futuro, a nível nacional, um projeto de intervenção mais alargado a várias cidades do país.

Em terceiro lugar, o público-alvo deste primeiro ano foi escolhido, propositadamente, para dar continuidade à sua faixa etária nos anos seguintes a esta implementação. A Vaca Negra Vai iniciou-se com crianças do primeiro ciclo, do segundo e terceiro ano de escolaridade e, ao longo do tempo, pretende-se desenvolver outros temas, adaptando o tipo de representação a uma faixa etária crescente e a diferentes ciclos.

“As crianças aprendem o que vivenciam” (Nolte & Harris, 2003) e, perante os diversos desafios que surgem ao longo do seu percurso, torna-se imprescindível uma educação que consolide ideais de paz, de liberdade e de justiça social. Segundo Delors (1996, p. 19), cada aspeto da vida individual ou social, oferece oportunidades para aprender e fazer, daí a importância da relação professor-aluno ao promover a pedagogia baseada no afeto e compreensão.

O primeiro ciclo do ensino básico é uma fase em que as crianças se encontram mais ativas num sistema social diferente, desafiando-as para a sua adaptação e relacionamento com outros indivíduos e com outra realidade escolar. Com os novos desafios inerentes à globalização, as estruturas educacionais encontram-se em processo de adaptação cultural, justificando, por isso, o estudo mais frequente de conceitos como a multiculturalidade e interculturalidade.

Para este primeiro ano, o projeto foi desenvolvido em duas escolas primárias da periferia de Guimarães, com crianças do 2º e 3º ano, como forma de testar a viabilidade do projeto, justificado mais à frente neste relatório.

O conceito d'A Vaca Negra Vai traduz-se na deslocação do espetáculo, tornando-o portátil e adaptável ao espaço de qualquer estrutura educacional. Esta facilidade de adaptação é vantajosa a médio e longo prazo, devido à possibilidade em espalhar-se por mais cidades e concelhos do país. Desta forma, seja qual for o tamanho do espaço da performance a que o projeto fique sujeito, poderá facilmente adaptar-se.

“A Vaca Negra” - Centro para Criação, Arte e Cultura - foi escolhida como instituição representante deste projeto. Este Centro é uma associação sem fins lucrativos, que depende do apoio financeiro da Câmara Municipal de Guimarães e da Junta de Freguesia de Urgezes.

Não existindo apoio destas estruturas para com o Centro, torna-se difícil e praticamente inviável apostar em projetos artísticos de maior dimensão, como por exemplo, espetáculos semestrais e outros eventos artísticos, consoante foi projetado inicialmente pela própria instituição.

Uma das ideias iniciais para o Centro “A Vaca Negra” consistia na criação de oficinas de arte no próprio espaço, através do estabelecimento de parcerias com academias e profissionais das várias áreas artísticas, para a realização de aulas e workshops.

Devido às atividades anteriores realizadas com o Centro, obtive conhecimento de alguns eventos e projetos que se encontravam em espera, tal como as oficinas de arte e, tendo em conta que o intuito deste projeto sempre foi utilizar as artes performativas, decidi desenvolvê-lo, aliando à Vaca Negra, na tentativa de ajudar a potenciá-la com novas atividades.

O espaço d’A Vaca Negra não possui condições e recursos favoráveis para desenvolver qualquer tipo de atividade que envolva um número grande de pessoas. O Centro possui três salas, uma utilizada como sala de dança e outras duas para usufruto atual de explicações.

Como membro participante das atividades d’A Vaca Negra, durante muitos anos, usufruí do espaço para ensaios de música, dança e algumas aulas de teatro. Posso afirmar que isso contribuiu para o meu crescimento pessoal e social e, por esse motivo, pretendia desenvolver um projeto que pudesse, de alguma forma, envolver outras pessoas neste espírito artístico, fazendo também a diferença nas suas vidas.

Para explicar melhor o processo que originou A Vaca Negra Vai, torna-se necessário abordar que esta foi uma ideia desenvolvida no primeiro ano do mestrado, para a unidade curricular Arte, Média e Comunicação. Nessa altura, foi desenvolvido um plano de comunicação renovado para o Centro. A Vaca Negra Vai foi projetada como uma das várias atividades a realizar. Era, portanto, uma parte do plano e não um projeto na totalidade.

Esta atividade consistia no trabalho com vários artistas para a realização de performances em várias escolas básicas do concelho de Guimarães, como estratégia para cativar os alunos destas a frequentar as oficinas pretendidas pelo Centro. No entanto, este tipo de atividade não podia ser desenvolvido para o projeto final do curso, na medida em que, como supracitado, o Centro não possui um espaço e recursos humanos favoráveis para tal.

A ideia do projeto foi sofrendo diversas alterações, ao longo da sua construção, até ao resultado final. Considerando os fatores acima mencionados e mantendo o conceito interventivo como base, ficou definida A Vaca Negra Vai como projeto de intervenção social e artístico para o ano de 2018/2019, tendo como público-alvo as escolas do primeiro ciclo.

Este é um projeto que pretende unir a Educação e as Artes, através da realização de uma performance que tente ampliar o conhecimento das crianças e adolescentes sobre diversos assuntos, menos recorrentes no plano de estudos do ensino regular, na tentativa de estimular o espírito de cidadania nas crianças e aproximar a arte e a cultura junto das mesmas.

Os temas projetados para o projeto, de uma forma global, incluem racismo, desigualdade social, guerra, sustentabilidade e educação ambiental. O objetivo principal é intervir junto da comunidade jovem, num contexto escolar, na tentativa de os sensibilizar para determinados temas.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1. A relação entre a escola e a família

A Educação em si encontra vários desafios, tanto no apoio ao desenvolvimento do respeito e igualdade social, como nas diferenças étnicas e linguísticas. Assim sendo, torna-se meritório criar uma educação intercultural através da abertura do ser humano ao mundo e ao próximo.

Neste sentido, torna-se também necessário renovar e permitir a evolução, não só do próprio ensino nas crianças, mas também no próprio cidadão adulto, referindo, maioritariamente, os encarregados de educação das mesmas.

A intervenção dos pais na educação dos filhos é indiscutível. No entanto, é algo que requer bastante exigência e dedicação da sua parte e esse é um dos maiores dilemas que as famílias enfrentam hoje em dia.

Existe um confronto da sociedade com uma rotina apressada, onde a resolução de problemas de outra ordem se torna uma prioridade acima do tempo dispensado com a família. Consequentemente, estas atitudes podem provocar distanciamento entre os seus membros.

Considerando este facto, a escola, além do ensino de matérias e ciências exatas, de alguma forma, providência outras experiências na vida das crianças que, em muitos casos, se encontram em falta no seu lar, como, por exemplo, o acesso a atividades artísticas e culturais. Segundo o Professor Alexandre Martins¹, “poucos são os alunos que frequentam a música, poucos são aqueles cujos pais os levam a assistir uma peça de teatro. Essa vertente cultural é muito escassa nas crianças hoje em dia”.

Segundo Carneiro (2008, p. 63), a socialização e a transmissão de valores, existentes nas estruturas educacionais, são fundamentais no desenvolvimento pessoal e social, permitindo a evolução da sociedade através da realidade que o ser humano compõe.

Hoje em dia, mais do que nunca, a formação equilibrada da personalidade deverá torna-se uma prioridade, devido ao uso regular de tecnologias e média, onde rapidamente as transformações sociais se fazem notar, atribuindo à educação a necessidade em preocupar-se com o desenvolvimento de competências sociais e emocionais nas crianças, na tentativa de promover a sua inteligência emocional.

¹ Professor Alexandre, docente do 2º e 3º ano, do Centro Escolar de Urgezes, Guimarães. Entrevista realizada a quatorze de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

Segundo a Professora Alice², existem alunos que “entram aqui (na escola) às sete e saem daqui às sete. Portanto, chegam a casa ao tablet, que dá muito jeito, [...] porque assim não tem que estar a chatear o pai e a mãe, e eles fazem de propósito, porque querem ir para o jogo porque estão viciados [...] e sabem que o pai à primeira não cede, à segunda não cede mas à terceira vai ceder porque vem cansado de trabalhar”.

De acordo com Carneiro (2008, p. 64), apesar das instituições escolares oferecerem a formação de princípios com foco nos exercícios da mente, aliados à estabilidade emocional, também a família prevalece nesta construção de valores e ideais, através do envolvimento emocional, baseado no afeto.

A segurança e preparação emocional da criança para iniciar o seu percurso escolar depende, maioritariamente, do conforto e incentivo familiar. Segundo Goleman (1995, p. 239), para uma criança se sentir preparada para iniciar este percurso, é necessário que ela conheça um conceito básico: o saber aprender. De acordo com o autor, são necessárias, para isso, aptidões como: a confiança, curiosidade, intenção, autocontrolo, relacionamento, capacidade de comunicação e cooperação.

Considerando que muitas destas aptidões são desenvolvidas em contexto familiar, torna-se fundamental o incentivo da família no desenvolvimento emocional da criança, a partir do berço.

2.2. Intervir junto da comunidade: benefícios e relação com o projeto

Intervir junto de uma comunidade é permitir a abertura de ideias e de experiências no ser humano, tanto por quem oferece, como por quem recebe, podendo referir a prática do teatro para explorar esta troca.

Segundo Sousa (2003), vários pedagogos chamam a atenção para a poderosa contribuição que o teatro pode oferecer à educação, pelo envolvimento emocional, de comunicação social, de crítica, de formação e informação que proporciona.

Como referido pela Professora Alice³, uma das maiores dificuldades das escolas ao promoverem a arte e a cultura junto dos alunos, relaciona-se com o tempo que possuem para fazê-lo. A mesma afirma que “[...] o programa do primeiro ciclo é extremamente intenso e as expressões, todas elas, as quatro, que nós temos e estão contempladas no programa, são “parente pobre” porque estamos completamente “estranguladas”, “espartilhadas” pelo programa”.

² Professora Alice, docente do 3º ano, da Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, Guimarães. Entrevista realizada a dezasseis de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

³ *Ibidem*

O projeto A Vaca Negra Vai surge como tentativa de demonstrar uma possível mudança no paradigma e solução para este problema que as escolas em geral enfrentam: a falta de tempo para organizar e realizar atividades culturais e artísticas com os alunos. Com este projeto, a mudança acontece em diversos sentidos:

Em primeiro lugar, não será o público a ir de encontro à arte, mas sim o contrário, criando desde logo uma inversão à tradicional ida a um teatro. A Vaca Negra Vai é um espetáculo portátil, que se desloca às diversas instituições de ensino, distinguindo-se pelo modo como intervém junto das crianças.

Em segundo lugar, as práticas das artes performativas, neste projeto, não são realizadas apenas como passatempo, mas com um objetivo educativo, focando-se na aprendizagem através do entretenimento.

Por último, os temas retratados em cada performance foram, neste ano piloto, escolhidos pelos alunos, conferindo um envolvimento do público no desenvolvimento da própria peça performativa, além de permitir a obtenção de competências ao abrigo destes conceitos.

Um dos conceitos intrínsecos a este projeto é a interdisciplinaridade. Segundo Fazenda (2008, p. 21), “na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e a sua integração”.

O conceito interdisciplinar funciona como uma ponte de ligação entre as artes, a cultura e a educação, na tentativa de aproximar as crianças à arte e cultura, através do envolvimento das estruturas educacionais para que, de igual forma, todos os alunos possam usufruir de experiências artísticas, independentemente das suas atividades extracurriculares.

O PROJETO

3.1) Conceptualização

3.1.1) A Vaca Negra- Centro para Criação, Arte e Cultura

Antes de relatar detalhadamente em que consiste A Vaca Negra Vai e quais os seus objetivos, começo por apresentar “A Vaca Negra” - Centro para Criação, Arte e Cultura - e o motivo da minha escolha.

“A Vaca Negra” tem como sede a antiga escola primária de Urgezes, Escola Primária Francisco Santos Guimarães, cujos tempos se encarregam de perpetuar com o nome “sujos-generis” do escuro animal, considerando o Centro como uma aposta ousada, meritória.

A mesma surgiu pela necessidade da Junta de Freguesia de Urgezes estabelecer um projeto para este edifício icónico que havia fechado portas há cerca de um ano.

Há um embelezamento em dar-se continuidade a um espaço de ensino à comunidade, onde as suas portas se fecharam para o ensino regular e se reabriram para o ensino artístico. As escolas primárias com fachadas antigas são consideradas património nacional, atribuindo ainda mais valor a este espaço, pelo seu envolvimento histórico com o passado.

As áreas artísticas executadas pelo Centro incluíam o teatro, as artes plásticas e visuais, a dança, a música e a literatura.

Com a abertura deste estabelecimento, o desafio consistia em fazer com que “o material e o imaterial, a tradição e o moderno, o jovem e o menos jovem, caminhassem de mãos dadas”.⁴

A estrutura organizacional era supervisionada por apenas dois membros: pelo Diretor Artístico/Programador Cultural, Paulo César Gonçalves, que se ausentou do cargo por motivos de saúde, e pelo Executivo da Junta de Freguesia de Urgezes, Doutor Miguel Oliveira.

Dado ser uma organização pequena, o Centro não necessitava de se caracterizar com uma estrutura rígida, optando por ser mais flexível quanto à estruturação e organização dos eventos e atividades, mantendo consistentemente o foco pelo interesse comum. Paralelamente a isto, as suas políticas de organização foram projetadas para serem de igualdade, mantendo assim a comunicação fluída e ordenada.

⁴ Descrição encontrada na página de Facebook d'A Vaca Negra- Centro para a Criação, Arte e Cultura. Disponibilizado em: <https://www.facebook.com/VacaNegraUrgezes/>

“A Vaca Negra” tornou-se, assim, no primeiro projeto de descentralização cultural da cidade de Guimarães, o primeiro a ter apostado na criação e no vínculo à comunidade onde estava inserido.

Atualmente não existe um cargo de Direção Artística, sendo apenas desenvolvida uma feira de artesanato anual no espaço d’ A Vaca Negra, organizada pelo Presidente da Junta de Freguesia e alguns voluntários, entre eles os escuteiros de Urgezes.

3.1.1.1) Filosofia do Centro

Percebeu-se que “A Vaca Negra” seguia uma base filosófica e uma missão centrada na descentralização da arte, através da entrevista escrita pelo ex-diretor artístico do Centro (Anexo 1). De acordo com o mesmo, as bases filosóficas deste espaço são as seguintes⁵:

- “Aproximar a cultura e a arte da Comunidade, fazendo com que a mesma perceba que é dela própria que emana a identidade e dela é também que nasce o veículo a que podemos chamar ideia. A tradição não significa atraso, a tradição é respeito pelas raízes que moldam corpos e rostos”;
- “Criar, fazer, construir a partir de ideias originais, do trabalho desenvolvido e da partilha”;
- “Mostrar o que é desenvolvido. Expor, representar, atuar, com a ajuda de agentes culturais, parcerias e também protocolos levados a cabo no sentido de implementar uma dinâmica cada vez maior e mais envolvente”;
- “Promover, potenciar, apostar nos jovens e menos jovens talentos de Guimarães”;
- “Trazer até nós um pouco do que se vai fazendo noutras paragens, percebendo que ao conhecermos outras realidades melhoramos o conhecimento da nossa própria” .

3.1.1.2) Topónimo

Um aspeto que desperta grande curiosidade é o nome da instituição que remete para um topónimo - Vaca Negra - pelo qual este local sempre foi conhecido. Esse topónimo tem origem numa lenda local (Anexo 2), conhecida pela comunidade da freguesia de Urgezes.

Este curioso nome acompanha o logótipo d’A Vaca Negra (Anexo 3) com o slogan “escolhe as tuas asas e voa” .

⁵ Entrevista escrita realizada via e-mail no ano de 2018. Paulo César Gonçalves, Ex-Diretor Artístico d’A Vaca Negra- Centro para Criação, Arte e Cultura.

3.1.2) Definição do projeto

Nos últimos tempos, “A Vaca Negra” viu diminuir drasticamente o seu número de eventos e, conseqüentemente, o número de participantes, visitantes e espectadores, pela ausência de uma programação regular estabelecida, nem pensada, justificada pela inexistência de um Diretor Artístico.

Pode perceber-se que este Centro, projetado para a arte e cultura, está a enfrentar uma fase de algum desânimo e falta de estruturação de pensamento criativo. O antigo Diretor Artístico, Paulo César Gonçalves⁶, considera que a instituição está, neste momento, “[...] muito aquém daquilo para que foi projetada”.

Após uma ampla revisão e análise ao Centro, considerando as condições e problemas que enfrentam de momento, surgiu a ideia de criar um projeto que renovasse o seu espírito, as suas atividades e a sua presença na comunidade.

Apropriando-me desta necessidade do Centro e do facto de querer desenvolver um projeto de intervenção para o presente ano letivo, foi desenvolvido, no decorrer do mês de setembro até final do mês de dezembro do ano de 2018, a definição do projeto, o seu processo e o tipo de intervenção a realizar para este ano.

Como já anteriormente mencionado, “A Vaca Negra” foi sujeita a um Plano de Comunicação renovado, desenvolvido em contexto académico. Neste Plano, A Vaca Negra Vai seria uma das atividades a inserir na programação do Centro.

A fim de conservar o vínculo pretendido com a comunidade, a ideia inicial para este projeto de mestrado consistia no desenvolvimento de workshops, das várias áreas artísticas, no espaço d’A Vaca Negra, permitindo ao centro ser um local para a arte e cultura, disponibilizando de forma gratuita estas práticas à comunidade.

Simultaneamente a isto, com o objetivo principal na inclusão dos jovens da própria freguesia nas atividades do Centro e como forma de impulsionar “A Vaca Negra” no seio comunitário, inicialmente seriam efetuadas intervenções artísticas escolares, realizadas por artistas que usufruíam do espaço para ensaios, permitindo que o Centro funcionasse como uma residência artística.

Devo admitir que propus inicialmente um projeto demasiado complexo, considerando a dimensão, tempo e recursos que dispunha. Era necessário adaptar a algo exequível para este ano de 2018/2019, podendo considerar-se estas ideias a longo prazo com os recursos necessários.

⁶ *ibidem*

Por idealizar o uso das artes performativas neste projeto, decidi inverter a ideia tradicional de ser o público a dirigir-se à arte, mas sim a arte a dirigir-se ao público. Desta forma foi desenvolvida a ideia de um espetáculo portátil, uma intervenção artística em contexto escolar, dentro da sala de aula dos próprios alunos. Aliando o trabalho anterior desenvolvido para o Centro, foi reformulada e aplicada a atividade A Vaca Negra Vai, dirigida às escolas.

O nome remete para a agilidade do projeto, em que a Vaca Negra vai a qualquer lado, leva a arte consigo de forma flexível, escolhendo “as suas asas”⁷, asas estas que se relacionam com as mais variadas vertentes das artes performativas, desde a dança, música e teatro.

O conceito portátil desmistifica o conceito de sala de aula, no sentido em que a Arte pode ser vista e percebida em qualquer lado, indo em contra a dicotomia entre a Arte e a Educação percebidas como áreas que não se cruzam.

A mobilidade deste conceito, que permite o transporte do ato performativo para qualquer lado, facilita o alcance do público. O projeto não requer grande logística por parte das escolas, considerando que os alunos já estão no espaço onde se realiza a performance e que o projeto pode ainda aproveitar os recursos físicos e materiais, eventualmente necessários, já existentes.

A motivação para o desenvolvimento deste projeto foi a criação de um vínculo entre dois pontos de interesse pessoais: a arte e temáticas sociais atuais.

O uso da arte como ferramenta aliada ao currículo de ensino, pode permitir uma inovação no paradigma formal, entendendo esta prática pedagógica numa perspetiva ampla.

De acordo com Pereira et al. (2014, p. 12) a educação surgiu devido a uma sociedade composta na pessoa humana como humana, numa civilização baseada na cultura, na relação e no encontro entre os indivíduos. Considerando esta ideia e na tentativa de defesa da junção das duas áreas – arte e educação – seria de grande apreço que este projeto contribuísse para reforçar a importância e potencialidade da educação artística.

3.2) Produção da Ação

Antes de continuar, é importante assinalar que “A Vaca Negra” foi a escolha para o desenvolvimento deste projeto por três razões.

Primeiro por ser o Centro onde foram desenvolvidas algumas atividades artísticas a solo e com colegas, permitindo um crescimento próprio a vários níveis.

⁷ Slogan do Centro “A Vaca Negra”

Em segundo lugar, por acreditar no seu potencial como um Centro que pode efetivamente descentralizar a arte e permitir um impulso a vários jovens artistas.

Por último, pela convicção inicial que este projeto aliado a uma instituição teria mais força, oferecendo credibilidade e aceitação deste conceito, pelo menos, a uma escala local.

Ao longo da etapa da definição do projeto, foram várias as reuniões com o presidente d' A Vaca Negra como forma de tentar obter algum apoio financeiro e logístico, assim como da Câmara Municipal de Guimarães, da qual o mesmo também é membro.

Entre o tempo que passava sem resposta de ambas entidades, o desenvolvimento do projeto continuou com os recursos disponíveis, mantendo motivação própria e desvinculando-me da expectativa deste possível apoio.

Este fator permitiu concluir que a necessidade que avistava inicialmente em aliar-me a esta instituição, de forma a facilitar o acesso às escolas, não era necessária, pois consegui a aceitação de dois estabelecimentos de ensino para a realização da performance, através do contacto e reuniões com a direção de ambos.

3.2.1) Instituições envolvidas

Avanço para a explicação da escolha da equipa, a logística envolvida na produção da intervenção e as instituições envolvidas neste processo.

“A Vaca Negra” - Centro para a Criação, Arte e Cultura é a principal estrutura envolvida, considerando que este projeto foi desenvolvido na tentativa de ajudar a renovar e renascer este Centro, agora em declínio quanto a atividades artísticas.

A Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira e o Centro Escolar de Urgezes foram as instituições de ensino que aceitaram a realização do projeto.

O pedido de adesão das escolas implicou a definição prévia da faixa etária para quem seria realizada a performance. Foram colocadas duas hipóteses para esta experiência piloto: a criação de uma performance adequada às diferentes idades, considerando os alunos do 1º ciclo, 2º ciclo e ensino secundário, filtrando posteriormente quais as instituições mais recetivas; ou considerar apenas alunos do primeiro ciclo, com a faixa etária dos seis aos nove anos, por serem alunos que estão a iniciar o seu percurso escolar.

Tem sido atribuída uma importância cada vez maior à participação das crianças na sociedade. A sociologia da infância estuda esta participação e atribui-lhe cada vez mais ênfase e,

tal como Tomás (2007, p. 48) defende, as crianças são atores sociais que podem expressar as suas ideias e aspirações.

Apropriando-me desta noção e daquilo que a mesma pode acrescentar ao meu projeto, foi considerada a segunda opção, permitindo que as crianças do primeiro ciclo possam crescer como cidadãos ativos e com voz, preocupados e sensibilizados com temáticas sociais.

A primeira hipótese pode ser considerada para execução em anos posteriores com os recursos e apoios financeiros, materiais e logísticos necessários.

Geograficamente, as escolas localizam-se em freguesias próximas entre si. Ambas num meio mais periférico da cidade, o que justificou a relevância do meu projeto, uma vez que, comparativamente a escolas do centro da cidade, as que se localizam na periferia têm, segundo o Professor Alexandre Martins⁸, “menos acesso a oferta cultural e artística”.

O Centro Escolar de Urgezes foi a primeira escolha devido à sua localização ser a mesma d’A Vaca Negra, a três minutos de distância desta última, sendo uma escola conhecida na freguesia, em que as crianças tinham por hábito frequentar, participando nas suas atividades.

Quanto à Escola Básica de Nespereira a seleção foi uma sugestão de um dos membros da equipa docente de teatro da escola, que considerou interessante e inovador receber este tipo de projeto na instituição onde leciona. Este membro funcionou, assim, como uma porta de acesso ao contacto com a mesma.

Após a primeira reunião com as instituições para explicar o projeto, em que consistia e como seria realizado, ambas se demonstraram disponíveis e recetivas quanto ao uso do espaço escolar e a participação dos seus alunos para a intervenção.

Tal como o Professor Alexandre⁹, docente do Centro Escolar de Urgezes, justificou na sua entrevista, a própria escola e os professores esforçam-se na organização de atividades extracurriculares com os alunos, de forma a promover uma aproximação maior a atividades culturais e, inclusive, tentar promover a importância destas atividades junto dos encarregados de educação de cada criança.

O grande entrave na concretização destas atividades é a falta de tempo para realizá-las, devido ao plano de estudos lotado com disciplinas e matérias para lecionar. Assim como afirmou a Professora Alice¹⁰ “o programa do primeiro ciclo é extremamente intenso”.

⁸ Professor Alexandre, docente do 2º e 3º ano, do Centro Escolar de Urgezes, Guimarães. Entrevista realizada a quatorze de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ Professora Alice, docente do 3º ano, da escola básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, Guimarães. Entrevista realizada a dezasseis de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

O projeto A Vaca Negra Vai colmata esta lacuna, reconhecida pelos próprios professores, por permitir a aproximação dos alunos à arte e à cultura, além de abordar e representar temas diferentes do plano de estudos. A consistência e a continuidade deste projeto, para realizar-se pontualmente nas escolas ao longo do ano letivo, necessita de apoio logístico e é por este motivo que se torna importante o envolvimento da Câmara Municipal de Guimarães.

Neste sentido, a Câmara de Guimarães foi contactada como tentativa em conseguir o seu apoio no desenvolvimento do projeto. Este tipo de estruturas quando aliadas a projetos com estas características, conferem credibilidade junto da comunidade, por permitirem uma ação direta nas escolas, promovendo a maioria dos espetáculos artísticos e culturais da cidade. A nível financeiro, também era pretendido uma verba, de forma a facilitar a construção de um espetáculo com melhores condições.

Envolver a Câmara Municipal de Guimarães neste projeto tinha como objetivo a aliança com uma estrutura que se envolve e projeta eventos e atividades educacionais junto das comunidades, podendo conceder força e ampliar este projeto, não só este ano, mas também nos anos seguintes.

Foi enviado um Plano Geral de Orçamentação (Anexo 4) com um Cronograma dividido em três etapas: Cronograma da Atividade Principal, Cronograma dos Recursos Humanos e Cronograma da Política de Comunicação, seguido com o Orçamento Previsional para este ano piloto. Além disso, incluía a planificação da preparação do espetáculo, considerando o ensaio com os artistas e o mês da realização das performances.

Para desenvolver o Plano Provisório, foram considerados diversos aspetos, inclusive os custos envolvidos, caso a equipa fosse composta por artistas profissionais e se os recursos financeiros fossem o dobro, como foi projetado inicialmente. A base deste plano partiu daí com algumas alterações até ao Plano de Orçamentação Oficial que se aproximou mais da realidade.

Uma grande parte do projeto ficou inviabilizado pela falta de resposta e suporte financeiro, quer por parte da Câmara Municipal, quer pelo próprio centro “A Vaca Negra”. Além dos benefícios que este apoio traria ao projeto, também a própria cultura da cidade seria beneficiada devido à formação de novos públicos, assim como pela utilização de profissionais da área, promovendo o trabalho de artistas da própria cidade.

A inexistência deste apoio provocou a procura de artistas voluntários das diferentes áreas e, desta forma, outra estrutura envolvida no projeto foi a Licenciatura em Teatro da Universidade do Minho, devido à coorientação por parte da docente Cátia Faisco, do Pólo de Teatro da

Universidade. Assim, foi possível entrar em contacto com um dos membros da equipa que realizaria a parte teatral e pedir empréstimo de material que foi necessário para a performance.

3.2.2) Caracterização da Amostra

3.2.2.1) As escolas

Para este primeiro ano, foi planeado que o projeto se desenvolvesse em três escolas primárias da periferia de Guimarães, com toda a sua dramaturgia pensada para crianças do primeiro ciclo, com idades compreendidas entre os seis e os nove anos.

Por falta de tempo da própria equipa de artistas, o projeto foi realizado em apenas duas escolas, no mesmo dia, vinte e três de abril, no Centro Escolar de Urgezes e na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira.

Ao utilizar o espaço escolar como palco da performance pretendeu-se que as crianças desenvolvessem o seu espírito crítico e de reflexão perante a sua observação. Toda essa experiência é parte das suas aprendizagens, podendo construir um conhecimento que as desafia.

Historicamente, a Educação é tão antiga quanto a humanidade e a educação evoluída do presente, permitiu-se sê-lo, devido às valências do passado, provocando impactos em termos sociais e profissionais. Segundo Carneiro (2008, p. 55), vivemos num mundo em estado constante de mudança e não devemos temê-la.

Em sociedade ou em comunidade o ser humano tem, assim como sempre teve, a capacidade de estabelecer e manter uma teia de relações entre si, até porque, como refere Carneiro (2008, p. 62), o ser humano sempre viveu, vive e vai continuar a viver em sociedade. O desenvolvimento das relações sofre alterações com o passar do tempo, principalmente nesta que é uma sociedade cada vez mais multicultural e globalizada.

A escola tem a responsabilidade de educar jovens e crianças para o suporte desta mudança e para o estabelecimento pacífico das suas relações. Como refere Leite (1989, p.17), a escola é uma estrutura fundamental na construção do processo social.

As crianças não aprendem todas de igual forma e, como defende, Eunice Pinto (2017)¹¹, os resultados escolares só serão de sucesso se a criança se encontrar emocionalmente tranquila, com uma visão mais ampla do mundo. O trabalho desenvolvido pela coach envolve a intervenção

¹¹ Eunice Pinto, fundadora da Academia Sucesso. Utiliza Programação Neurolinguística e técnicas de *coaching* com os alunos.

infantil e programação neurolinguística, defendendo um ensino mais lúdico e criativo, compreensível para todas as crianças.

O projeto A Vaca Negra Vai pretende promover esta intervenção mais lúdica e criativa junto das crianças, através dos temas inerentes a este projeto, que pretendem incluir uma visão mais global sobre os problemas diários e recorrentes da vida, através do dinamismo simultâneo à aprendizagem.

3.2.2.2) Os alunos

A amostra do projeto é composta por alunos do 2º e 3º ano do ensino básico, que numa fase inicial tinha sido definida apenas para alunos do 3º ano.

Na fase inicial, o projeto foi definido para ser apresentado apenas para as crianças do 3º ano. No entanto, foi pedido pelo Centro Escolar de Urgezes, que também a turma do 2º ano fosse inserida nesta intervenção, por ser uma turma mista do 2º e 3º ano. Assim sendo, o público-alvo deste projeto foram alunos do 2º e 3º ano de escolaridade.

As crianças gostam de atividades apelativas onde se sintam envolvidas e algo tão dinâmico como as artes performativas podem permitir este envolvimento dentro do espaço escolar. De acordo com Pereira et al., (2014, p. 109), a educação estabelece a ligação do indivíduo à comunidade, o vínculo com a vida e os seus ciclos. Não se encontra limitado a proporcionar e oferecer conhecimentos formais.

3.2.2.3) Equipa de trabalho

Enquanto aguardava resposta em relação à proposta de orçamentação enviada à Câmara Municipal de Guimarães, iniciei a procura da equipa de artistas.

Acredito na sinergia de artistas e do valor que acrescenta ao projeto. Apesar da orientação da performance ser de meu cargo, cada membro da equipa acrescentou um pouco da sua essência enquanto artista e amante da arte.

Não era minha pretensão uma equipa muito grande devido ao espaço que teríamos para realizar a performance e, assim sendo, defini que a equipa seria composta por cinco a seis elementos, incluindo duas bailarinas, um ator e cerca de dois a três músicos, conforme a necessidade.

O primeiro passo a considerar foi a criação de uma banda sonora que fosse de encontro à temática da performance, para adaptar o guião do espetáculo e a coreografia.

Um dos músicos que convidei para integrar a equipa, juntamente com outro colega, aceitaram este projeto sem qualquer tipo de remuneração e facultaram-me o contacto de um produtor musical.

Foi agendada uma reunião com o mesmo, à qual aceitou de imediato nas mesmas condições. Segundo o produtor, foi pela sua vontade de querer ser parte integrante de um projeto que envolve não só arte como a vertente social.

Na primeira reunião com o produtor musical, foi explicado especificamente como tudo iria acontecer, desde o primeiro até ao último minuto e nesse dia definimos as seguintes reuniões. A fase de composição musical foi uma das fases mais trabalhosas do projeto, necessitando de inúmeras alterações e ajustes.

Toda a composição musical (Anexo 5) foi construída após a definição dos temas da performance, para que, desta forma, fosse possível uma sincronização da música com cada momento da ação.

Enquanto era desenvolvida esta parte do projeto, foi lançada uma convocatória para procura de artistas nas redes sociais do Centro. Foram obtidas algumas respostas e agendadas entrevistas, de acordo com os perfis que mais se enquadravam com as necessidades do projeto.

Foram definidos alguns pontos que seriam transmitidos a qualquer artista no momento da procura, tais como: a inexistência de remuneração, a flexibilidade de horários para ensaios e disponibilidade na data da intervenção.

O primeiro ponto foi o mais complexo de todos e o que mais refletiu nas entrevistas realizadas. O conceito agradou a diversos, mas poucos ou quase nenhum aceitou o trabalho pela falta de remuneração.

Como esta era uma justificação que se repetia imensas vezes, foi programado outro plano. Foi proposto a duas colegas de uma academia de dança a sua participação no projeto, aceitando-o com bastante entusiasmo.

A coorientadora deste projeto facultou o contacto de um ex-aluno, que lecionava atividades com crianças da idade do público-alvo d'A Vaca Negra Vai aceitando e partilhando algumas das suas ideias para tornar a performance mais dinâmica.

Apesar de apoiar a valorização do trabalho artístico, não foi possível avançar com remuneração à equipa participante, pela falta de apoio financeiro ao projeto.

Todos foram colocados a par das condições, estando a equipa completa e pronta a reunir com todos os membros integrantes.

3.2.3) Reuniões

3.2.3.1) Reuniões com a Equipa

Durante a primeira reunião de equipa, foram discutidas compatibilidades e definidas disponibilidades, de forma a criar um plano de ensaios com toda a equipa para o mês anterior à performance.

A disponibilidade para ensaios foi o mais difícil de conseguir. Era um facto previsível e, assim sendo, era necessário procurar soluções. Agrupou-se os ensaios de acordo com as diferentes artes: ensaios individuais com as bailarinas para a parte coreográfica; ensaios individuais com o ator para a parte teatral; e ensaios individuais com os músicos para a parte musical.

Todos os ensaios aconteceram dois meses antes das intervenções escolares, mais precisamente entre o início de março até abril, quando toda a logística com as escolas e a produção musical já estava definida. Posteriormente aos ensaios individuais, foram realizados ensaios conjuntos.

De forma a facilitar o contacto entre todos, foi criado um grupo na rede social Facebook, onde todas as semanas todos os membros colocavam a sua disponibilidade para ensaiar em conjunto. Apesar desta dificuldade, o facto de cada artista trabalhar individualmente as suas partes da performance, facilitou o resultado final. Foram realizados três ensaios gerais, embora apenas no último estivessem presentes todos os elementos. Estes ensaios decorreram nas duas semanas pré-intervenção escolares (Figura 1).



FIGURA 1 - EQUIPA DE ARTISTAS NA ESCOLA BÁSICA 1/JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA.

3.2.3.2) Reuniões com as Escolas

Nas reuniões com os membros da direção escolar, foi explicado em que consistia o projeto e o motivo da escolha de cada escola para a sua realização. Foi também definida a data da intervenção, apontada para vinte e três de abril, por ser uma data flexível para ambas.

Nesse dia, o Centro Escolar de Urgezes receber-nos-ia da parte da manhã, às onze horas, e da parte da tarde seria a Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, às quinze horas.

Em cada uma das escolas, na primeira reunião, foi apresentado todo o espaço escolar, por cada membro da direção e foi sugerido de minha parte que a intervenção se realizasse na própria sala de aula dos alunos, pelo conceito inerente ao próprio projeto.

Contudo, na Escola Básica 1/ Jardim de Infância de Nespereira existia uma sala própria para a realização das aulas de teatro e todo o tipo de atividades extracurriculares. Foi pedido, pela diretora, que a performance se realizasse nesse espaço, por questões de logística da sala de aula das crianças. A própria diretora da escola não queria que a sala fosse modificada para uma atividade com duração tão curta.

Esta decisão não se adequava com o pretendido porque contrariava o objetivo principal do projeto. O objetivo desta intervenção consiste na realização da ação dentro da sala de aula de forma a diferenciar-se das demais atividades que os alunos já realizam na sala propositada ao teatro. Ainda assim, mesma foi realizada fora do contexto do projeto.

No Centro Escolar de Urgezes foi escolhida uma sala de aula com mais espaço pela quantidade de alunos que assistiu, considerando que nesta escola duas turmas assistiram à intervenção.

3.2.4) Logística de materiais e equipamentos

Foi projetado e definido todos os recursos materiais necessários, nomeadamente a decoração do palco que, neste caso, seria a sala de aula, assim como a roupa para cada artista.

Relativamente ao palco, a opção era simples, considerando que a performance seria dentro de uma sala de aula onde o cenário não podia ser muito modificado, de forma a manter o conceito d'A Vaca Negra Vai.

Pela inexistência de recursos financeiros, o cenário e as roupas dos artistas foram improvisados, assim como explicado mais à frente neste relatório.

Embora as salas estivessem equipadas com material de som básico, os músicos e o produtor musical disponibilizaram a sua aparelhagem e colunas para projetar uma melhor qualidade de som e, sendo assim, não foi necessário requisitar este tipo de material.

Relativamente à gravação da performance era imprescindível equipamento de vídeo e fotografia para registar a primeira intervenção deste projeto. Paralelamente a isto, foi utilizado um foco de luz, colocado no meio do palco, de forma a criar uma envolvente teatral.

3.3) A construção do espetáculo performativo

Desde o primeiro rascunho deste projeto até à sua definição final, o conceito portátil esteve sempre presente. A possibilidade de transportar o espetáculo para outros locais é o que diferencia este projeto de outras atividades artísticas, a que as escolas se habituaram, como a ida ao teatro ou ao cinema.

Paralelamente a esta distinção, este projeto foi construído de forma colaborativa e pretende continuar a sê-lo. O guião da performance já estava definido, mas todos os artistas envolvidos contribuíram com o melhor das suas artes para uma performance e um projeto mais personalizado.

Cada parte da ação foi pensada detalhadamente, possibilitando a correlação das diferentes artes e das diferentes estórias representadas. Foi criada uma envolvente interpessoal, através de quatro elementos que pretendiam captar a atenção do público: a roupa, as cores, os autocolantes e uma lanterna.

É importante acrescentar que, em todo ato performativo, existiu o cuidado em manter contacto direto com as crianças, através do olhar, para criar uma sensação de proximidade entre os artistas e o público. Foi pretendido projetar várias emoções desde felicidade, surpresa, medo, ira, determinação, desgosto, desprezo e dor, para alcançar um misto de emoções nas crianças.

Relativamente ao guião da performance (Anexo 6), o mesmo foi desenvolvido com as três artes envolvidas: a dança, o teatro e a música.

3.3.1) Dança

De acordo com Sousa (2003, p. 165), o objetivo da dança educativa não é o ensino de dança, mas sim a educação, permitindo o desenvolvimento da personalidade da criança. Esta linha de pensamento encontra-se sincronizada com o projeto A Vaca Negra Vai.

Manteve-se em consideração a idade do público e, dessa forma, uma coreografia muito elaborada não era o objetivo. O foco era o sucesso na transmissão da mensagem e não a transmissão de técnicas de dança específicas (Figura 2). A coreografia foi desenvolvida com passos simples dando ênfase à expressão facial e corporal. Os temas racismo e *bullying* foram os representados por esta arte.



FIGURA 2 - BAILARINAS, INÊS E CATARINA, MOMENTOS ANTES DA PERFORMANCE NO CENTRO ESCOLAR DE URGEZES

Ficou decidido, em reunião com as bailarinas, utilizar o preto e o branco na cena do racismo, por serem cores facilmente reconhecidas como opostas, na tentativa de representar, simultaneamente à coreografia, a diferença e a igualdade das coisas e pessoas.

Na cena do *bullying*, o ambiente da ação era escolar e, de modo a transmitir uma ação realista, foi utilizada roupa jovem/infantil. A intenção era que as crianças revivessem momentos que já passaram, que já fizeram alguém passar ou que já viram a acontecer, funcionando, quando aplicável, como efeito de espelho.

3.3.2) Teatro

Considerando que na parte teatral foi representada a guerra e as suas vítimas, o guião foi inspirado em casos reais, em crianças de oito anos que vivenciaram o terrorismo. Optou-se por fazê-lo para que transmitisse a ideia de que existem crianças que efetivamente passam por situações iguais ou semelhantes. De acordo com a Professora Alice¹², os alunos “ficaram

¹² Professora Alice, docente do 3º ano, da escola básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, Guimarães. Entrevista realizada a dezasseis de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

preocupados com a questão da guerra [...] e perguntaram se “é mesmo assim?”. A partir dessa questão desenvolveram um diálogo sobre o tema, esclarecendo algumas ideias sobre o mesmo (Figura 3).



FIGURA 3 - ATOR, ZACARIAS, MOMENTOS ANTES DA PERFORMANCE NA ESCOLA BÁSICA 1/JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA

Outro exemplo sobre o impacto deste tema nas crianças foi no Centro Escolar de Urgezes, onde a Professora Odete¹³ referiu que, numa atividade escrita, alguns alunos “foram buscar a situação da guerra”.

A roupa verde escura e terra fizeram parte do figurino, de forma a associar diretamente ao tema em questão. A execução da ação foi atenciosa com a utilização das palavras, adaptando-se à faixa etária, considerando que o público foi mais jovem, mais sensível e com menos conhecimento em determinadas questões relativas ao tema.

3.3.3) Música

Em reunião com os músicos e produtor musical, ficou decidido incluir música ao vivo para criar mais dinamismo na performance. A abertura foi composta por uma banda sonora com ritmo crescente, representando o mistério, curiosidade e atenção.

De acordo com um artigo publicado pela Ham & High Education (2019) a prática de um instrumento desenvolve a coordenação, criatividade e capacidade motora nas crianças. Estas

¹³ Professora Odete, docente do 3º ano, do Centro Escolar de Urgezes, Guimarães. Entrevista realizada a quatorze de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

conseguem obter um melhor desempenho acadêmico por reconhecerem as recompensas existentes que advêm do esforço, da prática e da disciplina.

No ato performativo não existiu envolvimento das crianças na prática de instrumentos, apenas a sua observação. Apesar disso, o projeto pretende incentivar a sua prática pelos benefícios que promove, reconhecidos também pelos próprios professores dos alunos.

3.3.4) Elementos comuns da performance

Foram desenvolvidos alguns elementos em comum utilizados durante toda a performance, ao longo dos três tipos de arte.

Primeiramente, para uma maior interação, ficou decidido associar cada tema da performance a uma cor, através de autocolantes de papel amarelos, azuis e verdes (Figura 4). A turma foi dividida em três grupos e, a cada grupo, distribuída uma cor. Cada artista tinha na sua roupa a cor correspondente a cada tema e foi explicado aos alunos que os círculos de papel lhes permitia associar cada tema a uma cor.



FIGURA 4 – AUTOCOLANTES ATRIBUÍDOS AOS ALUNOS, CADA COR REPRESENTA OS TEMAS *BULLYING*, RACISMO E GUERRA, RESPETIVAMENTE

Este detalhe teve como objetivo criar um elo de ligação com as crianças e os artistas, permitindo uma performance mais dinâmica. Desta forma, as crianças estariam atentas a qual cor pertencia o seu tema, facilitando a associação e interpretação para o mesmo.

Outro elemento comum durante a performance foi o uso de uma lanterna. Em cada tema, a lanterna representava um objeto diferente: no *bullying* era um brinquedo, na guerra era uma arma e no racismo jogou-se com as luzes entre o escuro e o claro.

Toda a performance foi contínua, não houve uma quebra nos momentos, criando assim uma ligação entre todas as histórias e permitindo um misto de emoções contínuo nas crianças.

3.3.5) Escolha dos temas da performance e a sua importância

Como já referido, este projeto teve como objetivo retratar temas de cariz social através das artes performativas. A intenção era tentar demonstrar que esta técnica, inserida no ensino como uma estratégia para a aprendizagem nas crianças, se torna dinâmica para os mesmos e pode proporcionar uma maior noção das suas próprias atitudes e comportamentos.

Trabalhar estas noções implica não só o envolvimento da criança, mas também dos adultos, nomeadamente a família e os professores, que são agentes transmissores de informação aos mais novos.

A escolha dos temas para este ano não foi aleatória. Na primeira visita aos respetivos estabelecimentos escolares, foram entregues questionários informais às crianças para que as mesmas escolhessem temas que consideravam interessantes abordar em sala de aula.

Como foram recolhidas preferências de escolas diferentes, obteria, certamente, resultados diferentes. Assim sendo, antecipou-se a seleção com temas que já tinham sido projetados para este ano. Estes questionários serviram para analisar a eleição dos alunos frente a diferentes tipos de temas.

Mais à frente, neste relatório, na secção “metodologias”, encontram-se relatados, detalhadamente, os resultados obtidos com esta técnica de recolha de informação.

Os temas escolhidos para a performance foram o racismo, o *bullying* e a guerra, com inclusão do tema das crianças vítimas de guerra.

Retratar estes temas junto a crianças mais novas foi um desafio e a forma como foi transmitida a mensagem implicou um trabalho conjunto de toda a equipa, para que não fosse ultrapassado nenhum limite de sensibilidade. A ideia deste projeto não é promover a noção de algo que as crianças ainda não sabem, mas sim tentar prevenir atitudes que acontecem ou podem acontecer.

PLANO DE ORÇAMENTAÇÃO, PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO

A etapa de orçamento do projeto foi desenvolvida da forma mais realista quanto possível para este ano piloto. Foram desenvolvidas algumas adaptações, mas a ideia base manteve-se.

Para conseguir desenvolver A Vaca Negra Vai, foi concebido um plano fundamental que serviria de guia para manter o foco no essencial.

Como supracitado, foi elaborado um Plano de Orçamentação, enviado à Câmara Municipal de Guimarães, com objetivo de conseguir algum apoio ao projeto.

O Plano de Produção foi desenvolvido simultaneamente ao Plano de Orçamentação. Desta forma, facilitava a perceção dos custos que envolviam cada ação, consoante a necessidade incluída na produção da performance.

Por dar-se demasiado foco à parte da produção e conceção da performance, o Plano de Comunicação não foi prioritário, sendo uma parte do projeto a desenvolver com mais relevância nas próximas edições do projeto.

Foi desenvolvido o cartaz da intervenção (Figura 5), colocado nas escolas, no próprio dia da performance.

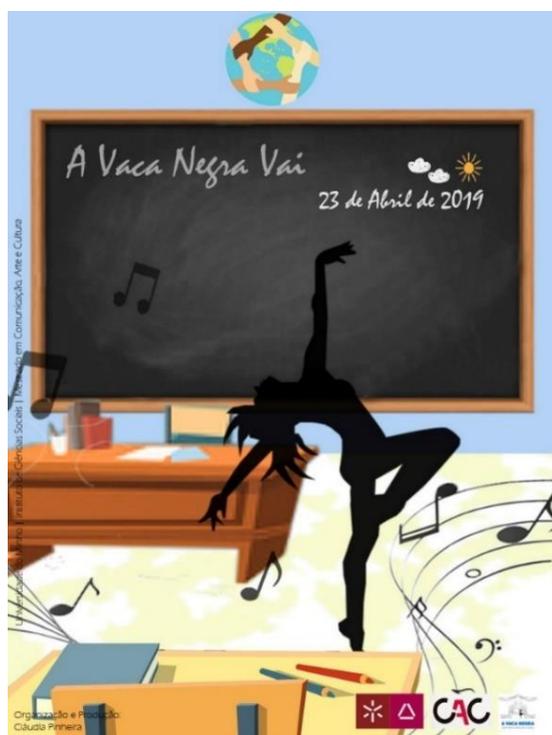


FIGURA 5 – CARTAZ DO PROJETO A VACA NEGRA VAI, EDIÇÃO 2019

Foi desenvolvida uma apresentação do projeto para o blog do curso Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura (Anexo 7), possibilitando o acesso e conhecimento do projeto a todos os colegas e docentes da Universidade¹⁴.

Além disso, foi enviado um *press release* ao jornal e rádio local da cidade, Guimarães Digital (Anexo 8). O objetivo foi partilhar iniciativas e ações que, embora com dimensão mais pequena, aconteceram em escolas da cidade.

¹⁴ Texto disponível em: <https://comartecultura.wordpress.com/2019/07/18/as-artes-performativas-de-maos-dadas-com-a-educacao>

PARAMETRIZAÇÃO DOS RESULTADOS

Para este ano de experimentação, o objetivo d'A Vaca Negra Vai era testar a sua viabilidade e adesão por parte das escolas.

Este ano permitiu explorar o interesse das mesmas neste tipo de atividades, incluídas no seu espaço escolar, melhorar diversos fatores, desde a forma como se captura o interesse do público-alvo, assim como a nível de produção e verificar as melhorias necessárias para a próxima edição.

Depois de toda a execução prática, é então necessária uma avaliação dos resultados, comparando o que foi planeado com o que foi executado, incluindo os imprevistos que aconteceram.

Começo por expressar a minha avaliação positiva em relação ao projeto. Apesar de não obter as condições financeiras e logísticas planeadas inicialmente, tudo o resto aconteceu dentro do previsto.

5.1) Relatório dos acontecimentos

Foi desenvolvido um conjunto de normas respeitadas por todos os membros da equipa (Figuras 6 e 7) no dia da atuação, tais como:

- A chegada ao recinto escolar aconteceu uma hora antes da hora agendada na escola;
- Os artistas levaram todo o equipamento, roupa e maquilhagem que necessitaram para a performance;
- O pré-ensaio na sala de aula foi realizado no dia da atuação, no início dessa hora;
- Ao integrarem o seu personagem, foi obrigatório a verificação do uso dos autocolantes com as cores correspondentes aos temas;
- O sound-check, o teste de câmara e vídeo e a verificação do funcionamento do foco de luz, foram efetuados nesse espaço de tempo.



FIGURA 6 – PREPARAÇÃO DOS ARTISTAS E DO ESPAÇO PARA A PERFORMANCE NO CENTRO ESCOLAR DE URGEZES



FIGURA 7 – PREPARAÇÃO DOS ARTISTAS E DO ESPAÇO PARA A PERFORMANCE NA ESCOLA BÁSICA 1 / JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA

Assim que os alunos entraram na sala de aula, foi pedido que, de forma alinhada, se sentassem em formato da letra “U”, encostados às paredes, para que o palco dos artistas fosse o centro da sala, com o objetivo de facilitar a divisão da turma em três grupos. A cada aluno foi distribuído o círculo de papel com uma cor, correspondente a cada tema.

No final da performance iniciou-se um diálogo com as crianças. No intervalo de tempo entre quinze a vinte minutos, os alunos foram questionados sobre a perceptibilidade das histórias que observaram. Em cada escola obteve-se um dinamismo diferente por parte dos mesmos, alguns foram mais introvertidos e outros mais dinâmicos.

Foi pedido aos alunos que, de parte em parte, explicassem as mensagens transmitidas pela performance. De uma forma geral, conseguiram perceber que a utilização do preto e do branco

não estava diretamente associada ao racismo, apesar de conseguirem entender que as atitudes representadas estavam relacionadas com o tema (Figura 8). Conseguiram também reconhecer algumas atitudes que acontecem diariamente entre colegas, tais como o julgamento, a não partilha e a falta de entreaajuda.



FIGURA 8 – PERFORMANCE DINÂMICA PRESTADA PELS O ARTISTAS NA ESCOLA BÁSICA 1 / JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA

Posteriormente a esta conversa, aconteceu um momento inesperado quando as crianças questionaram o tipo de instrumentos que os músicos utilizaram.

Admiradas com os instrumentos - cajón¹⁵ e bombo - pediram aos músicos para os experimentarem. A turma foi dividida em três grupos e durante cerca de quinze minutos deu-se início a uma atividade improvisada. Enquanto alguns alunos praticavam dança, outros executavam exercícios de expressão facial e outros experimentavam os instrumentos. No final todos se juntaram, dançando ao ritmo da percussão improvisada pelos músicos.

Foi uma experiência enriquecedora para as crianças e para os artistas, mas devido a uma falha técnica no equipamento de vídeo, por motivo alheio, não foi possível registar estes momentos.

Quanto à experiência na Escola Básica 1/ Jardim de Infância de Nespereira, foi notória uma maior perspicácia dos alunos, quer nas suas perguntas como nas suas respostas. Questionaram

¹⁵ *Cajón*: instrumento de percussão original do Perú, utilizado em várias partes do mundo, inclusive na Europa. É composto por madeira com formato em caixa.

diversos detalhes, como por exemplo, o porquê da performance se iniciar com música ao vivo, o porquê de todos os artistas atuarem descalços e as bailarinas utilizarem tintas no rosto (Figura 9).



FIGURA 9 - BAILARINA, CATARINA, ANTES DA PERFORMANCE. NESTA FASE FOI TESTADO O MATERIAL QUE IRIA SER UTILIZADO

Nesta escola, a professora também incentivou o discurso dos alunos e atribuiu alguns exemplos do dia-a-dia escolar. Foi interessante assistir à forma como as crianças respondiam às questões e se sentiam curiosas sobre os diversos assuntos envolvidos na performance.

Relativamente ao equipamento de fotografia, encontrava-se em funcionamento, obtendo assim o registo fotográfico com os alunos (Figura 10).



FIGURA 10 – ARTISTAS E ALUNOS, PÓS-PERFORMANCE, NA ESCOLA BÁSICA 1 / JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA

No final da performance e do diálogo, em ambas as escolas, foram entregues questionários aos professores para serem preenchidos pelos alunos, no próprio dia. A intenção era perceber e registrar a sua opinião.

Na entrevista que foi realizada posteriormente, a Professora Odete, docente do Centro Escolar de Urgezes, afirmou que os alunos sentiram muitas emoções e fixaram as estórias, sendo que quando lhes foi pedido, num exercício de aula, para que desenvolvessem um texto criativo com um tema ao seu gosto, um dos alunos deu o exemplo da guerra. Segunda a professora, tal nunca aconteceu, sendo um ponto muito gratificante para este projeto.

5.2) Metodologias

Para fins de organização de perspetivas, opiniões, recolha de informação e feedback, o projeto foi dividido em três partes: a pré-performance, a performance e a pós-performance.

Assim sendo, tornou-se necessário, nas diferentes fases, perceber de que forma lidar com o público para conseguir obter resultados mais impactantes e também perceber se isso foi concretizado.

Foram utilizados três instrumentos de recolha de dados: questionários, entrevistas e observação participante. A utilização da gravação em vídeo e em fotografias, tinha como objetivo registar o momento, simultaneamente à observação participante. Paralelamente a isto, no final de cada performance, foi desenvolvido um diálogo entre professores, artistas e alunos.

Na fase pré-performance, foram utilizados questionários informais; durante a performance, a técnica da observação e numa fase final, pós-performance, foram realizadas entrevistas individuais e, novamente, questionários aos alunos para parametrização de resultados.

Relativamente aos questionários informais (Anexo 9), conseguiu-se perceber as preferências dos alunos quando se deparam com diferentes temas. Cada aluno pôde escolher três temas à sua preferência. O número apresentado nos gráficos abaixo, representa o número total de escolhas, dos respetivos temas, por cada turma.

As escolhas foram ligeiramente diferentes nas duas escolas, como se pode observar na tabela seguinte (Tabela 1):

TABELA 1- RECOLHA DE DADOS DOS QUESTIONÁRIOS REALIZADOS NAS ESCOLAS ENVOLVIDAS NO PROJETO (CENTRO ESCOLAR DE URGEZES E NA ESCOLA BÁSICA 1/JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA).

Temas	Centro Escolar de Urgezes. Turma 2º e 3º ano, N=24	Centro Escolar de Urgezes. Turma 3º ano, N=15	Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira. Turma 3º ano, N=18	Geral
	Número de Seleções			
Guerra	9	13	5	27
Crianças vítimas de Guerra	14	4	7	25
Sustentabilidade	6	5	8	19
Violência entre amigos	11	4	6	21
Países subdesenvolvidos	7	2	9	18
Racismo	8	3	3	14
Violência na família	3	8	7	18
Igualdade de direitos	7	4	1	12
Aquecimento global	11	3	8	22

Observando a tabela 1, os temas mais selecionados pelas turmas do 2º e 3ºano foram guerra, crianças vítimas de guerra, violência entre amigos e aquecimento global com o mesmo número de seleções. Na turma do 3ºano os temas mais selecionados foram guerra, violência na família e sustentabilidade e na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, turma do 3º ano, os temas mais selecionados foram países subdesenvolvidos, sustentabilidade e aquecimento global, com o mesmo número de seleções, e crianças vítimas de guerra.

De forma geral, os temas com maior número de seleções foram a guerra, as crianças vítimas de guerra e o aquecimento global, como se pode observar na tabela 1.

Assim, face a estes resultados, o tópico mais selecionado (Guerra) foi o escolhido para ser interpretado na performance deste projeto juntamente com a 'violência entre amigos' e as 'crianças vítimas de guerra'. Contudo, previamente foi feito um processo de seleção das temáticas e elaborado um plano para a produção musical e coreográfica, sendo o 'racismo' o tema a ser desenvolvido e não o 'aquecimento global' que teve maior seleção entre os alunos.

Enquanto investigadora participante da ação, procedi à observação atenta dos acontecimentos, reações e expressões, durante a performance, com o cuidado de registar os momentos observados, recorrendo ao uso da fotografia e vídeo para esse efeito.

Todavia o registo não foi apenas fotográfico. No final da ação houve um debate, onde se concluiu que, de uma forma geral, as crianças são atentas e curiosas. Aprendem mais facilmente sobre um assunto quando este é trabalhado/desenvolvido de forma mais dinâmica e quando este dinamismo envolve o seu espírito de opinião e criatividade.

Este debate final entre os alunos, artistas e professores, permitiu que as crianças clarificassem as ideias que tinham registado e perceber se a mensagem tinha sido facilmente compreendida por todos. Alguns factos para eles não eram tão óbvios, como o uso da música ao vivo, os pés descalços durante a performance, o uso de tinta nas bailarinas ou a estória sobre a guerra.

Em ambas intervenções, todas as crianças souberam explicar o que é o racismo e o que entenderam pelo facto de uma bailarina representar o preto e outra o branco. Conseguiram entender que a cor era meramente ilustrativa para demonstrar as diferenças que existem entre as pessoas, que podem ser desde a sua cor de pele ou de uma pessoa que seja de uma religião diferente.

A outra técnica utilizada para recolha de feedback, foi a entrevista individual aos três professores das escolas envolvidas no projeto (Anexo 10 e 11).

Nesta entrevista foi questionada a receptividade dos alunos e da própria escola relativamente a programas artísticos que envolvem o espaço da sala de aula como palco, a disponibilidade em receber este género de projetos, o interesse dos alunos e professores nos temas abordados na performance, assim como a frequência com que são discutidos em período de aulas.

Foi discutida a questão da iniciativa paternal para atividades extracurriculares, como a ida ao teatro ou outros eventos artísticos, assim como a importância da escola na vida das crianças.

Segundo a professora Odete¹⁶, se não for na escola, em casa são poucos os pais que despendem tempo para atividades com as crianças.

Como foi referido na apresentação inicial deste projeto, “A Vaca Negra” - Centro para Criação, Arte e Cultura, tinha já sido alvo de estudo quanto à sua estruturação e organização atual no primeiro ano do mestrado. Nessa altura, foi realizada uma entrevista ao ex-diretor artístico do centro, Paulo César Gonçalves e uma entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia de Urgezes e Presidente d’A Vaca Negra- Centro para Criação, Arte e Cultura (Anexo 12). As informações fornecidas por ambos foram utilizadas para a construção deste projeto.

Em relação aos questionários entregues aos alunos, no final de cada performance (Anexo 13), cada questionário era composto por treze questões, no qual seis destas eram de resposta fechada e as restantes de resposta aberta. Os resultados destes questionários encontram-se nos gráficos 1, 2 e 3.¹⁷

As questões fechadas colocadas foram as seguintes:

Questão 1: Gostaste da apresentação de artes performativas realizada na tua escola?

Questão 4: Percebeste a mensagem que cada cor quis transmitir?

Questão 6: Gostavas que houvessem mais espetáculos como estes na tua escola?

Questão 7: Os temas que foram representados foram fáceis de perceber?

Questão 11: Gostaste de ter um espetáculo como este na tua escola?

Questão 13: Gostavas que este espetáculo se voltasse a repetir na tua escola?

¹⁶ Professora Odete, docente do 3º ano, do Centro Escolar de Urgezes, Guimarães. Entrevista realizada a quatorze de maio de 2019. Objetivo principal na recolha de perspetivas sobre a relação entre as artes e o ensino.

¹⁷ As perguntas que obtiveram respostas iguais foram colocadas apenas uma vez no corpo de texto.

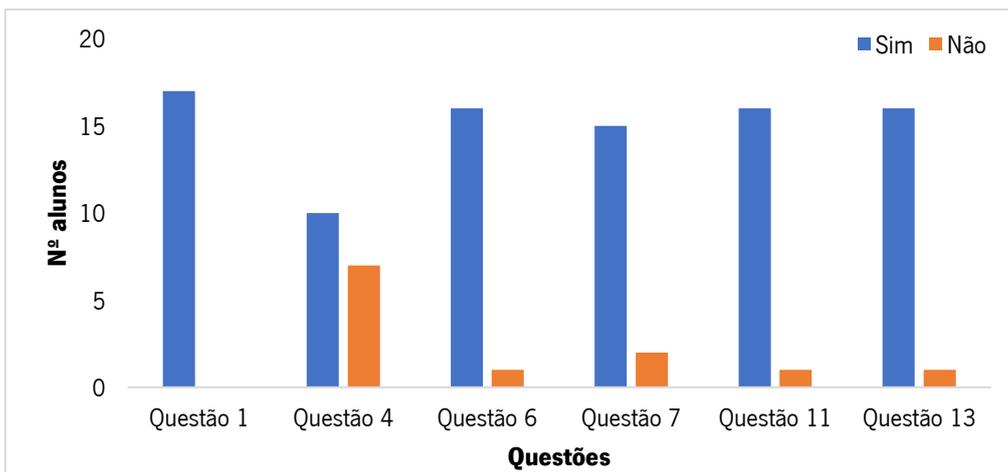


GRÁFICO 1 - RESPOSTAS ÀS QUESTÕES FECHADAS NO CENTRO ESCOLAR DE URGEZÊS, 3º ANO, N=17

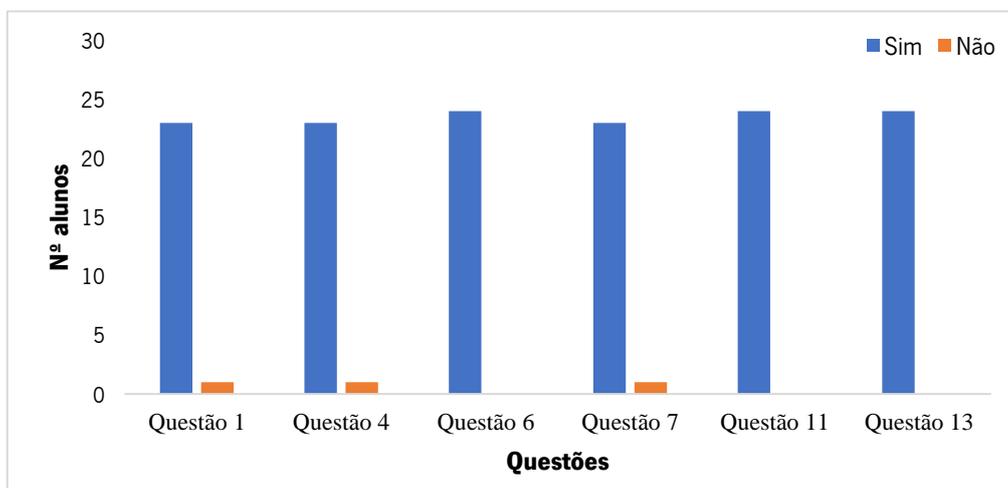


GRÁFICO 2 - RESPOSTAS ÀS QUESTÕES FECHADAS NO CENTRO ESCOLAR DE URGEZÊS, 2º E 3º ANO, N=24

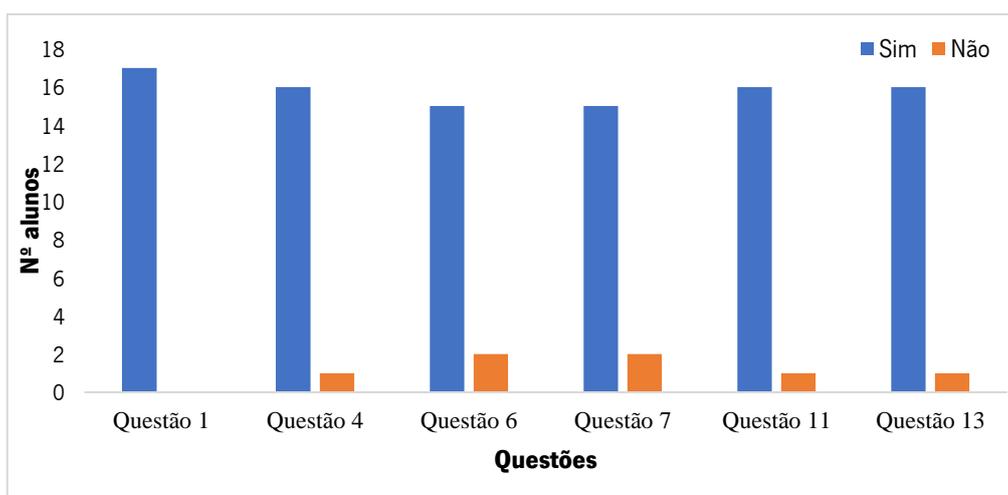


GRÁFICO 3 - RESPOSTAS ÀS QUESTÕES FECHADAS NA ESCOLA BÁSICA 1 / JARDIM DE INFÂNCIA DE NESPEREIRA, 3º ANO, N=17

O questionário permitiu avaliar a eficácia do próprio exercício. Procuramos aferir se os objetivos que conduziram ao exercício foram alcançados e se os efeitos produzidos junto dos alunos corresponderam aos efeitos previstos e desejados. Relembramos que o exercício visou estimular nos alunos um pensamento de reflexão crítica a temas atuais pertinentes e identificados pelos próprios alunos, ao mesmo tempo que articulados com os conteúdos programáticos, desenvolvidos pela professora, em contexto de aula.

Relativamente à conclusão sobre as respostas fechadas, as mesmas foram equilibradas apontando apenas uma diferença na questão 4 (“Percebeste a mensagem que cada cor quis transmitir?”), na turma do Centro Escolar de Urgezes, por transparecer uma maior dificuldade na compreensão da relação entre a cor e o tema, comparativamente às restantes duas turmas.

Quanto às respostas abertas, as mesmas tinham como objetivo entender até que ponto as crianças, com oito anos de idade, conhecem os temas abordados, percebendo também que tipo de reflexão desenvolveram em relação aos mesmos. No anexo 14 encontram-se descritas as respostas dos alunos.

A Questão 2 pedia às crianças que selecionassem a parte da performance que mais lhes agradou. A opção “todas as partes” foi a mais selecionada nas três turmas e em seguida a opção “música”. Uma minoria de alunos preferiu dança e teatro. O destaque atribuído à opção “música” em relação às outras áreas artísticas, poderá relacionar-se com o facto de, durante a performance, terem sido apresentados instrumentos, ritmos e intensidades diferentes do seu habitual.

Relativamente à Questão 5, a mesma pretendeu perceber a sensibilidade de cada um perante uma situação como uma criança que presenciou a guerra e de que forma conseguiam ajudar. Podem encontrar-se respostas menos afetivas e mais relacionadas ao materialismo, refletindo, possivelmente, a sociedade materialista em que nos encontramos. Algumas respostas como “dava-lhe roupa, calçado e um bocado de dinheiro, um emprego e uma casa”, “tirava-o dali com um helicóptero” ou “eu dava-lhe um milhão de euros” podem ser exemplos deste materialismo, ainda que não consciente. Outras respostas como “pegava no menino e levava-o para a minha casa para cuidar dele”, “ajudaria a aquecer e a proteger-se”, “eu adotava-o, ele ia esquecer-se da tragédia que aconteceu e ele ficaria numa local onde se sentiria mais seguro” ou “iria chamar ajuda”, sugerem a preponderância de uma dimensão afetiva, expressa na resposta que aponta no sentido de uma solução de carácter emocional.

Algumas respostas à Questão 8 permitiram concluir que as crianças associam o conceito *bullying* a uma ação que eles consideram ser negativa, através de respostas como “eu sei que o

bullying é muito mau”, “é chamar nomes e tirar coisas”, “é violência por palavras e físico” ou “é a maldade que fazemos aos colegas”.

Estas respostas permitem-nos eventualmente equacionar a hipótese de que poderá existir uma certa banalização ou indefinição do conceito *bullying* no contexto do universo inquirido, uma vez que o conceito parece ter sentidos muito amplos e imprecisos.

Com a Questão 9, relativa ao racismo, é possível concluir que as crianças têm uma noção menos aprofundada do tema. Apresentam uma ideia vaga sobre o que possa ser o racismo, relacionando maioritariamente com a cor de pele, sendo que outras crianças demonstraram desconhecimento sobre o tema. Fizeram parte deste item respostas como “gozar com a pele das pessoas, com a língua e com o corpo”, “é quando uma pessoa diz “és preto”. Também se obteve algumas respostas que transpareceram pouco conhecimento em relação à definição do conceito, tais como “gozar por qualquer coisa”, “é igualdade de género”, “racismo quer dizer que somos todos iguais”, “o racismo quer dizer que podemos ser brancos ou pretos, mas somos todos amigos”.

O objetivo da Questão 10 foi o de saber o que as crianças aprenderam ou não através da performance. Algumas crianças não expressaram especificamente o que aprenderam, afirmando apenas que aprenderam “muitas coisas novas”. A maioria dos alunos referiu o que conseguiu aprender com a representação do *bullying* e do racismo, através de respostas como “consegui aprender que a guerra, o *bullying*, o racismo são coisas más e morrem pessoas, perdem-se pessoas que podiam ser novos amigos “, “aprendi que não posso maltratar os meus amigos e colegas “ ou “aprendi que a violência não resolve nada “, sendo este um ponto positivo que se adequa ao objetivo do projeto na já referida “sensibilização das camadas mais jovens” que se pretendia. Paralelamente a isto, acredito que, em muitos casos, a performance permitiu a confirmação de valores que os mesmos já conhecem, reforçando alguns dos seus princípios éticos.

A questão semiaberta, Questão 12, pretendeu perceber que parte da performance foi de maior interesse para as crianças, entre a dança, a música e o teatro. Os resultados divergiram de turma para turma. No Centro Escolar de Urgezes, turma do 3º ano, a maioria preferiu a música, seguido da opção dança e em terceiro, a dança e a opção “tudo”; na mesma instituição, na turma do 2º e 3º ano, a preferência foi a dança, seguida da opção teatro e música; e na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira a maioria preferiu a dança, seguida da opção “tudo”.

Além da reflexão dos questionários e do que foi possível concluir, a apreciação desta intervenção foi positiva, tanto por parte dos alunos como dos professores. Todos estes envolvidos se demonstraram recetivos à repetição da atividade.

CONCLUSÃO E REFLEXÕES

Com a fase final do projeto, surgem as reflexões e considerações para as próximas edições. O objetivo principal foi cumprido, apesar dos contratemplos e imprevistos.

O resultado desta intervenção foi positivo. Mais do que representar ou transmitir arte, este projeto também pretende responder a uma lacuna reconhecida por docentes das instituições de ensino. O desafio irá sempre centrar-se na falta de disponibilidade das escolas para integrar outras atividades de natureza artístico-cultural no plano de ensino, devido o abundante programa a lecionar. Acredito que, a seu tempo, tornar-se-á possível uma inclusão ainda mais frequente de atividades artísticas junto dos alunos.

Para a realização do projeto, o envolvimento de todos os membros da equipa e o tempo que cada um dedicou ao mesmo, foram imprescindíveis. Alguns deles ofereceram o seu testemunho, descrevendo as motivações para a sua participação (Anexo 15).

Algumas dificuldades enfrentadas incluíram a conciliação das vidas pessoais e profissionais da equipa de artistas voluntários, sendo, por isso, apenas possível realizar a performance em duas escolas. Paralelamente a isso, todos os imprevistos permitiram, de alguma forma, melhorar o sentido de resiliência, responsabilidade e organização considerando o meu compromisso com entidades escolares.

Um dos maiores desafios enfrentados terá sido a falta de suporte financeiro e material por parte da Câmara Municipal de Guimarães e, principalmente, por parte d'A Vaca Negra. Apesar desta falta de apoio, o objetivo em aliar-me ao Centro não era somente motivado por razões financeiras e materiais, e assim sendo, acredito que este projeto com a sua potencialidade de envolvimento comunitário, pode ajudar "A Vaca Negra" a reerguer-se quanto à sua atividade.

Este projeto foi implementado com o objetivo de contribuir, num dado microuniverso, para aproximar o público mais jovem a atividades artísticas e culturais. Pretende-se que a longo prazo este jovem público tenha uma natural predisposição para frequentar este e outros tipos de atividades culturais. Por considerar fundamental a existência de uma oferta artística variada junto desta população, o envolvimento da Câmara Municipal de Guimarães a este projeto poderá ser importante para a criação de novos públicos.

A cidade de Guimarães é, naturalmente, uma cidade histórica e cultural que dispõe de equipamentos culturais, com uma variada programação cultural. Para que o desenvolvimento desta programação se justifique, é necessária a existência de uma política de públicos incentivada

a participar nestas atividades culturais, daí a importância em formar jovens cidadãos, motivando-os para a importância de se pensar a arte e a cultura como exercício de pensamento crítico e de cidadania, na sua ligação com a realidade contemporânea.

Este projeto alinha-se com a defesa da educação artística, justificando o pedido de financiamento à Câmara Municipal de Guimarães. Pretende-se que em edições futuras o projeto tenha outro tipo de suporte financeiro e material que permita melhores condições de trabalho aos seus integrantes, de forma a desenvolver um trabalho mais consistente, a nível de divulgação e continuidade, sendo assim necessário um investimento que o permita.

Uma das maiores aprendizagens destes meses de trabalho são os ressaltos que tive de solucionar, a organização logística, desde material, ensaios e reuniões. Numa futura edição o projeto poderá ser sujeito a alterações que reconheço necessárias, devido à experiência que este ano piloto proporcionou. Algumas das alterações a serem inseridas consistem a um nível visual, na melhoria dos figurinos e cenário, assim como um melhoramento no guião da performance, incluindo uma maior interação com os alunos, envolvendo-os na ação. A repetição frequente da intervenção é um fator a desenvolver, projetada não só para um dia, mas durante o ano letivo, em mais escolas.

Este primeiro ano permitiu-me concluir que as escolas são recetivas a atividades artísticas, mas o planeamento curricular encurta o tempo para o desenvolvimento das mesmas no espaço escolar. Pelos estudos já desenvolvidos sobre o tema, tidos em conta ao longo deste relatório, acredito que, a seu tempo, a educação artística, paralela aos ensinamentos escolares, poderá ser mais incentivada e valorizada, sobretudo em meios menos favorecidos.

A forma como pretendo que este projeto seja expandido, passa por um nível micro local ao municipal, envolvendo outras faixas etárias escolares, desde o ensino básico incluindo o secundário. Quanto ao patamar municipal, prevê-se a possibilidade de intervir em mais escolas da cidade, com uma equipa de artistas maior e residentes da mesma.

A preservação da ligação ao Centro ainda está em consideração e isso irá, conseqüentemente, influenciar a continuação do nome do projeto como A Vaca Negra Vai. Esta decisão será influenciada pelo grau de envolvimento, no projeto, que o Centro deseje manter.

Este projeto experimental permitiu ensaiar e aperfeiçoar um modelo que gostaria de desenvolver no futuro. Esta foi, de uma forma geral, a principal ideia a reter deste primeiro ano de implementação, acreditando que, no futuro, o projeto possa ajudar a impulsionar mais a arte e cultura no contexto escolar.

BIBLIOGRAFIA

- Carneiro, R. (2008). A Educação Intercultural. ATMF Lages, Portugal: percursos da interculturalidade: Desafios à identidade , pp. 49-120.
- Chiaro, S. d., & Leitão, S. (2005). O papel do professor na construção discursiva da argumentação em sala de aula. *Psicologia: reflexão e crítica*, 18(3), pp. 351-357.
- Coracini, M. J. (2005). *Interação e sala de aula*, 3(3), pp. 199-208.
- Delors, J. (1996). *Learning: the treasure within. Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century*, pp. 1-43.
- Fazenda, I. C. (2008). *O que é a interdisciplinaridade?* Cortez Editora.
- Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Paz e Terra.
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda.
- Nolte, D. L., & Harris, R. (2003). *As crianças aprendem o que vivenciam*. Sextante.
- Pelaes, M. L. (2010). Uma reflexão sobre o conceito de criatividade e o ensino da arte no ambiente escolar. *Revista Educação-UNG-Ser*, 5(1), pp. 5-13.
- Pereira, J. D., Vietes, M. F., & Lopes, M. d. (2014). *As Artes na Educação. Chaves: INTERVENÇÃO*.
- Rapanta, C. (2016). Professores como facilitadores da argumentação entre estudantes: uma necessidade emergente. *Revista portuguesa de pedagogia*, pp. 41-62.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação (Vol. 2)*. Lisboa: Stória Editores, Lda.

Tomás, C. (2007). Participação não tem idade. Participação das crianças e cidadania da infância.

Websites:

Diário de Notícias. (2017). "É preciso mudar a Educação em Portugal. Escolas precisam de carinho". (A. B. Ferreira, Editor).

<https://www.dn.pt/sociedade/interior/e-preciso-mudar-a-educacao-em-portugal-escolas-precisam-de-carinho-8688827.html>. Acedido a 23 de Julho de 2019.

Ham & High Education. (24 de Julho de 2019). The benefits of playing an instrument.

<https://www.hamhigh.co.uk/education/why-kids-should-learn-to-play-an-instrument-1-6178597>. Acedido a 4 de Agosto de 2019.

ANEXOS

Anexo 1

Entrevista escrita via e-mail, Ex-Diretor Artístico d'A Vaca Negra- Centro para Criação, Arte e Cultura

Entrevistador: Como surgiu a Vaca Negra? Fale-nos um pouco da sua evolução.

Paulo César Gonçalves: A Vaca Negra surgiu da necessidade de a Junta de Freguesia de Urgezes estabelecer um projeto para um edifício icónico que havia fechado portas há cerca de um ano (a Escola da Vaca Negra, ou Escola Primária Francisco dos Santos Guimarães). A esse projeto, uma encomenda da referida Junta, foram, posteriormente, anexadas as linhas condutoras pelo seu “criador”, tendo por base, por vontade do próprio, a descentralização:

*Aproximar a cultura e a arte da Comunidade, fazendo com que a mesma perceba que é dela própria que emana a identidade e dela é também que nasce o veículo a que podemos chamar ideia. A tradição não significa atraso, a tradição é respeito pelas raízes que moldam corpos e rostos;

*Criar, fazer, construir a partir de ideias originais, do trabalho desenvolvido e da partilha;

*Mostrar o que é desenvolvido. Expor, representar, atuar, com a ajuda de agentes culturais, parcerias e também protocolos levados a cabo no sentido de implementar uma dinâmica cada vez maior e mais envolvente;

*Promover, potenciar, apostar nos jovens e menos jovens talentos de Guimarães;

*Trazer até nós um pouco do que se vai fazendo noutras paragens, percebendo que ao conhecermos outras realidades melhoramos o conhecimento da nossa própria.

A Vaca Negra tornou-se, assim, no primeiro projeto de descentralização cultural da cidade de Guimarães, o primeiro a ter apostado na criação e no VÍNCULO à comunidade onde estava inserido.

E: Exercem funções desde quando?

P: A Vaca Negra começou a exercer funções no dia 1 de Dezembro de 2012 (embora tenha começado a ser projetada em Julho do mesmo ano).

E: O nome deste centro é algo curioso, poderia explicar-nos como surgiu esta ideia?

P: O nome remete para um topónimo (Vaca Negra) pelo qual este local sempre foi conhecido. Esse topónimo tem origem numa lenda local. A Escola, inaugurada em 1931, acabou por absorver essa designação.

E: Têm algum slogan definido?

P: “Escolhe as tuas Asas e voa.”

E: Qual é o principal objetivo deste centro?

P: As cinco premissas mais acima referenciadas.

E: Quais os valores que gostam de ver transmitidos no vosso trabalho?

P: Como criador do projeto, julgo que a partilha, a cooperação, a curiosidade, a descoberta, a criatividade e o conhecimento estiveram na sua génese.

E: Que tipo de públicos costuma frequentar a Vaca Negra? Consegue dizer-nos mais ou menos quantas pessoas frequentam, participam e assistem a performances?

P: Todos os públicos, com um critério de qualidade focado no vínculo à região sul de Guimarães, sem nunca cair no facilitismo, embora os cartazes fossem concebidos para serem ecléticos.

E: Considera que ao longo dos anos a Vaca Negra aumentou o número de visitas? Diminui? Manteve?

P: Diminui drasticamente: sem critério, sem gosto, sem exigência ou rigor. Não há uma programação regular, nem pensada.

E: A equipa da Vaca Negra é constituída por quantas pessoas? Em que cargos?

P: Enquanto fiz parte, havia apenas dois cargos: Diretor artístico/programador cultural e executivo da Junta de Freguesia de Urgezes (a entidade detentora);

E: Têm eventos agendados? Se sim, por favor, diga-nos quais e quando. Seria importante termos essa informação para a calendarização de ações.

P: Não sei responder, com certezas, mas penso que não.

E: Como costumam anunciar os vossos eventos? Poderia nos fornecer alguns exemplares de flyer ou cartaz que tenham produzido?

P: Poderei fazê-lo, do período em que lá estive.

E: Para que possamos determinar um plano bem estruturado, pode dizer-nos que tipo de financiamento a Vaca Negra tem? Taxas de inscrição? Angariação de fundos? Doações? Performances remuneradas?

P: A Vaca Negra depende, financeiramente, do orçamento da Junta de Freguesia de Urgezes e do apoio da Câmara Municipal de Guimarães.

E: Para terminar, o que gostaria de ver realizado durante o próximo ano? Quais os objetivos para o centro?

P: Tudo aquilo que a estrutura responsável deixou cair, e outras iniciativas novas. A Vaca Negra ficou muito aquém daquilo para que foi pensada/projetada.

Anexo 2

Lenda da Vaca Negra

O Zacarias era um homem muito antipático. Trabalhava nos Couros, na velha vila de Guimarães. O Zacarias, ao contrário dos outros, não morava na vila. Ele era de Urgezes, onde vivia sozinho. O povo dizia que ele ficara antipático desde que a sua mulher morrera. Ele queixava-se de tudo. Queixava-se até, vejam lá, dos pássaros!... Tratava mal as pessoas todas. O Povo tinha medo dele! Um dia, também o patrão se fartou dele e despediu-o. Muito zangado, sentou-se a pensar e chegou à conclusão que tinha de mudar de vida. Decidiu, pois então, comprar gado. Certo dia, e por saber que era altura de feira, dirigiu-se à Vila e comprou uma vitela. Criou a vitela como uma filha. Construiu-lhe uma cerca para que ela pudesse pastar à vontade, sem fugir. A vitela cresceu e tornou-se uma bela vaquinha. Ora, numa noite de tempestade, a cerca estragou-se por causa da ventania e a vaca, apesar da boa vida, fugiu. Desapareceu. O Zacarias, que nos últimos tempos até andava bem-disposto, ficou muito preocupado. Partiu à procura do animal. Procurou e procurou. E procurou. Quando se preparava já para desistir, foi dar com a vaca a descansar num campo das redondezas. O tempo passou e o Zacarias descobriu que a sua Vaca estava prenha. Mas como, se a Vaca nunca saía da cerca? Foi então que percebeu: A Vaca tinha engravidado naquela noite de tempestade! O espanto era grande, mas maior seria ainda quando a manhosa vitela deu à luz: do seu ventre nascera uma “vitelina” de pelo brilhante, toda negra! Toda a gente se espantava quando a via. O Zacarias não ficara feliz: no parto, morrera a sua companheira. Como a vaca falecera durante o nascimento da negra vitela e também por causa da cor da bebé, o povo começou a dizer que o Zacarias estava amaldiçoado pelo “Diabo”. O Zacarias ficou triste e pensativo. O povo não parava de falar nele e na vitela negra, a “filha do Diabo”. Havia um sítio, em Urgezes, que era conhecido como o “Alto do Castanheiro”. Era para lá que ia o Zacarias todos os dias. Ficava a olhar para o horizonte, muito pensativo. A vitela seguia-o para todo o lado, como um fiel cão. As crianças achavam muita graça à Vaca, mas os pais não tinham a mesma opinião. Como o Povo pensava que a bicha era “filha do Diabo”, não queriam os petizes a brincar perto da criatura. Depois de muitos e muitos dias no Alto do Castanheiro, sempre fazendo o mesmo, ou seja, olhar o horizonte, Zacarias desapareceu. Nunca mais foi visto! Mas a Vaca, a Vaca Negra, ficou a pastar e também a olhar o horizonte, como o (antigo) dono. As pessoas passavam e benziavam-se. Alguns rezavam. A Vaca era “filha do Diabo”, o Povo tinha medo. As crianças é que não. Uma ou outra, mais corajosa, até se aventurava a beber leite das suas fartas tetas. Quando os adultos descobriram a façanha, logo trataram de chamar o meirinho, que era o homem da justiça, para resolver o assunto. – “Porque a Vaca é animal do Diabo!” – “Porque a Vaca tem os olhos do demónio!” – “Porque o lugar da Vaca é no Inferno!” – “A Vaca é negra para se confundir com a noite. Quer assustar o Povo!” Pedia-se já a presença do Padre para benzer a vaca. Até que uma voz forte e grossa se fez ouvir. Toda a gente olhou na sua direção: - “Senhores, se concordarem, trato do caso. Fico com a Vaca, levo-a comigo. Para sempre! Era um Senhor Cigano que, com a sua família, costumava andar de terra e terra na sua caravana puxada por animais. Sentiu-se um suspiro de alívio. O Povo de imediato concordou. O Meirinho ordenou que fosse, de vez, levado o animal. Assim foi. E o “Alto do Castanheiro” ficou conhecido, desde esses tempos imemoriais, como o “Lugar da Vaca Negra”. Assim é (ainda) hoje.

Anexo 3

Logótipo d'A Vaca Negra – Centro para Criação, Arte e Cultura



A VACA NEGRA

Centro para a Criação, Arte e Cultura

Anexo 4

Plano Geral de Orçamentação

Breve descrição do projeto

O projeto A Vaca Negra Vai surge no âmbito da Tese de Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura da Universidade do Minho, no ano de 2018/2019, com o propósito de consciencializar as camadas mais jovens para temáticas de forte importância, como por exemplo, os altos índices de mortalidade infantil, políticas de ensino reduzidas, racismo, baixa assistência a mulheres e crianças vítimas de violência doméstica, estendendo-se, possivelmente, até temas como o feminismo, direitos de igualdade e a homossexualidade.

Este é um projeto que visa mudar consciências e ter um impacto direto nas crianças, assim como um impacto secundário nos pais e docentes, através de uma intervenção social que culmina as artes performativas, desde a dança, música e teatro.

Um dos seus objetivos é transformar nas crianças, inconscientemente, a forma como encaram o espaço onde passam a maior parte do seu tempo – a sala de aula.

Neste primeiro ano de implementação, o projeto é considerado piloto, precisamente pelo facto de ser um ano de experimentação, ambicionando desde já a sua melhoria para ser continuado a longo prazo, alargando ao maior número de escolas possível, desde o primeiro ciclo ao Ensino Secundário.

A ideia é a criação de um espetáculo portátil, que se irá iniciar, neste primeiro ano, em apenas três ou quatro escolas primárias da periferia de Guimarães, sendo que toda a sua dramaturgia será pensada para crianças do 1º ciclo, com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos.

Cronograma

Cronograma 1- Cronograma da Atividade Principal: Espetáculo

FASES	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
PRÉ-PRODUÇÃO	Produção Executiva							
	Recrutamento de Artistas							
	Pedidos de Apoio Logístico							
	Contacto com Escolas							
	Contacto com Mecenias							
	Plano de Comunicação							
PRODUÇÃO	Preparação da Sala de Espetáculos							
	Ensaios							
	Ensaios Gerais nos Locais							
	Estreias							

Cronograma 2- Cronograma dos Recursos Humanos

FASES		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
PRÉ-PRODUÇÃO	Autorização das Escolas								
	Confirmação equipa de artistas								
	Pedidos de Apoio Logístico								
	Reuniões com Direções Escolares								
	Aquisição de Material								
PRODUÇÃO	Ensaios								
	Testes de Equipamento								
	Preparação do Espaço								
	Ensaios nos Espaços								

Cronograma 3 – Cronograma da Política de Comunicação

FASES		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr
PRÉ-PRODUÇÃO	Plano de Comunicação								
	Autorização para partilha do Evento nas escolas								
	Folheto explicativo aos alunos								
PRODUÇÃO	Cartazes e Flyers								
	Divulgação nas Escolas								
	Divulgação Redes Sociais								
	Fotografias com “A Vaca Negra”								
	Caderno explicativo para os alunos								

Orçamento Previsional*

	Produção Espetáculo	Valor Unitário	Nº Pessoas	TOTAL
PRÉ-PRODUÇÃO	Aparelhagem			50€
	Vestuário	15	5	75€
	Alimentação	30€	5	150€
	Transporte	20€	5	100€
	Artistas	342€	5	1710€
				SUBTOTAL= 2085€
			Unidades	
PRODUÇÃO	Flyers	0.50€	6	3€
	Folha explicativa	0.05€	60	3€
	Caderno explicativo	0.50€	60	30€
	Questionários	0.05	60	3€
	Imprevistos			30€
				SUBTOTAL = 69€
				TOTAL ORÇAMENTAÇÃO= 2154€

*Isenção da remuneração durante o ano do projeto piloto para a responsável pela produção executiva e comunicação do projeto

Explicação da planificação para a preparação do espetáculo

- **Horários (a confirmar com os artistas)**

	2 ^a	4 ^a	6 ^a
1 ^a semana	3h	3h	3h
2 ^a semana	3h	3h	3h
3 ^a semana	3h	3h	3h
4 ^a semana	3h	3h	3h
Total = 36 Horas			

- **Valor estimativo para os ensaios**

Valor/H	Horas	Artistas	TOTAL
7€	36H	5 Artistas	1260€

- **Valor estimativo para os espetáculos**

Valor Unitário	Nº de Atuações	Artistas	TOTAL
30€	3	5	450€

- **Planificação dos espetáculos (a confirmar com as escolas)**

Abril de 2019

Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					



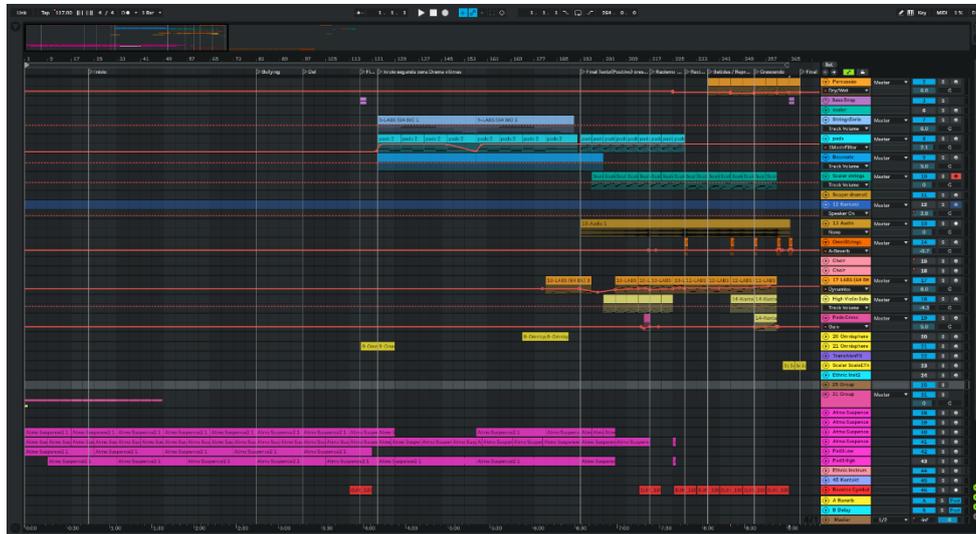
Dias das Atuações



Ensaios Gerais/Preparação do Espaço

Anexo 5

Composição musical



Anexo 6

Guião da performance

Cena 1

- Músicos já estão em palco. Performance inicia-se com o som crescente da percussão (2'02'')

Cena 2 – *Bullying* (3'05'')

- Bailarinas entram. Lanterna entra em cena com a Bailarina 1 (brinca com lanterna – representada como um brinquedo – e interage com as crianças).
- Bailarina 2 retira lanterna e empurra a Bailarina 1 (representação de tristeza, dor e confusão).
- Bailarina 1 encontra outro brinquedo (outra lanterna). Nova interação com as crianças.
- Bailarina 2 insatisfeita, demonstra o egoísmo e retira novamente o brinquedo da Bailarina 2 (gestos de desprezo e risos)
- Bailarinas retiram-se simultaneamente à entrada da Cena 3

Cena 3 – Criança vítima de guerra (4')

- Descrição de um dia normal de uma criança
- Acontecimento do bombardeamento
- Pós bombardeamento (como ele se sente em relação ao que aconteceu, o que quer que aconteça, o que ele pensa sobre a guerra – usar a ideia de brincar com as armas – uso da lanterna como representação da arma e do jogo do mata-mata)
- Excertos de texto: (música em ritmo crescendo consoante a progressão dos acontecimentos)

“Eu estava a brincar com uma pistola (lanterna)”;

“Estávamos no telhado a brincar, ouvimos os bombardeamentos (tambores surgem) e todos começaram a fugir. Acabei por ficar sozinho, num sítio onde não conhecia ninguém. Entretanto um dos meus tios encontrou-me. Escondemo-nos e ele disse que ia buscar ajuda. Eu vi que ele estava ferido numa das pernas. Prometeu voltar. Nunca mais o vi”;

“Agora sou só eu. Tenho saudades de brincar”;

“Porque nos bombardeiam? Porque podem? É só por isso?” (mudança do registo da música para entrada das bailarinas para a cena 4)

Cena 4 – Racismo (4')

- Coreografia das bailarinas (ritmos de músicas crescente, movimentos estáticos, ritmo estático- percussão acompanha ao vivo)
- Uso das tintas – Partilha de algo, convivência, tolerância.

Cena 5 – Final (2')

- Artistas juntam-se, dão as mãos. Instrumental da música “we are one” (filme “o rei Leão”), com transmissão de uma mensagem:

Da mesma forma que o dia se transforma em noite e o sol dá lugar à lua,
a vida é feita de mudanças que não controlamos, que não planeamos...

Na verdade, apenas sabemos que a vida é uma estrada que percorremos
na incerteza do seu percurso, surpreendendo-nos
a cada passo, a cada olhar, a cada raio do sol e toque da chuva...

Contudo, irão perceber que nunca estão sozinhos,
que a vossa família e amigos estarão sempre do vosso lado
cheios de esperança e orgulho!

(voz criança)

Se há tantas coisas que eu preciso ser
Posso continuar a ser eu?
Do jeito que eu sou?
Posso confiar no meu próprio coração?
Ou sou apenas uma parte de um plano maior?

(voz adulta)

Mesmo aqueles que já foram
Estão connosco à medida que seguimos em frente
A tua jornada apenas começou
Lágrimas de dor, lágrimas de felicidade
Uma coisa que nada pode destruir
É o nosso orgulho, pois lá no fundo
Nós somos um.

(voz adulta + voz criança)

Nós somos um, vocês e eu

Nós somos como a terra e o céu

Uma família sob o sol

Todo o conhecimento para liderar

Toda a coragem que tu precisas

Irás encontrar quando vires que nós somos um.

Anexo 7

Apresentação do projeto para o Blog do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura



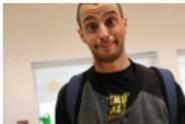
As Artes Performativas de mãos dadas com a Educação

No dia 23 de abril de 2019 foi realizada uma intervenção performativa em duas escolas do concelho de Guimarães, sendo estas a Escola Primária de Nespereira e o Centro Escolar de Urgezes.

Esta intervenção insere-se no quadro da Unidade Curricular Projeto, no âmbito do Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, e propõe a criação de uma ponte entre dois pontos de interesse: as artes performativas e temas sociais, inseridos na educação.

Intervir junto das crianças num contexto escolar, nomeadamente dentro da sala de aula, retratando temas de cariz social e cultural, é o objetivo principal deste projeto.

Ouvir-se falar de índices de mortalidade infantil, políticas de ensino reduzidas, baixa assistência a famílias carenciadas, baixa assistência a mulheres e crianças vítimas de violência ou racismo, são ainda realidades que causam impactos danosos no ponto de vista psicológico e social da vida de qualquer vítima de tal ato.



Creio que a aprender aquilo que nos ensinam, quer na escola, quer em casa e sabemos que, ambos os casos, conseguimos um grande impacto na formação da criança enquanto Ser Humano.

Este é um projeto que visa mudar consciências e ter um impacto direto nas crianças, assim como um impacto secundário nos pais e docentes, através de uma intervenção social que culmine as artes performativas, desde a dança, música e teatro.

Um dos seus objetivos é transformar nas crianças, inconscientemente, a forma como encaram o espaço onde passam a maior parte do seu tempo – a sala de aula.

Neste primeiro ano de implementação, o projeto é considerado piloto, precisamente pelo facto de ser um ano de experimentação, ambicionando desde já a sua melhoria para



ser continuado a longo prazo, alargando ao maior número de escolas possível, desde o primeiro ciclo ao Ensino Secundário.



A ideia foi a criação de um espetáculo portátil, que se iniciou neste primeiro ano, em apenas duas escolas primárias da periferia de Guimarães, sendo que toda a sua dramaturgia foi pensada para crianças do 3º ano de escolaridade, com 8 anos de idade.

Os temas trabalhados neste ano foram escolhidos pelos próprios alunos entre diversas opções demonstradas, tendo sido escolhidos o racismo, a guerra e o bullying.

A equipa de artistas era composta por 6 elementos: um ator, duas bailarinas, dois músicos e um produtor musical. Através da sua colaboração voluntária a este projeto disponibilizaram-se de forma a que fosse possível a sua realização. Toda a parte logística, processos, ideias e criação da performance foi pensada pela aluna.



Foi uma intervenção bem-sucedida, não só pela satisfação dos professores que demonstraram interesse na repetição da intervenção, assim como pela curiosidade dos alunos durante e após o ato performativo.

O feedback foi bastante positivo e os alunos, por vontade própria, abordaram posteriormente os temas com os professores e utilizaram as histórias representadas na performance em exercícios escolares, o que permite concluir que só este pequeno ato teve um grande impacto na perspetiva e noção das crianças.

Projeto de Intervenção 2018/2019

Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Cláudia Pinheiro

Anexo 8

Press Release

"A Vaca Negra Vai"

Projeto de Intervenção

Artística e Social

Abril, 2019

UMA MUDANÇA DE PARADIGMA!

A Vaca Negra Vai anuncia à comunidade um novo conceito que pretende transformar a forma como as crianças e professores encaram o espaço onde passam a maioria do seu tempo- a sala de aula.

Na consequência de um projeto sugerido por uma aluna da Universidade do Minho para a sua Dissertação de Mestrado, a Vaca Negra- Centro para a Criação, Arte e Cultura, situada na Freguesia de Urgezes, foi a instituição escolhida para atribuição do nome deste projeto de intervenção.

Trata-se de um complemento ao ensino formal e na mudança da forma como as crianças encaram a sala de aula através de temas não recorrentes nesse mesmo espaço, como racismo, *bullying*, desigualdade e crianças vítimas de guerra.

Esta intervenção artística e social, a realizar-se dia **23 de Abril**, terá como palco o Centro Escolar de Urgezes, pelas 11h e a Escola Primária de Nespereira, pelas 15h, tendo como público crianças do 2º e 3º ano de escolaridade.

Este é um projeto que une vários pontos de interesses entre as Artes Performativas e o Ensino. Queremos abraçar o progresso para prevenir o retrocesso.



Claudia Pinheiro
Contacto: 914 997 021

A VACA NEGRA

O Mito que é Arte



Anexo 9

Questionários informais aos alunos (fase pré-performance)



Universidade do Minho

Projeto de Intervenção: *As Artes Performativas como uma intervenção social para a aprendizagem*

Através de um **X**, escolhe **três** dos temas abaixo que gostarias que fossem abordados na tua sala de aula e te causam mais curiosidade.

RACISMO	IGUALDADE DE DIREITOS	VIOLÊNCIA ENTRE AMIGOS	GUERRA
VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA	PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS	CRIANÇAS VÍTIMAS DE GUERRA	
AQUECIMENTO GLOBAL	SUSTENTABILIDADE		

Anexo 10

Entrevista aos professores do Centro Escolar de Urgezes (fase pós-performance)

14 de maio de 2019.

Cláudia: Antes de mais, bem-vindos. Para começar queria só dizer-vos que esta entrevista será uma entrevista normal, onde eu faço algumas perguntas sobre as artes performativas em contexto escolar e de que forma é que vocês acreditam que isso desenvolve competências nos alunos e eu ia começar precisamente por essa pergunta. Vocês consideram que as artes performativas desenvolvem competências nos estudantes, por exemplo, do primeiro ciclo, que é o ano que vocês lecionam?

Odete: Sim, sim. Acho que são importantes mesmo a nível da concentração, motricidade, imaginação, criatividade. Acho que é muito importante.

Alexandre: É um trabalho diferenciado daquilo que se faz nas outras partes curriculares. É acrescentar algo que os pode levar a estimular as emoções, a sensibilidade para certas e determinadas temáticas ou mesmo o exprimir a sua opinião perante uma temática de uma forma diferente. Pode um miúdo não ter tanta capacidade em exprimi-la por escrito ou na oralidade e conseguir exprimi-la através de gestos, através de um desenho, de qualquer coisa.

C: E até mesmo ajudar a entender determinados temas.

O: Sim, sem dúvida.

A: Sim, desenvolver a capacidade de interpretar temas sem ser só a partir da audição ou leitura. Portanto, conseguir visualizar a caracterização de alguma situação e conseguir perceber a mensagem que está a ser transmitida, que foi aquilo que vocês fizeram.

O: Exatamente. A maneira é diferente, mas para que para eles é mais atrativa.

C: Exatamente.

A: E é sempre mais atrativo porque é algo mais visual e auditivo em que eles trabalham essa sensibilidade.

O: Como o professor Alexandre disse, mesmo a nível das emoções, é muito mais fácil quer eles exprimirem as emoções, quer captar também emoções.

C: Sim, exatamente. Por exemplo, vocês já costumam ter artes performativas aqui, certo?

A: Sim, temos aulas de artes performativas.

C: São atividades extracurriculares, certo?

Odete e Alexandre: Sim, sim (simultaneamente).

C: Quantas vezes por semana?

A: Duas vezes por semana.

C: E desenvolvem estas temáticas?

A: As temáticas em si não sei precisar, mas têm acesso a vários tipos de artes performativas. Tanto música, como a audição. Não têm é a parte da música, tocar instrumentos, isso é que não têm. Tem a parte do teatro e a parte da dança rítmica, isso têm. E mesmo o acesso a espetáculos são aqui apresentados nas diversas plataformas que temos. No ano passado foi no Centro Cultural Vila Flor, este ano foi na Plataforma das Artes. Portanto tem essas deslocções e eles conseguem assistir a vários tipos de espetáculos.

O: Eu lembro-me que no ano passado, na festinha de Natal, a professora de artes performativas estava cá e trabalharam um tema, que foi sobre o ambiente. Foi interessante, foi uma maneira diferente de eles verem as coisas.

C: Exatamente. Qual é a vossa opinião se as artes performativas fossem inseridas no ensino regular? Ou seja, ser por exemplo, como uma matemática.

A: Eu acho que mais cedo ou mais tarde isso vai acabar por acontecer porque até as provas de aferição já pedem. Ainda tivemos esta semana, por exemplo, os miúdos que assistiram ao vosso espetáculo, os do segundo ano que eu pedi para assistir, tiveram as provas de aferição das expressões. Portanto, expressões artísticas, plásticas e físico-motoras.

C: Que interessante, não sabia que agora o faziam.

O: Sim, sim. Agora fazem-nos.

A: Nas artísticas tem a vertente exatamente dramática, musical que pede para retratar, simular e experimentar várias situações, várias sensações.

C: Mas eles treinam durante o ano para essas provas?

O: É assim, dentro da sala de aula vamos fazendo qualquer coisa.

A: Dificilmente todo o nosso trabalho consegue ser tão efetivo como se fosse exclusivamente para essa área. Mesmo a nossa formação, eu vou ser honesto, não tenho a sensibilidade que a colega da área terá para trabalhar da melhor forma para apresentar e transmitir aquilo que se pretende com uma arte performativa. Não tenho essa sensibilidade nem essa capacidade.

O: Não e por vezes aquilo que nós fazemos dentro da sala de aula, relativamente a esse tema, por exemplo, eu falo por mim, é um texto. A partir do próprio texto nós podemos trabalhar a dramatização do texto, mas não algo muito direcionado.

A: Lá está, não algo com uma base de trabalho que vocês da área terão. Não temas as técnicas ou a melhor forma de transmitir as técnicas a usar ou a melhor forma de as aplicar.

C: Se calhar uma ideia, por exemplo, quando, e se, inserirem a parte da arte no ensino seria cada turma ter dois professores, porque no primeiro ciclo normalmente só tem um professor, certo?

A: Sim, isso pode-se suceder como se sucede com o inglês em que vem uma colega dar o inglês curricular. O inglês já faz parte do currículo no terceiro e quarto ano. Nesse momento, tem uma colega a dar a aula, já não somos nós que damos essa aula.

O: É como, por exemplo, aqui não se passa isso, mas há escolas que optam pela formação musical que também é uma vertente que nós comentamos.

A: Exatamente. Todas essas ofertas que são diferenciadas são sempre bem-vindas.

O: São bem-vindas.

A: São bem-vindas porque é a forma de diversificar o acesso que os miúdos têm.

C: Claro.

A: Também temos de ser honesto e dizer que poucos deles, em contexto extraescolar, terão acesso a esse tipo de ofertas. Poucos são os que frequentarão a música, poucos são aqueles cujo os pais os levam a ver o teatro e assistir a uma peça de teatro. É essa vertente cultural ou mais cultural, que é muito escassa nas crianças hoje em dia.

C: Sim, por isso é que vocês professores também tem um papel importante nesse sentido, porque nem sempre em casa se trabalham determinados aspetos.

O: Sim, a Escola também. A Escola mais do que nunca.

A: A Escola permite aceder a esse tipo de oferta diferenciada, a esse tipo de conhecimento, esse tipo de espetáculos. Para nós também é complicado porque muitos deles exigem um financiamento e há poucos pais, ou é mais complicado, estarmos a solicitar esse contributo financeiro aos pais.

C: Claro, claro.

O: Embora eu acho que agora a própria câmara já tem um bocado a noção disso porque já fazem espetáculos mesmo direcionados para eles.

A: Eles têm acesso aqui à oferta.

O: Eu acho, eu falo por parte dos meus alunos, não passa disso. Aquilo que a escola tem para oferecer e onde a escola os leva mesmo. Porque fora do contexto extraescolar é muito difícil.

A: Sim, fora disso é muito difícil eles terem acesso. Se calhar aqueles que tem mais acesso ou que frequentam com mais facilidade será o cinema, mas não tem de todo o alcance que tem, por exemplo, uma peça de teatro, um espetáculo musical. Não tem.

O: Não, não. Não tem.

C: Sem dúvida.

A: Mesmo o facto de eles este ano, por exemplo, assistiram aqui na plataforma das artes onde eles passavam umas animações em *stop motion*, aquelas que antigamente se via na RTP2, com a parte orquestral, a parte musical, feita à frente deles. Eles nunca na vida tiveram acesso, nunca tinha visto esse tipo de trabalho, mesmo a visualização dos próprios instrumentos. Há aqueles mais básicos que eles conhecem, há outros que não fazem ideia que existem e para eles, essa situação é nova.

Mesmo vocês, quando apresentaram aqui, havia um instrumento que eles conheciam bem. Os outros, aquelas caixas...

C: O cajón.

A: Eles não conheciam. Inicialmente pensaram que era um banco para os colegas se sentarem. Depois quando começaram eles a bater no banco...

O: Há sons, há ritmo.

A: Aquilo fazia um barulho como se calhar fazem em cima da mesa. Por isso é que eu pedi aos colegas para explicar porque eu já sabia que eles nunca na vida teriam visto aquilo.

C: Claro. Vocês acham que, por exemplo, também faz falta “educar” os próprios pais das crianças? Porque muitas vezes, se calhar, vêm-se situações que prejudicam o vosso trabalho.

O: Sim, tem de passar por aí. Nós muitas vezes até incentivamos e vamos alertando, mas do alertar ao fazer, vai um passo gigante.

A: Aqui há essa tentativa de abertura porque lá está, nas artes performativas, os colegas tem uma aula aberta à comunidade.

C: Ok, ótimo. Isso é bom.

A: Penso que é uma por período ou é ao longo do ano que eles, pelo menos, tentam abrir ou tentam criar esse espaço em que os encarregados de educação podem ir assistir e participar na própria aula com os seus filhos e com a professora. Há essa abertura.

Agora, também é complicado porque é em hora letiva. Ou seja, muitos dos encarregados de educação estão a trabalhar.

C: Não conseguem vir, claro.

A: E até se calhar aqueles que teriam disponibilidade também não tem assim muito interesse em vir. Também se nota isso.

C: Claro. No fundo vocês têm aqui um trabalho, a própria escola, e também remar contra a maré. Acredito que às vezes seja complicado.

A: Sim, é um bocado complicado.

C: Em relação aos temas que foram abordados como o racismo, o *bullying*, já tem por hábito abordar esses temas com os alunos, ou não?

A: Sim.

O: Sim, sim.

C: Com alguma frequência ou de vez em quando?

A: Aqui no primeiro ciclo esses temas são abordados quase diariamente porque se não é através da leitura de um texto, que todos os nossos textos, todos os nossos temas, têm precisamente essa componente da educação para a cidadania ou para a sexualidade e portanto, esses temas acabam sempre por surgir ou em contexto de aula ou em contexto de situações que acontecem.

O: No dia a dia.

A: Ou em contexto de sala, em que tentamos sempre puxar esses assuntos, a diversidade de género.

O: A resolução de conflitos entre eles.

A: “Ah isso é para meninas”, aquela situação em que o cor-de-rosa é para as meninas.

C: Exato.

A: Tentar um bocado acabar com os estereótipos, preconceitos de certas e determinadas situações. Em casa quem é que ajuda, por exemplo? Temos vários temas: as tarefas domésticas. Tentar desconstruir aquela ideia feita de que é a mulher a fazer tudo e o marido ou homem não faz nada.

O: Ou que está no sofá não é (risos).

A: Sim. A situação do *bullying* cada vez mais é abordada. Não vou dizer diariamente, mas todas as semanas. Ou porque não deixa jogar futebol porque é maior e é mais velho, ou “dá-me o lanche”. São situações que acontecem. Ou porque traz um lanche que é melhor e é mais velho, é mais forte. Aqui felizmente não há assim muitos casos desse género.

O: Não, são mais aqueles conflitos de recreio.

C: Que não parecem tão graves, mas na verdade são casos para se chamarem atenção.

A: A violência psicológica, a violência física, a violência verbal em que muitas vezes eles dizem coisas que, por vezes, não tem noção daquilo que estão a dizer.

O: Sim. Por exemplo, a nível do racismo aqui, nós vemos que temos várias tonalidades de pele, como eles dizem, e é engraçado que para eles é uma coisa natural, naturalíssima.

A: Mesmo no ano passado, nós tínhamos aqui uns miúdos de etnia cigana e não havia (...)

C: (...) Conflito.

O: Nada, nada.

A: Nem conflito, nem separação.

O: Nem separação. Por acaso acho que é uma coisa que eles lidam muito bem. É muito natural para eles.

A: É.

C: Pois isso é bom porque nem sempre acontece, a verdade é essa.

O: É mais difícil se calhar resolver aqueles conflitos do dia-a-dia.

A: Eu continuo a dizer que essas situações tendem a acontecer em idades mais avançadas. Eu acho que as crianças são muito (...)

C: Inocentes?

O: É uma coisa do momento.

A: Não é uma questão de inocência, é mesmo uma coisa de naturalidade. É tudo natural, a diferença é natural.

C: E também se ninguém lhes disser que existe diferença entre as pessoas.

A: Eu acho que esses estereótipos passam de um adulto depois para a criança.

C: Exato, exato.

A: Entre eles, aceitam-se muito bem, convivem muito bem, não vejo racismo, xenofobismo na idade deles.

O: Não, não.

A: Se calhar depois acaba por aparecer, mas em idades mais avançadas e por ideias que eles vão ouvindo e interiorizando. No primeiro ciclo, nas idades dos nossos miúdos, eu acho que a diferença para eles é natural. Eu acho que eles nem se apercebem, nem ligam.

C: Nem associam que existe uma diferença ou algo do género.

A: Há sim, no caso da diversidade por causa das ideias pré-concebidas que passam, por exemplo no tipo de brinquedos, não é? Uma rapariga jogar à bola, embora haja e temos muitas miúdas que jogam à bola e eles vão interiorizando, mas no início nota-se que “não, o futebol é só pra rapazes”. Esse tipo de brincadeiras é onde se nota. Se virmos um menino a brincar com um boneco ou uma boneca, eles já são capazes de, entre eles, mandar uma “boca”, qualquer coisa assim. Ainda se nota sim, a diversidade de género. Essa separação das brincadeiras, das roupas, das cores.

O: Ainda há um bocadinho, ainda há um bocadinho.

C: Por isso é que eu acho que grande parte da “culpa”, não é bem culpa ou também é, vem de casa. Ou seja, aquilo que as crianças sabem, no fundo, é aquilo que elas ouvem. E, portanto, se uma criança já tem tendência a “gozar” e fazer esse tipo de coisas é porque já está habituada a isso. E se não é na escola tem de ser noutra lado qualquer.

A: Eu acho que a escola tem o papel de tentar desconstruir isso.

C: Exatamente, pois.

A: Se depois consegue ou não é diferente.

O: Mas pelo menos estamos presentes aqui, claro.

A: Agora, há assuntos que, por exemplo, vocês abordaram, que para eles passa um bocadinho ao lado. O assunto da guerra ou o assunto da emigração, ou das migrações, que nós por acaso aqui em Guimarães acabamos por receber comunidades de migrantes sírios.

O: Mas é uma coisa que eles não têm muito contacto.

A: Eles não têm essa noção até porque a visualização de noticiários é quase nula.

O: É quase nula. Foi só naquele início e depois pouco ou nada se voltou a falar.

A: Nas nossas idades ver uma notícia no telejornal: no jornal é quase impossível, no telejornal só se o pai estiver a ver e mesmo assim eles não têm a noção da gravidade, da violência, do próprio assunto. Felizmente, a guerra para eles passa ao lado.

O: Para eles neste momento a guerra é a Síria, que era a coisa que eles viam.

C: Sim, eles associaram logo que era na Síria.

O: Para eles só há lá. É lá.

A: Mas é porque se fala, la está. Fala-se, fala-se, fala-se.

O: E agora acham que se calhar já não há, que já está tudo em paz porque já não se fala tanto.

C: Exato.

A: Mesmo em contexto, o resultante da guerra, do conflito eles não têm muito bem a perceção da violência que se passa.

O: Do porquê.

C: Tudo o que a guerra em si envolve.

A: Exatamente. Para eles a guerra é armas, tiros, bombas e só tem isso. Não sabem o colateral, o que se passo ao lado, o que as pessoas sofrem com a guerra, o que as pessoas passam com a guerra, as privações que têm.

C: Mas vocês acham que era importante, por exemplo, nesta idade, eles terem noção do que é e o que é que se passa ou deixá-los viver a idade deles, na “inocência” só do que eles sabem e depois mais tarde descobrirem?

O: Eu acho que terem noção sim, mas se calhar nestas idades não vale a pena aprofundar muito porque acho que é uma coisa tão violenta.

A: Há assuntos que podem melindrar um bocadinho.

O: Saber sim que existe guerra, que não estamos todos em paz, que não os países não são todos como aqueles, que eles têm a felicidade e a sorte que eles têm de viver, não é. Terem essa noção, até para eles darem reconhecimento e perceberem que a vida não é assim tão cor-de-rosa como eles pensam, mas numa maneira muito suave. Acho que é das coisas mais violentas.

A: Mesmo a fome.

O: Sim, a perda da família, que podem chegar crianças órfãs.

A: Eles terem a noção de que lá está, a vida não é cor-de-rosa e as pessoas passam por dificuldades, mas passar se calhar a nível mais interno. Eles perceberem que os pais têm dificuldades, que os pais trabalham, que os pais se privam para dar, que há crianças com a idade deles que não têm o que eles têm. Que provavelmente na família deles, avós ou bisavós, se calhar, na idade deles, passaram fome. Por exemplo, com os meus, ponho sempre o caso da minha família, em que o meu pai passou por muitas dificuldades que é para eles perceberem, ou pelo menos, terem a noção de que o que eles têm é fruto de trabalho, de esforços e de dificuldade e que as coisas não aparecem assim.

Se calhar o ter acesso a essa violência da guerra ou do que se passa à volta da guerra, eu acho que também deixá-los descobrir.

O: Ir tão a fundo não. Até porque nós sabemos que as guerras são porque são e acho que na cabeça deles, eles não iam entender porque é que se desencadeou a guerra.

C: Se calhar até iam passar a maior parte do seu tempo a pensar nisso porque ia acabar por fazer-lhes confusão.

O: Eles não iam entender.

A: É que eles já vêem violência em muita coisa. A violência para eles é só aquele ato de conflito imediato. Não têm noção do antes, dos pós e do que resulta daí. Para eles a violência é aquele ato físico de confronto e pronto, acabou ali. Eu acho que ainda na cabeça deles é o que desencadeia, ou as razões que desencadeiam isso nem depois o que fica.

O: É tipo um filme. Eu acho que para eles aconteceu, mas depois resolve-se.

A: Sim, acabou. Está tudo bem e não se passou mais nada.

C: Na escola desenvolve-se o sentido de cidadania, não é algo que seja pouco trabalho. Mesmo nos vossos textos, etc.

A: Isso é transversal, aliás, pelo novo currículo do decreto cinquenta e cinco, “a cidadania é transversal e faz parte do currículo”. Tem de ser trabalhada.

O: E em várias áreas. Português acaba por ter cidadania, Estudo do Meio então. Cada vez mais no Português, nos textos e tudo.

C: Portanto, vocês acreditam que ao desenvolver este sentido de cidadania nas crianças agora, se o ensino, mesmo o pós-primário, que é o básico, ou seja, se continuarem a desenvolver este espírito, pode ser um benefício para construir uma sociedade melhor? Ou seja, começando com a base, que é esta fase, se derem continuidade a isso, acreditam que a sociedade no geral e todas as escolas trabalharem no mesmo sentido, acreditam que pode haver melhorias?

A: Sim, o trabalho da escola é esse. O nosso trabalho é uma utopia.

O: Sim, é uma base.

A: Uma base de que aquilo que nós fazemos será para um futuro melhor.

C: Sim, mas por exemplo, no ensino básico, trabalham-se mais áreas. Não me lembro de haver o cuidado de ter, por exemplo, uma disciplina em que falavam destas coisas.

O: Mas há. Há escolas que têm oferta complementar mesmo para a cidadania.

C: Mas é recente?

O: Já não é muito recente. Já há muitos anos que se trabalha esta área.

A: Mesmo no seu tempo de escola.

C: Não me recordo de falar em algo tão específico. Ou seja, fala-se em guerra e violência, mas é, por exemplo, em história ou na disciplina de religião e moral.

O: Eu lembro-me que há uns anos atrás, na oferta complementar, nós tínhamos mesmo uma hora por semana para trabalhar só mesmo cidadania. Independentemente de depois articular com outras áreas. E isto mesmo em 5º, 6º ano continua, não pára aqui.

A: Se calhar não falavam, ou na altura não entendiam como se fosse uma disciplina. Desde que eu estou no ensino e comecei a dar aulas em 2000, desde essa altura, antes também me lembro de trabalhar temas como a reciclagem, como sei lá, a participação na comunidade...

O: Em outras comunidades, com etnias diferentes.

A: Nas associações de voluntariado. Esse dinamismo em relação ao trabalho para a sociedade, ao bem-estar da sociedade, acho que é feito na escola já há muitos anos.

O: Na área de projeto.

A: Sim, já para não falar que essa disciplina deixou de existir.

O: Sim, deixou, mas era muito direcionada para isso.

A: O novo decreto para o ensino introduz os novos domínios para a autonomia curricular que vão trabalhar temas da cidadania. Esses temas estão no decreto, estão no diploma do currículo e têm de ser abordados. Há temas que são abordados na turma, transversalmente, e há temas que são abordados a nível vertical, portanto, pelo agrupamento interno. Desde o primeiro ciclo, há temas só para o primeiro ciclo, há temas só para o segundo ciclo e há temas só para o secundário. E há temas que são transversais ao agrupamento,

portanto, são abordados em todos os anos do agrupamento. Nós aqui, por exemplo, em domínio de autonomia, temos apenas o 1º, o 5º e o 7º ano, que é o ano de arranque. Neste momento, há um tema para o 1º, 5º e 7º, com uma abordagem diferente para cada faixa etária. No próximo ano já será o 1º e 2º, o 5º e o 6º e o 7º e 8º, assim sucessivamente até estar o agrupamento todo.

O: Mas isso já é feito há muito, muito tempo.

A: E há escolas que trabalham essa temática, digamos assim, com o projeto educativo, já é feita há muito tempo. Não é de agora.

O: Eu lembro-me no ano passado quando tínhamos a área de projeto, havia um tema, que era o tema do agrupamento, não é?

A: Sim.

O: Que era o tema que até fazíamos na altura um género de PT, onde fazíamos os registos todos. Havia um tema a nível de agrupamento, mas haviam vários subtemas. Por exemplo, cada ano, dentro do tema, escolhia-se o subtema. E trabalhava cada um.

A: Sim, sim. Isso já não é de agora. Eu acho que a escola nesse aspeto já trabalha com a ideia de preparar cidadãos conscientes já há bastante tempo. Agora, claro que a operacionalização às vezes falha, os recursos muitas vezes falham. Isto é trabalhado, só que depois temos currículos nacionais para dar, temos planificações para cumprir e muitas vezes, uma coisa acaba por atrapalhar a outra.

C: Não há tempo para tudo.

A: Exatamente.

C: Mas existe evolução no ensino. Há uns anos era de uma forma, agora é de outra.

O: Ah sim, isso houve muita.

A: Acho que sim, acho que tem sido.

O: Muita. Até porque nós temos, por experiência própria, eu e o professor Alexandre podemos falar nisso, os pais agora olham para os programas que os filhos estão a lecionar e dizem “meu deus, isto mudou, eu já não sou capaz de ensinar o meu filho”. Ouvimos muitas vezes esta expressão.

C: Sim, ouço isso também pela parte dos meus tios. Os meus primos têm mais ou menos a idade dos vossos alunos, andam no 3º ano, e eles também dizem o mesmo. Tanto que têm de nos pedir ajuda a nós porque não conseguem dar esse apoio.

O: Sim e a evolução foi em todos os sentidos. E claro que há uma preocupação muito maior agora ligada a essas áreas, para o meio ambiente, para tudo.

C: Cada vez mais. Se surgisse oportunidade vocês permitiam a repetição da intervenção cá na escola?

O: Sim, sim.

A: Sim.

C: Acham que os alunos são recetivos?

O: Sim, eles gostaram muito.

A: Têm é que depois, pronto, lá está, aquilo que sucedeu no final da vossa apresentação. À primeira eles podem não ter (...)

C: Tem de se puxar por eles, não é?

A: Exatamente. Tem de se explorar, tem de se puxar, tem de se questionar, porque eles depois acabam, e vocês viram perfeitamente, acabam por perceber...

O: Entenderam que eles entenderam.

A: Agora, consoante o tipo de apresentação, há umas que são mais explícitas e há outras cuja mensagem se calhar é mais difícil para eles de perceber. Porquê também? Porque eles, lá está, o acesso a este tipo de apresentação, é mais reduzido. Vamos ser honestos. Eles fora da escola não têm e a vontade deles em estarem a ver... Há apresentações que dão na televisão, não há ninguém hoje em dia que só tenha quatro canais de televisão. Todos eles têm uma panóplia de canais de televisão com temáticas diferentes em que podem perfeitamente escolher o tema ou a emissão que vão ver.

Eles não vão deliberadamente, nem os pais vão deliberadamente, por exemplo, colocar numa RTP2.

C: Exato, exato.

A: Já nem estou a falar de outros canais, se só tivermos os quatro generalistas, não há ninguém que vá colocar na RTP2, que é se calhar aquela que em termos culturais se aproximará mais disto, com apresentações de espetáculos diferentes.

C: Claro.

A: Uma peça de teatro, uma peça musical, uma representação qualquer. Não há, vamos ser honestos.

O: E a escola nisso é muito importante.

A: A escola nesse aspeto proporciona o acesso diferente em que em algum momento temos algo diferente na escola. Mesmo contar uma estória. Ainda há pouquinho tempo nós tivemos essa conversa. Eu recordo-me perfeitamente de ter, no meu tempo de escola, o contador de estórias. Não era alguém que vinha ler uma estória, era alguém que vinha contar uma estória.

O: Nem trazia livro.

A: Não, não. Ele contava a estória. E a estória tinha uma linha de pensamento e ele hoje contava de uma maneira e podia vir amanhã contar a mesma estória, mas contava de maneira diferente e hoje em dia não há. E acho que eles também perdem porque não têm acesso a essas coisas e nós falamos disso muitas vezes. Eles não têm a postura, ou não há o trabalho de base, para eles terem uma postura para verem ou para assistirem a isso. Sucede muitas vezes quando temos atividades desse género, a atividade está a decorrer, e um levanta-se “quero ir à casa de banho”, ou a meio já está a conversar com o outro porque já se desinteressou.

C: Pois.

A: E não têm a capacidade de estar ali durante algum tempo e só concentrar nisso. Hoje em dia o poder de concentração deles é muito reduzido.

O: Por exemplo, naquilo que apresentaram cá, foi interessante porque eles tiveram ali...

A: Tiveram vários estímulos. Tiveram estímulos visuais, auditivos, não é.

O: E os temas, os próprios temas.

A: Os próprios temas também. Mas lá está, estavam ligados a estímulos diferentes em que eles não estavam à espera e isso foi muito interessante. Eles ficaram cativados precisamente porque não sabiam o que vinha a seguir.

C: Exato, pois. Isso é importante. E os miúdos são curiosos, ou seja, do género, estamos a ver isto, mas se calhar vai acontecer outra coisa.

O: E eu acho que a escola dá cada vez mais essas oportunidades. Até porque, por exemplo, nós temos situações de alunos que se não fosse a escola, hum, por exemplo, o ensino articulado da música, nós sabemos que há alunos que agora estão direcionados para a música e vão seguir, de certeza absoluta, essa vertente da música, ou até um instrumento musical, porque foi a escola que incentivou.

C: Exato.

O: O tal ensino articulado que eu acho que é muito, muito importante. Eu continuo a dizer que a música é muito importante, mesmo em contexto de escola. Há pais que, se calhar, não têm essa noção, da vertente

da música, e se calhar nunca perguntaram o filho, ou nunca levaram o filho, “queres experimentar música?”, “queres experimentar tocar um instrumento?”, “gostavas?” e a escola deu essa oportunidade e eles até acabaram por gostar.

C: Se calhar muitos seguiram música por causa da escola.

O: E hoje em dia sabem tocar um instrumento por causa da escola. Por isso mesmo, porque a escola abriu o horizonte, foi uma janela que a escola abriu.

C: Sim, acaba por ser importante. Pronto, não tenho mais perguntas para vos fazer (risos).

O: Nós também não temos mais respostas para dar (risos).

A: Sim, acho que já foi um momento bem partilhado.

C: Sim, sim, foi para eu ter uma perspetiva também de quem ensina, já tenho a perspetiva de quem vê, neste caso as crianças. E obrigada por terem aceite que eu viesse cá.

A: Nós, para nós, as vezes aquilo que conseguimos considerar, lá está, é como temos um currículo para...às vezes é complicado para nós encaixarmos a atividade, porque obriga a uma paragem, e depois não é só obrigar à paragem na hora, é obrigar depois, que acho que é esse trabalho que tem de ser feito, que é uma reflexão sobre aquilo que se fez. Não ficar só aquilo por ter sido feito. É tentar, por exemplo, com a vossa apresentação, depois de conversarmos, continuarmos a conversar ou a produzir outro trabalho. E a partir daí para. E esse trabalho é que depois exige que se ponha em pausa todo o resto.

C: Exatamente.

O: Até porque eu lembro-me que, a seguir, numa situação qualquer de uma “fichinha”, eles fizeram um texto e houve miúdos que me foram buscar a situação da guerra. Escreveram.

A: Lá está, vem o depois. E isto é interessante acontecer.

O: Foi aí que eles foram buscar. No texto eu estava a ver literalmente, alguns foram buscar. Foi noutro contexto diferente, eu não pedi para fazerem um texto sobre o que viram, nada. Foi um texto. Era um texto sobre uma estória e muito deles foram buscar a estória do menino.

C: Muito interessante isso. Até gostei de saber, por acaso.

O: Foram buscar a estória do menino.

C: Se não vissem nem se iam lembrar de uma estória do género.

O: Não, nunca lhes passava pela cabeça,

C: Claro. Muito interessante, mesmo. E pronto, mais uma vez muito obrigada e para o ano veremos (risos).

A: Claro (risos). Igual já não digo.

C: Não, também nunca seria igual. Até porque, por exemplo, este é um ano piloto, ou seja, testar o terreno, etc. Não tinha financiamento nenhum, o que também fez com que eu estivesse limitada, mesmo a nível de roupa, e estávamos a trabalhar com uma equipa que também tinha os seus trabalhos e tudo mais. Portanto acabou por ser um bocadinho difícil nesse sentido.

O: Mas acho que correu bem. Criou impacto. Era o que nós pretendíamos.

C: Exatamente, sem dúvida. Portanto só por isso já fico feliz. (risos)

Anexo 11

Entrevista à professora da Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira (fase pós-performance)

Entrevista Escola Primária de Nespereira

16 de maio de 2019

Cláudia: Eu vou fazer algumas perguntas sobre as artes performativas em contexto escolar e de que forma é que a professora acredita que isso consegue desenvolver competências nos alunos, principalmente nos do 1º ciclo, neste caso no terceiro ano. E a primeira pergunta seria precisamente essa, a professora acredita que as artes performativas desenvolvem competências nos estudantes do 1º ciclo, nas crianças desta idade?

Alice: Claramente. Eu vejo as artes performativas como uma, não é disciplina, mas um momento globalizante. Eu entendo as artes performativas onde os meninos podem trabalhar o corpo, a voz, o espaço. Vamos ser muito pragmáticos, o programa do primeiro ciclo é extremamente intenso e as expressões, todas elas, as quatro, que nós temos e estão contempladas no programa, são parente pobre porque estamos completamente estranguladas, espartilhadas pelo programa e não conseguimos e temos a sorte deste município ter apostado nas artes performativas, que é globalizante como acabo por dizer, não é, para complementar um bocadinho aquilo que nós muitas vezes fica pela rama e eu acho que os miúdos ficam muito mais enriquecidos ao ter noção do corpo, o trabalhar as emoções que é muito importante, e cada vez mais, trabalhar os valores, porque indo em conta ao que nós estamos a falar, hoje em dia a instituição família transferiu para a escola tudo e mais alguma coisa, só não transferiu a cama porque de resto, tudo o que seja educação, o trabalhar para os valores, o saber-estar, tudo o que é essa parte do que é ser um bom cidadão, tudo foi transferido para a escola e os pais desresponsabilizaram-se e eu acho que aí, nesse aspeto, artes performativas, acaba por pegar neles e dar-lhes um bocadinho daquilo.

C: Como um complemento.

A: Exatamente. Como um complemento.

C: Sim, e por exemplo, os alunos são super recetivos até porque é uma coisa diferente. Eles verem determinados temas a serem representados por artes performativas é diferente da professora estar a falar, eles imaginam, mas se calhar não estão bem a ver a situação.

A: Não, eu lembro-me que por exemplo quando eles estavam no primeiro ano, eles tinham o professor Nuno, e estávamos a falar do medo. Havia medo nos miúdos, porque os miúdos ainda eram pequenotes, e havia ali um e outro caso que eu sabia que eles tinham pesadelos e era uma coisa que estava a incomodar os pais. Era uma coisa que está dentro das emoções também e o professor Nuno disse “olhem vou pegar nisso” e nessa aula eu estive presente. Claro que nós temos de fazer supervisão, mas aquela foi especificamente preparada para a minha presença e aí eu disse “eu também tenho medos, tenho muito medo do escuro” e os miúdos viram que é normal ter medo e eu acho que, acho que foi buscar... agora perdi-me (risos) qual era pergunta? (risos)

C: Que artes performativas tem, ou seja, eles são muito recetivos às artes performativas.

A: Ah são e viram que “ora a professora tem medo”

C: É normal

A: É normal. Então isto aqui sempre foi uma coisa assim, que acontece, e eles viram sempre as artes performativas, também nós explicamos não é, e não é só dramatizar, “isto é um teatro”, não.

C: Exato, acontece mesmo com situações reais.

A: Exatamente, eles têm a noção que artes performativas vai muito além do que é só a parte dramática.

C: Exato, ou um espetáculo só porque sim.

A: Exatamente só porque sim. É trabalhado muito coisa. Eu aliás acho que os pais, quando vêm cá, às aulas abertas, chamamos nós, ficam com uma perspetiva completamente diferente porque acham que “ah é só mais uma pecinha de teatro que eles estão a fazer”. Não, eles vêm cá e fazem os exercícios que os seus filhos fazem.

C: E integram-se também.

A: Exatamente, vão com a ideia real do que aquilo é. É mais do que o dramático, aquilo é exploração do corpo, exploração de várias coisas.

C: Sim. Por acaso eu ia tocar nesse ponto dos pais porque é assim, a escola tem, digamos, a função de ensino, como a professora disse, tudo acontece na escola e muitas vezes aquilo que vocês tentam ensinar aqui, se calhar, em caso acaba por se perder.

A: Completamente.

C: Então não sei qual é a opinião da professora, até que ponto os próprios pais também não podiam ser educados nesse sentido. Ou seja, aula abertas para eles estarem integrados de vários assuntos e se calhar serem ensinados a ensinar os filhos, digamos assim, porque muitos pais simplesmente não querem saber.

A: É, é. Eu acho que, agora nós estamos nesse ponto. Precisamente.

C: Mais do que tudo hoje em dia, com a internet, o acesso fácil.

A: Os professores chegaram a um ponto de rutura. Eu falo por mim. Eu acho que nós, na escola, temos de pensar seriamente, só que isso iria, mais uma vez, acarretar tempo aos professores e boa vontade dos professores que era aulas abertas, aulas com temas muito bem estruturados e muito bem pensados para aquele fim e eu acho que sim.

Olhe, eu lembro-me que quando estive na faculdade, eu tive uma cadeira que se chamava literatura para a infância e essa cadeira quando, sai da escola, quando sai da faculdade e quando entrei no mundo do trabalho, eu disse “esta cadeira podia ser dada a todos os pais” porque de facto, antes de sermos pais, nós temos de ter a perspectiva de quais são as nossas responsabilidades e o que é que nos espera.

Eu acho que agora as pessoas têm filhos porque sim, aliás agora a moda é nem ter, mas é uma opção que eu não discuto nem é este o objetivo, mas a verdade é essa. Os pais têm de ser chamados à escola para serem eles também instruídos porque nós vemos nitidamente que há miúdos aqui que manipulam os pais e os pais deixam-se manipular porque não dá trabalho porque dizer “não”, não dá trabalho, ter um miúdo agarrado a dizer “eu quero, eu quero” dá trabalho, é muito mais fácil de ceder. Muito mais fácil.

C: Mesmo pelo próprio trabalho em si, estão tão cansados e a rotina de, enfim, “olha, pronto é só desta vez” se calhar deixam andar e os filhos apercebem-se, porque as crianças são muito inteligentes, a verdade é essa, são muito malandras e eu vejo também pelo caso que tenho na minha família, tenho imensos primos pequeninos e vejo isso porque também sei do que estou a falar.

A: São, são, muito, muito. Muito negociadores, são ótimos. Há uma coisa que me está a assustar que é, o pouco que os pais agora fazem em casa, isto aqui eu sei que estou a ser muito radical, mas eu também sou mãe, o pouco que fazem, fazem mal que é instruir para “tu tens que ser o melhor”, cria pressão nos garotos e “tu tens que bater porque tens que mostrar que és mais forte” e é isto. E não dizem assim “tu tens de te impor pela tua inteligência, tens de te impor pelo teu trabalho, pelo teu empenho, porque tu podes ser muito inteligente, mas se não trabalhares, se não fores empenhado, não vais a lado nenhum”. Aquilo que nós assistimos aqui, e por experiência própria, tive uma mãe a chorar que me disse “professora ajude-me porque eu pressionei a minha filha e eu tenho a minha filha triste, não tenho a mesma filha em casa e eu não quero, eu quero uma menina feliz e as notas quando tiverem que acontecer acontecem”.

C: Ou seja, tratá-los como adultos.

A: É.

C: Ou seja, dentro da idade deles, com as palavras certas, mas tratá-los como adultos.

A: Sem dúvida.

C: Porque também é o hábito de os tratar assim.

A: É. Repare, eu noto isto na minha turma e, de ano para ano está a piorar, os miúdos estão cada vez mais infantis. Eu falo nisto, eu tenho um filho que está no 6º ano, e a conversa nas reuniões é sempre a mesma, “os miúdos são infantis, não tem maturidade, não tem autonomia, não tem responsabilidade” e eu ponho-me a pensar, os meus quando chegarem ao 5º ou 6º ano, o discurso vai ser muito pior porque, efetivamente, eles não são autónomos...

C: Claro, tem de haver um trabalho em casa.

A: E o trabalho que há é neste sentido, só. “Tens de ter prémios”, “tens que ser bom”, é o egoísmo ali alimentado, e tudo o resto, dos valores, da partilha, eu tenho miúdos que eles gostam de partilhar. Partilham e entregam, “queres a minha cola? Tu não tens” fazem isso. Eu tento inculcar-lhes isso e tudo bem, mas eles quanto pior melhor. E dói-me estar a dizer isto, eu digo isto com mágoa e dói-me porque, eu enquanto professora, é uma coisa que eu não consigo, não é?

C: Pois, claro.

A: Eu todos os dias, vem do intervalo, “ah que fizeram...”. Eu passo metade do tempo letivo...

C: A dar-lhes na cabeça.

A: Eu já lhes disse “eu não sou padre”, todos os dias dou sermões. Eu digo “que vos fique alguma coisa na cabeça, vocês vão para o 5º ano, é uma selva, é um salve-se quem puder, se vocês criarem agora aqui laços, porque vocês são muito mais fortes juntos do que separados. Vocês têm que ser amigos, têm que se proteger uns aos outros porque assim vocês são mais fortes e ajudar em tudo.

Há dias eu dizia isto ao meu filho: ele dizia-me, “mas o professor não explicou bem e eu pedi e ele disse “olha”, não teve tempo para mim.” E eu disse “oh Rodrigo, vais a uma colega que seja uma boa aluna e pede-lhe ajuda porque às vezes a vossa linguagem é diferente e vocês entendem-se melhor uns aos outros e não quer dizer que o professor seja mau ou seja bom, não tem nada a ver. Às vezes a forma como o professor explica, para uns é boa e eles captam, para outros não e entre vós, vocês têm sempre a mesma linguagem e isso é saudável” e é isto que eu tento transmitir aos meus alunos, mas é difícil.

C: Pois é, sim. Eles não têm tanta noção também. E lá está também se for só a professora, de tanta gente que eles conhecem, se for só a professora a dizer, é mais difícil de eles conseguirem ter essa consciência.

A: É, mas os miúdos dizem mesmo “a minha mãe quer que eu tire boas notas, que seja a melhor”.

C: Pois, mas isso não é o mais importante, de todo. Acho que, lá está, por isso é que eu falei em educar os pais nesse sentido.

A: É, é. Na última reunião eu abordei esse tema e disse “isso não é saudável porque hoje em dia, e está provado, os meninos inteligentes se não trabalharem e não se esforçarem, a inteligência não serve para nada.

C: Exatamente.

A: Só quem é empenhado e trabalhador é que vai longe e, aquele que é bom aluno no 1º ciclo, não tem que ser, propriamente, bom aluno o resto da sua vida, do seu percurso escolar. Aliás, assiste-se a coisas absolutamente inversas que é, os bons alunos vão-se perdendo, porque repare, há uma coisa que também aqui, é que no 1º ciclo há um acompanhamento muito apertado do professor.

C: Pois e chega-se ao 5º ano é uma diferença.

A: É uma liberdade total e depois, aqueles meninos que lhes fica estas coisas de formiguinha, de trabalho de formiguinha, conseguem ir a algum lado. Aqueles que até eram bons alunos, a liberdade é tanta e eles não conseguem gerir isto tudo e as emoções e depois é o crescimento, fator hormonal também, não é, tudo isso, que se perdem. Isso acontece e eu já estou a ir longe (risos):

C: Não, é normal, é normal (risos). Relativamente às artes performativas, o que é que a professora acha, por exemplo, de incluir as artes performativas no ensino regular?

Como se fosse uma matemática. Acha que era benéfico?

A: Eu acho que tanto as artes performativas como as expressões devem ser dadas por pessoas especializadas, com boa formação. Eu já conheci pelo menos cinco ou seis professores de artes performativas e, avaliar é comparar.

C: Claro, sim.

A: E claramente nota-se uma diferença entre o que é pegar num professor de 1º ciclo, por exemplo, e pôr a dar artes performativas. Quando ele é interessado, abeira-se do conhecimento e esforça-se, lá está, o trabalho formiga, e faz a diferença. Agora, nós vimos professores a encarar isto como “teatrinho” e depois vemos os professores com formação em artes, em cinema, em teatro, tem outra sensibilidade e nota-se a diferença. A qualidade é muito maior.

C: Mas, por exemplo, esta questão de incluir, não precisava propriamente de ser dada, por exemplo, a professora é professora em quase todas as disciplinas...

A: Sim e sou licenciada em educação física. Portanto, eu estou à vontade para falar as expressões.

C: Sim, exato, mas também uma hipótese seria, por exemplo, incluir mesmo outro professor para dar especificamente artes performativas.

A: Sim. Nós este ano, os miúdos têm artes, que vem cá um professor com formação em EVT¹⁸, e que só trabalha artes com eles. Nós fizemos fantoches, com papel reciclado, agora estamos a fazer tecelagem. Portanto, são coisas que nós vamos articulando. Olhe, imagine, é uma pessoa que percebe muito de geometria, vamos conciliando os conhecimentos que ele tem na área dele com o currículo dos garotos. E claro que sim, não tem nada a ver. É óbvio que é uma pessoa que sabe muito mais. Repare, temos geometria, para ele dar retas e paralelas é muito mais fácil, não quer dizer que eu não o faça.

C: Sim porque lá está, tem a ver com a sensibilidade, o estar mais à vontade com a disciplina em causa.

A: Claro que sim e eu acho que a monodocência não tem nada de bom, precisamente por causa disto. Vão para o 5º ano e é assim uma mudança...

C: Muito radical.

A: E se nós aproveitássemos as expressões onde se incluíam as artes performativas, ser dado por professores diferentes, a mudança era mais gradual.

C: Exatamente.

A: E não havia tanto este problema de adaptação. Eles também têm TIC¹⁹, vem cá o professor de informática, mas claro que sim, sem dúvida. Repare, nós vimos isso claramente nas provas de aferição.

C: Eles têm provas de expressões, não é? Eu soube disto na outra entrevista, eu não sabia.

A: Tiveram na semana passada, tiveram o dia de expressões, foi para expressão dramática e expressão plástica e musical. E na sexta-feira tiveram a educação física. Claro está que é assim, para já é indecente o grau de dificuldade que foi aplicado em música.

C: Como é que são as provas de música?

A: A do ano passado foi muito similar à deste ano. Tinham que fazer uma composição musical com quatro tempos, com o corpo. Eu sou obrigada a dar música, agora se me vai perguntar se vou dar tão bem como um professor formado em música? Não. Não, claramente que não. E assumo a minha ignorância em algum ponto. Agora, por exemplo, em plástica, foi mais consensual, embora eles tivessem que pegar em materiais e construir um peixe que tínhamos que ler, em voz alta, uma lista que eu me perdi, de obrigações. Era a barriga tinha de ser não quantas cores, tinha que ter raios não sei das quantas, raio de lazer a sair do

¹⁸ EVT- Educação Visual e Tecnológica

¹⁹ TIC- Tecnologias de Informação e Comunicação

corpo, tinha que ter barbatanas... tinha montes, tinha.... Eu acho que é assim, eles chegaram a meio, eles têm que pensar que isto não está escrito em lado nenhum, foi tudo oral, de obrigações naquela montagem, que tinham de fazer uma montagem. E depois tinham que nos explicar “o que é isto?”, “são de onde saem os raios lazer”, “e o que é isto?”. Ah e podiam acrescentar não sei o quê e explicar tudo. Quer dizer, isto aqui estamos a falar de meninos com seis e sete anos.

Em termos de expressão dramática, ah e musical, ainda faltou esta, que era: os miúdos tinham que, há um batimento, um áudio, eles tinham que produzir imediatamente esse batimento (professora reproduz o batimento com as palmas) e de seguida tinha de fazer isto. Sendo que em fundo havia um som, uma música. Ora, os miúdos não faziam batimento, faziam batimento do som que estavam a ouvir. Entravam no ritmo da música.

C: Ou seja, demasiado exigente para aquilo que se treina para esse tipo de prova.

A: Sim, no ano passo tínhamos cá um colega de música. Diz ele assim “os miúdos do 5º e 6º ano não faziam isto”. E depois há outra questão.

C: E os miúdos ficam frustrados também.

A: Completamente. Onde eles se saíram melhor? Na expressão dramática e na plástica. Porquê? Porque dá largas à sua imaginação. Eles tinham que pegar, aquilo tinha a ver com o oceano e encontrava tubarões e havia um ser maléfico, era um ser maléfico, a palavra é mesmo esta, e então eles tinham que, em grupo, elaborar uma estória e representá-la para os colegas, em que tinha que entrar para uma gruta. Obrigatoriamente tinha que haver na história, dois tubarões, tinham que entrar num canal estreito e baixo e o ser maléfico, pronto. Onde eles tinham um pano, esse pano era uma toalha que podia transformar-se.

Ah, um dos exercícios era, pegar numa toalha e transformar seja em que for. Houve bombas nucleares, houve chicotes, houve assim muita coisa, mas era uma coisa muito abstrata. Dar-te um tecido.

C: E fazer disso o que eles quiserem.

A: Há dois anos era uma garrafa, era um telefone, era um micro, era o duche, era bola, eram imensas coisas.

C: Eram imensas coisas.

A: Mas uma toalha, para já, quando que nem tem volume, não é? Os miúdos foram capazes de fazer estórias engraçadíssimas e depois libertaram os peixes, tiveram sequência. E depois houve a educação física em que, supostamente, o professor titular de turma, neste caso, até fui eu que demonstrei. Tive de fazer cambalhotas para a frente, cambalhotas para trás num plano inclinado, saltar para um plinto, voar e rodar no ar e cair num determinado sítio. Portanto, isto é a exigência que se faz ao 1º ciclo onde não há

materiais, e eu pergunto se um professor com sessenta anos ou sessenta e cinco é capaz de fazer a cambalhota que, o termo técnico é rolamento à frente ou à retaguarda, não é? E é isto a nossa vida. Quer dizer....

C: Ou seja, há aqui uma falta de consistência, de organização também. Não é?

A: Eu acho que, lá está, música, é impensável um professor de 1º ciclo dar música com rigor, porque a nossa formação, eu tive música na faculdade, mas aquilo que eles exigem no programa vai muito além daquilo que conseguimos trabalhar.

C: Do que consegue lecionar.

A: E que consigo fazer, percebe. Agora, se tenho tempo para isso também não tenho. Eu este ano não sei se vou conseguir cumprir o horário de matemática. Se lhe disser que as paralelas, hoje em dia, são explicadas com quartos de volta, dizer que há um segmento de reta, ao qual passa por três quartos de volta, onde encontra outro segmento de reta, os quartos de volta é número par, logo, esses dois segmentos de reta são paralelos. É assim que agora é dada a matemática.

C: Pois, e os miúdos tem que ter essa ginástica. São obrigados, no fundo.

A: Repare, perdemos imenso tempo com uma coisa abstrata.

C: Sim, acho que também falta aqui muito... (interrompe)

A: Mas nós estamos, desculpe lá eu sou muito faladora (risos), Cátia, Cláudia. A educação física, neste momento, a expressão que está mesmo mal, é a música. Embora tenhamos o suporte do manual, eu vou ensinar ritmos, batimentos, o timbre, quer dizer, são coisas muito específicas, que eu acho que só um professor com formação na área, é que deveria dar. E mais uma vez, vamos pegar no assunto, artes performativas sim, com pessoas com formação.

C: Exatamente.

A: Sem dúvida nenhuma! Acho que os miúdos precisam deste tipo de atividades.

C: Desenvolve-lhes outro tipo de competências.

A: E mais, o tempo que eles passam nas aulas, numa escola, eles deviam trabalhar competências curriculares na parte da manhã e na parte de tarde, artes performativas, música, eu acho que a música é fundamental para eles terem um desenvolvimento intelectual, de raciocínio, harmonioso.

C: De coordenação.

A: De coordenação também, acho que é fundamental. Porque não aprender a bordar, exige raciocínio, porque não uma natação, porque não ter a horta pedagógica na escola? E esses momentos estão a ser transferidos de tarde, já que eles têm de estar aqui.

C: Passam aqui a maioria do seu tempo. Mais aqui do em casa, quase.

A: Sim. Há miúdos que entram aqui às sete e saem daqui às sete. Portanto, depois chegam a casa ao tablet, que dá muito jeito, e depois vem aquelas porcarias que falávamos, porque assim não tem que estar a chatear o pai e a mãe, e eles fazem de propósito, porque querem ir para o jogo porque estão viciados no jogo e sabem que o pai à primeira não cede, à segunda não cede mas à terceira vai ceder porque vem cansado de trabalhar, que eu também compreendo, eu também sou mãe.

C: Claro.

A: Eu também tenho um montão de roupa para passar a ferro, mas ontem ficou lá porque hoje o meu filho ia ter teste a português e disse “oh mãe, vê só como é que está a minha gramática”, ok, vamos lá! Eu ontem nem a loiça pus na máquina (risos), portanto.

C: Claro (risos). Gerir o tempo da melhor forma, se conseguir.

A: Claro que eu rezo para que não entre ninguém em casa, que não entre nenhum desconhecido, isto é vergonhoso, mas eu penso “o meu filho precisava de mim”.

C: É o que é.

A: Não tirando a responsabilidade que ele tem de fazer sozinho.

C: Claro sim, mas se houver o apoio dos pais também é importante.

A: É, mas ele tem de saber que a mãe é só para supervisionar.

C: Exato, não fazer tudo.

A: Pois, que é isto que nós também temos este problema. Mas isso também se aprendia se houvessem essas sessões.

C: Exato, exato. Por isso é que eu também toquei nesse ponto.

A: Acho que essas sessões deviam ser feitas por psicólogos. Sabe que os psicólogos têm o dom de pôr o dedo na ferida, não é.

C: Mas sabe que também dizer se calhar aos pais “ter sessão na escola com um psicólogo”, está a perceber? “Eu não vou ao psicólogo, não preciso de ir ao psicólogo”.

A: Ah sim, sim. Porque “o psicólogo é só para os doidos”.

C: Há muito esse preconceito.

A: Ah sim, até entre colegas nossos. Aqui à uns anos um colega minha, eu disse “já foste ao psicólogo?”, “Eu? Eu não estou doida para ir ao psicólogo”.

C: Pois, não tem nada a ver mesmo. Às vezes é só para uma perspetiva diferente. Enfim.

Em relação à intervenção daqui a intervenção artística. Eles costumam ter este tipo de intervenções cá ou costumam ir ao teatro com a escola?

A: Sim, sim.

C: A esse tipo de eventos.

A: A nossa escola, esta escola, não é por eu ser cá docente, esta escola é uma escola exemplar, em tudo, em tudo. Para nós, os meninos estão sempre em primeiro lugar, sempre. Temos tido aqui alguns problemas, como todas as escolas têm, mas esta escola a nível de higiene, a nível de coordenação, é exemplar. Eu ainda à uns dias dizia a uma mãe “eu não ponho aqui a minha filha por uma questão de não ser saudável para a nossa relação” porque se havia escola onde eu confiava cegamente a minha filha, era nesta escola. Cláudia, mesmo! Isto para dizer o quê? Já me perdi outra vez (risos). Estávamos a falar...

C: Se vão com os miúdos ao teatro.

A: No ano passado fomos, por exemplo, ver a branca de neve no gelo, não? A Alice no país das maravilhas! Pronto, ok, foi esse. Há dois anos ou à três, tínhamos ido a Santa Maria da Feira ver também uma peça de teatro. Tentamos levar as crianças. Este ano vamos à casa da Sofia de Melo Breyner, pronto. E ao jardim de botânica no âmbito da centenária do seu nascimento. Portanto, tentamos diversificar, mas muito para a veia cultural, porque sabemos que são coisas que eles nunca mais vão ter acesso. Ou dificilmente terão.

C: Se não for na escola também não vai ser fora.

A: Não, não. Podem ir ver o panda, efetivamente, quando há ali.

C: Ir ao cinema.

A: Sim, sim. Mesmo até ao cinema eles vão agora no dia mundial da criança. É algo que também faz parte. Mas nós tentamos promover sempre um espetáculo de teatro cultural com eles. Não vou dizer que já não tenham ido ao oceanário, foram, ao Sea Life foram. Olhe, no ano passado fomos ver esse teatro, mas antes disso tínhamos ido ao Porto Editora ver os manuais, como é que eles são feitos, porque é como “de onde é que vem o leite do continente?”, pronto. Então eles têm de ver como é que é feito o manual deles, não é? E foi muito interessante. Antes de haver o acidente que lá houve, e eu acho que isso também faz parte.

São coisas que não é por ir, não é. Nós tentamos levar os garotos onde lhes acrescenta alguma coisa, culturalmente, em termos de conhecimento.

C: Claro, é ótimo isso. A professora acha que deviam haver mais intervenções como, por exemplo, aquela?

A: Ah sim, claro. Sem dúvida. Mas aí tínhamos um problema, não tínhamos tempo para dar o programa também.

C: Pois, também. Mas digo eu, não precisava de ser mês a mês, mas se calhar com mais frequência, diversos tipos de intervenções, não só naquele âmbito que foi este.

A: Sim porque eu acho que eles se colocaram numa posição que nunca se tinham colocado, que é do lado de lá.

C: Pois, exato. O lado de interpretar a mensagem.

A: Eles viram o espelho à frente deles, não é? E aquele silêncio que aí houve, porque eu tenho uma turma muito mexida e muito faladora, e houve ali algum silêncio. A Cláudia não conhece a turma, mas houve ali um silêncio anormal para mim.

C: Mas positivo?

A: Muito positivo. Eu interpretei aquele silêncio como uma reflexão. “Ui, eu sou aquele ou aquela que faz aquilo”, “eu sou assim para a minha colega às vezes”. E eles aperceberam-se, é o que eu estou a dizer, aquilo foi um espelho. Eles ficaram daquele lado e isso eles raramente fazem, não é? Ainda ao bocado tive que gerir um conflito de um miúdo com o 4º ano e eu disse “olha, eu não te vou castigar, não te vou tirar recreio. Mas vou-te dar um castigo pior, que é, vais ter de chegar a casa e contar à mãe tudo o que tu fizeste. Tu sabes que vieste para aqui para controlar o teu comportamento”, foi um menino transferido, “portanto, vais contar à mãe e a mãe vai saber que aquilo que acontecia na outra escola não era só porque os teus colegas te levavam, mas porque tu às vezes tinhas a iniciativa. Para já, a mãe vai-me ligar para contar o que tu disseste, que assim já vou saber se tu contaste a verdade, e toda a verdade, e depois, se tu não fizeres isso, vai ser muito simples, o colega a quem tu magoaste vai-te fazer exatamente o mesmo e aí tu vais ver o que é a humilhação de ser chamado de bebé, de se rirem da tua cara e ainda por cima ter a dor na perna de ter levado um pontapé”.

Ele ficou muito sério porque tem de ser assim. Nós chegamos a um ponto de ter de fazer este tipo de coisas e o espetáculo foi isto. Foi eles reverem-se, não é. E eles nunca tiveram essa perspetiva, eles são sempre os atores, eles nunca se sentiram.

C: Nunca se identificaram na situação ao vê-la.

A: Eu acho que foi assim. E aquela parte do *bullying* foi, acho que foi a mais...

C: Impactante.

A: Foi. Depois ficaram preocupados com a questão da guerra.

C: Sim e falaram nisso?

A: Sim falaram depois na sala. Falaram “oh professora, mas é mesmo assim?” e eu disse “não, é bem pior”. Aqui há tempos haviam miúdos a deitar comida fora. Isto de educar não há receitas. Às vezes não sabemos se o caminho que levamos é o mais correto, mas temos que experimentar e só experimentando é que sabemos se funciona ou não. E o que é que aconteceu, chegamos à sala e eu tinha projetado imagens de meninos a passarem fome, mesmo no limite da sobrevivência. E eles viram aqueles miúdos e disseram “oh professora aquilo é só ossos” e eu disse “ai é?” e depois reviram e reviram, e passei, e passei, e passei imagens diversas e houve meninos a chorar e eu disse “estes meninos não têm nada, nem uma gota de água, aqui vocês brincam com ela. Aqui deitam comida ao lixo. Pensem agora”.

Nunca mais apareceu, é assim, pelo menos na minha sala, acho que houve uma diminuição porque nunca mais houve, quer dizer, também isto é mau porque quer dizer que os meus alunos deviam ser o foco desse mau comportamento que era desperdiçar comida, não ter respeito pela comida. Mas a verdade é que teve de ser esta medida mais drástica porque de facto não são imagens simpáticas de se passarem, não é e eles são pequenotes. Mas nós temos de mostrar que o mundo não é só cor-de-rosa.

C: Exatamente, mas também já estão na idade de começarem a perceber determinados assuntos.

A: De verem! E voltamos ao mesmo, nós temos que falar com eles como adultos. Não temos que infantilizar. Antigamente “vai ali o popó”, eu nunca disse “popó”.

C: Mas isso eu sou de opinião total, acho que não faz sentido, se carro é a palavra não vamos ter de ensinar outra”.

A: A primeira palavra que o meu filho disse foi carro. Quando foi para a escola primária, para o primeiro ciclo, eu acho simpático a palavra primária, não acho nada pejorativo a palavra.

C: Sim, claro. Primária, primeiro ciclo.

A: Pronto, primeiro ciclo. Então, às tantas vinha uma palavra que era popó e ele tinha de desenhar. E ele disse-me, no primeiro ano, “oh mamã o que é um popó?” ah e há o “piu piu”, a “pua”, a “pia” e por aí fora. E havia o “popó” e eu “popó? Oh Rodrigo popó é um carro. Diz ele “o quê? Popó é um carro?” Portanto, para ele foi uma novidade porque nunca esse termo foi dito em casa. Nós chamamos a esta linguagem “maternal” e que não deve existir.

C: Sim porque depois mesmo eles a nível linguístico ficam limitados.

A: Ficam.

C: Ou seja, há que ensinar as palavras consoante são.

A: Por acaso aqui à dias, a discussão na sala dos professores era “bonecos”, estão a ver os “bonecos” e um colega disse “não, estão a ver desenhos animados” e o meu colega disse “bom, ainda há quem lhe chame pior, há quem lhe chame macacos”.

C: É verdade, mas isso são as pessoas mais antigas também, por exemplo, os nossos avós têm essa tendência. Eu vejo isso pelos meus avós que diziam isso, enfim.

Então a professora estava-me a dizer que tem por hábito abordar os temas do *bullying* e racismo.

A: Sim, até porque na minha turma é impossível não abordar porque há todos os dias algum conflito para gerir.

C: Claro.

A: Porque “não quis brincar comigo”, “porque ela só quer brincar o que ela quer”. Gerir isto é desgaste emocional brutal.

C: Imagino, até porque a professora é que está a ter o trabalho todo no fundo e depois em casa os pais nem sequer têm a noção cem por cento do que se passa aqui e o que a professora tem de fazer para conseguir solucionar, digamos, o problema.

A: É isso e depois os pais têm a queixa do menino ou da menina em casa e depois dizem “oh professora veja se pode fazer alguma coisa”.

C: Não têm noção que a professora já faz alguma coisa.

A: E às vezes não têm noção que é o próprio filho que é o causador.

C: Exatamente, exatamente.

A: Geralmente, é assim.

C: Qual é a opinião da professora em usar as artes performativas para abordar este tipo de temas? Que diferença vê nos alunos, mais interesse? Por exemplo, uma coisa é a professora passar fotos e falar.

A: Vamos bater ao mesmo, este espetáculo foi...

C: Um reflexo.

A: Sem dúvida, é isso. É a mudança de papéis. Eu acho que foi muito produtivo, foi muito eficaz, acho que sim, sem dúvida. Quando eu disse “o eles verem-se”, é o deixar de ser ator, mesmo. “Olha, aquele sou eu”.

C: Exato. Acredita na importância de abordar estes temas da atualidade como forma de despertar o sentido de cidadania nas crianças?

A: Sim, sim. Sem dúvida. Estou sempre a dizer “isto é cidadania”.

C: No fundo, tudo faz parte da cidadania.

A: Sim, é, mas sabe Cláudia...

C: Só que há coisas mais específicas. Há quem considere mais específico falar sobre sustentabilidade, tem a ver com a cidadania; racismo, educar para evitar o racismo; educar para a igualdade de direitos, tem a ver com a cidadania.

A: Sabe, nós tivemos a Sofia esta semana muito simpática, a apresentar o projeto “mais cidadania” e disse “eu vou ser muito clara consigo. Olhe, vocês gastam papel à toa e folhetos à toa porque deviam...”

C: Intervir junto à sociedade e não tão teórico.

A: E há mais uma coisa, repare: no hypatiamat tivemos que estar com eles nos tablets e passwords e não sei quê. E eu disse “olhe, o hypatiamat tem uma coisa boa e é uma boa plataforma de matemática, mas tem uma coisa que vocês deviam mudar. Se estamos a falar de má cidadania e vocês estão tão virados para a sustentabilidade ambiental, que eu acho bem, repare, vocês dão todos os anos um código diferente e este ano não entram. Aquilo tem tido erros todos os dias. Porque é que vocês não utilizam um código, que até mandar por e-mail, e a professora imprime, cola na caderneta, que é uma “coisinha pequenina”, em vez de fazer um desdobrável a cores, lustroso! Portanto, gastasse menos dinheiro, menos recursos e estamos a fazer bem ao ambiente, portanto, já estamos a trabalhar a cidadania.

Depois ela mostrou, que era muito interessante, mas muito virado para o património, e coisas teóricas, muito interessante, sem dúvida, não ponho em causa nada, só que, este ano, eles tiveram: mais cidadania; literatos, que é um projeto de português; tiveram, no ano passado, o hypatiamat, que continuo este ano a utilizar porque é uma boa plataforma e é um meio de eles, a brincar, aprenderem matemática; e, nada semana passada, tivemos o projeto “Eco Afonsinho”, que é um jogo para eles acederem. Portanto, imagine a quantidade de coisas que estão a decorrer ao mesmo tempo, mais o projeto “pegadas”, onde este primeiro ciclo é, por excelência, chamado a colaborar. Agora, a cidadania, sim, sem dúvida nenhuma, mas nós todos os dias trabalhamos a cidadania. Ainda ao bocado, ia para a sala dos professores, um miúdo entornou um bocado de iogurte porque estava na brincadeira e eu disse “olha, duas coisas: estás a brincar

com comida; segunda coisa: aqui não há criados. Vais limpar o que acabaste de fazer”. Estava lá uma funcionária e diz ela “ouviste a professora?”.

Eu acho que isto é educar para a cidadania. É saber que, os funcionários estão aqui para limpar, para ajudar, mas nós não podemos brincar também com, há limites. Eles têm de saber que não podem.

C: Que existem limites, claro. Até porque em casa os pais fazem-lhes tudo, e é normal, não estou a dizer que não porque eles também só têm sete ou oito anos.

A: Ah, mas os meus alunos, alguns não sabem apertar cordões, por exemplo.

C: Pois exato, são pequenas coisas, mas é verdade.

A: E isso, quando estamos a falar de dizer “sejam fortes, sejam amigos, ajudem-se”, eu acho que isso é mais importante, do que saber que existe não sei quantos mil habitantes no concelho. É importante, faz parte da cultura geral. Este distrito tem não sei quantos concelhos, mas acho que é mais importante saber que não têm que gozar, não podem deitar a pastilha elástica ao chão.

Eu tenho a consciência que todos os dias trabalho a cidadania. Não tão virado para o património, tão virado para a sustentabilidade, isso também sim, há conteúdos em estudo do meio que nós, há interdisciplinaridade, não é, e eu aproveito isso tudo, mas aquelas coisas que eu acho que é mesmo virado para o cidadão, o ser um bom cidadão, uma pessoa com valores, o ir na estrada e ter a capacidade de ajudar um velhinho por iniciativa própria, o dizer “bom dia”, “boa tarde”, eu acho que isso, para mim, é muito mais importante.

C: Claro, isso eu também concordo.

A: Muito mais importante que, esse trabalho antigamente, era feito pelos pais e agora não é. As catequistas tentam fazer isso, que agora as catequistas, e bem, já nem andam lá “ave-maria” e “pai nosso” porque o meu filho não foi para a catequese aprender orações. Ele aprende isto, estes valores, que eu acho muito bem porque eu acho que isso foi uma evolução.

C: Uma evolução e isso é muito bom, claro, até porque, porque exemplo, no meu caso, eu só fiz a primeira comunhão, mas eu não gostava da catequese porque falavam coisas que para mim não faziam muito sentido (risos).

A: Porque era massacrada (risos).

C: E pronto, enfim, não gostava daquilo. Não me interessava porque fazíamos uns desenhos sobre, não sei, só me lembro de fazer desenhos na catequese e de falar Jesus Cristo. Não me lembro de me falarem de temas como estes ou que me despertassem a curiosidade de alguma forma, não. Então nem sequer tive curiosidade em continuar.

A: Eles agora mudaram um bocadinho, até porque tinha de ser, senão eles iam ter miúdos desmotivados que não estavam para ouvi-los e é mais lúdico, agora é muito lúdico, eles fazem mais jogos, fazem até dobragens. O meu filho não foi lá aprender. No meu tempo havia o banco dos “burros”, dos “mais ou menos” e dos “inteligentes”. Tínhamos de saber o catecismo todo, aquelas orações todas que eu agora já nem me lembro: os mandamentos, os estados capitais, que não serve para nada.

Eu acho que agora temos um sentido mais prático: o que é que eu quero para a sociedade, o que é que eu quero para o meu futuro? Queremos miúdos egoístas? Queremos miúdos que sejam úteis na sociedade?

C: Professora, se surgisse a oportunidade, permitiam a repetição da intervenção?

A: Sim, sim, sim. Desde que haja autorização dos meus superiores, sem dúvida.

C: Professora e obrigada por disponibilizar o seu tempo e dos seus alunos.

Anexo 12

Entrevista com Miguel Oliveira, Presidente da Junta de Freguesia de Urgezes e Responsável pel'A Vaca Negra

Susana²⁰: Fale-nos um pouco sobre a cultura e História d'A Vaca Negra, por favor.

Miguel: Ao contrário do que muita gente pensa, e poderá vir um dia a ser mas para já não é, pensam que é uma associação. A Vaca Negra não é. A Vaca Negra é um Pólo cultural da Junta de Freguesia de Urgezes, assim como a Biblioteca Raúl Brandão é um Pólo, é uma extensão da Câmara Municipal, portanto, não tem personalidade jurídica, está sob a alçada da Junta embora a gente lhe tenha dado aquela roupagem, se assim podemos dizer, de tipo associação, uma forma mais aberta, mais para dar uma oferta mais aberta à comunidade, portanto, foi um bocado esse o conceito e aproveitando também daquela antiga Escola Primária que ficou devoluta, portanto, dentro daqueles projetos que a Junta de Freguesia tinha era a aposta na cultura, foi reaproveitar ou aproveitar esse edifício que ficou devoluto que até então era Escola Primária, aproveitá-lo para um Pólo Cultural e que era vulgarmente conhecido como Vaca Negra, embora seja um edifício Francisco dos Santos Guimarães, terá sido quem doou em tempos aquele edifício da Escola mas efetivamente era vulgarmente conhecido por Vaca Negra. É uma lenda que leva esse nome da Vaca Negra e pronto e adotámos a Vaca Negra como Pólo cultural de Urgezes mas queremos que seja muita mais aberto do que a própria Freguesia de Guimarães e independente. Vamos ver o crescimento que depois vamos ter com o Pólo Cultural.

Susana: E quando começou qual era a sua Missão e filosofia?

Miguel: Quando começou e ainda é agora. Ainda é muito à base muito do voluntariado. Primeiro porque parte dos recursos a isso obrigam. Eu acho que acabámos por ser um bocadinho loucos na altura em que o país estava em crise e estava em recessão e que se cortava em tudo e mais alguma coisa e o mais fácil talvez de se cortar é na própria cultura e nós fomos um bocado em contra ciclo, apostámos onde tínhamos um projeto cultural e temos, se calhar já teve momentos mais altos, momentos mais baixos mas isto é como tudo e nós um bocado em contra ciclo apostámos num projeto cultural que mesmo a nível de Freguesia não era muito normal, noutras Freguesias ainda viviam muito à volta das obras e à volta dessa desses projetos e nós quisemos criar projetos diferentes que achámos também que as novas necessidades assim nos obrigam e a apresentar novas ofertas para a comunidade. Portanto surgiu um bocado nesse sentido de, portanto, por um projeto nosso, é verdade, mas depois com um conjunto de voluntários de

²⁰ Susana, colega de grupo de trabalho, do primeiro ano do Mestrado, no desenvolvimento do Plano de Comunicação renovado para "A Vaca Negra", para a Unidade Curricular Comunicação, Mídia e Arte.

peessoas ligadas à cultura que também foram dando o seu contributo para que ela necessidade fosse uma realidade. Tem funcionado um bocadinho à base de voluntariado, não é uma associação, mas tem funcionado um pouco como uma associação porque não temos grandes fontes de receita, teremos de pensar no futuro se calhar em novas metodologias. Pode não ser associação, pode ser um formato, mas sei, por exemplo, uma vez a nível camarário se fizermos um plano de atividades podemos ter alguma participação para esse efeito. (...) à parte da cultura. Eu também tinha uma ideia que era só as associações que eram apoiadas e não as Juntas de Freguesia também podem ter esse apoio com um projeto cultural, neste caso como a Vaca Negra, mas é uma situação a repensar porque eu acho que o edifício também está, há um projeto a nível de obras, embora não queiramos alterar muito, alterar muito não, aquela fachada, aquele bloco da frente será sempre para manter porque é um edifício centenário e com muita história mas temos um projeto, estamos a trabalhar com a Câmara no sentido de requalificação, pronto, chove lá, nos telhados e eventualmente um bloco novo atrás para dar mais condições do ponto de vista das oficinas que pretendemos criar e dos próprios espetáculos tem passado muito à base do voluntariado, um bocado o conceito de associativismo geral.

Miguel: As pessoas não têm aqueles hábitos. E nós até nos sentíamos mal pelas pessoas que não tinham a venda que estavam à espera e daí nós começamos a mitigar com produtos da terra que sabemos que tem muita venda e traz muita gente para as outras e nesta última edição também inovamos, fizemos a feira do livro que costumávamos fazer por si só e incluímos na própria feira que chamamos agora “feira de Urgezes”, portanto artesanato, produtos da terra e feira do livro e funcionou muito bem. A feira do livro por si fazemos durante 3 dias, com espetáculos, momentos musicais, teatro, apresentações de livros, declamações, tudo. Os momentos em si até tinham alguma adesão, mas depois alguns momentos tinham pouca gente. Aquilo também lá está, momentos culturais bem feitos, que depois não se tem a adesão. Isto é uma dificuldade da cultura também. Faz-se momentos bonitos e bem feitos e por vezes a adesão não é aquela que nós gostávamos de ter e isto desilude-nos um bocado e pensamos “desistimos ou não?”.

Susana: Exato, desmotiva e tal.

Miguel: Sempre se diz que a Cultura tem de se cultivar e tal, para as pessoas ganharem os hábitos para depois começarem a ir. Mas o que eu estava a dizer, os equinócios, o dia da criança que normalmente é no primeiro fim de semana de Junho, feira de artesanato que é em Julho, o aniversário que é sempre em Dezembro, havia a feira do livro que também foi variando. Era em Outubro depois passou para Maio e agora fizemos de forma diferente. a parte do livro passou para a feira de Urgezes e temos uma vertente da feira do livro que era a oferta pedagógica para as escolas, com oferta nas próprias escolas e a parte em que as escolas vinham à Vaca Negra e essa parte mantivemos de oferta só para as escolas e a parte ao público encaixamos na feira porque acho que faz todo o sentido e funcionou bem este ano. Feira de

Artesanato, momentos de apresentação ao ar livre. Funcionou bem este ano. Acho que esse conceito será para manter. A Cláudia também já lá foi fazer animação.

Cláudia: Sim, na feira de artesanato. Foi à 2 anos.

Miguel: Eras tu e um cantor de Barcelos. Sérgio Lomba, cantava mesmo bem. Eu conheci esse senhor num jantar qualquer da câmara e esse senhor foi la cantar e eu fiquei impressionado e lá está, mais um artista que passou ao lado de uma carreira.

Cláudia: Sem dúvida. Eu até cantei com ele, chamou-me ao palco e foi espetacular.

Miguel: Um à vontade fantástica. Foi mais um artista que passou ao lado de uma grande carreira e pronto, temos feito isso. Depois, qual é o projeto que nós queremos? Algo para mostrar, mas também manter linhas que temos desenhadas desde o início que serão para manter que é as oficinas. Não só residência artística, mas ter oficinas também. Claro que nós não temos capacidade para nós próprios fazermos as oficinas, se calhar fazer parceria com uma escola de música, que possa dar aulas de música e nós cedemos o espaço. Normalmente, o que exigimos em troca é que deem à Vaca Negra uma ou duas atuações como contrapartida.

Susana: Nada de troca financeira.

Miguel: Nada, nada.

Cláudia: As oficinas seriam o quê? Teatro, dança, música?

Miguel: Passaria por aí.

Cláudia: Tudo o que seja artístico.

Miguel: Tudo, tudo. Ate as vezes coisas que uma pessoa não se lembra.

Cláudia: Mas chegaram a abrir as oficinas?

Miguel: Já houveram várias reuniões, mas nunca foi mesmo para o terreno. A nível de residência artística, estava lá até à bem pouco tempo, um grupo de teatro, que se designava “impro”, que entretanto não sei porquê mas não tem ensaiado. Tem lá umas miúdas da dança. Essas são lá da zona, e pelos vistos tem tido uma adesão fantástica. Elas próprias são Auto pedagógicas, têm feito os ensaios que, estamos nós a ponderar que eventualmente mereceria da nossa parte um esforço poder ir lá alguém profissional da área. Nem que fosse de 2 em 2 meses, ao sábado de manhã, ir lá e pudesse trabalhar com elas e dar-lhes alguns conceitos para elas continuarem a desenvolver. Esse grupo de dança, teatro, começaram também a ensaiar esta semana um grupo de estudantes da Universidade do Minho ligados ao Teatro, e acho que alguns estudantes vieram no ano passado de Erasmus e ligados ao Teatro, começaram a ensaiar esta semana e também, lá está, pediram as instalações para ensaiarem. Servir de residência artística, de certa

forma, para depois puderem apresentar um ou duas peças de teatro. Eles disseram-me os nomes, mas não fixei. E pronto, neste momento estão a iniciar os ensaios no sentido de depois apresentarem em vários sítios e apresentarão lá na Vaca Negra também. Portanto, passa muito por aí. Não só servir de residência artística de grupos de dança, teatro, o que aparecer, como lançar as oficinas, que não é fácil.

Cláudia: Sim, sem dúvida.

Miguel: Não é fácil, já tivemos reunião com a escola de música, teatro também acho que seria interessante, e depois o que pudesse aparecer. Isso nós não limitamos. Na teoria tínhamos projetos, sabíamos o que queríamos, eventualmente criar uma banda de qualquer coisa, em função também do que se ia fazendo nas oficinas, tentar criar uma banda que desse saída ao que se fizesse e criar uma coisa com alguma dimensão. O xadrez, a secção de xadrez é lá que também tem, também se encaixava bem ali. Agora às 6as feiras há campeonatos a nível de Braga ao fim-de-semana. Acho que sim, se encaixa bem a questão do xadrez. E depois há uma outra atividade que não se enquadra muito, como a ginástica dos idosos. Portanto o espaço está livre e utiliza-se.

Neste momento, resume-se um bocado a isso.

Susana: Eu agora queria perguntar a nível da nossa disciplina mesmo que é Comunicação, Média e Arte e eu queria perguntar na parte da estratégia de comunicação e no planeamento de media que na altura, e agora, embora agora não sei como esteja essa parte, mas como é que se processou? Falaram com rádio, jornais...?

Miguel: Ah, a divulgação. Redes sociais, que é hoje em dia uma das coisas fundamentais. O próprio Facebook d'A Vaca Negra, os meios da Junta também porque faz todo o sentido, até mesmo no site da Junta. E depois através do envio para a imprensa local, sobre qualquer evento, qualquer iniciativa. Se quiser criar, a gente lança o comunicado para a imprensa e eles divulgam. Cartazes, nos locais da freguesia e fora, onde nos interessa. Quando é para a feira de artesanato até nas lonas colocamos em dois ou três sítios principais em Guimarães. Tem passado por aí. Estamos abertos a novas soluções.

Cláudia: Não existe nenhuma parceria da Vaca Negra com a Casa da Criança? Ou seja, ações de carácter social.

Miguel: Houve lá um, sim. Aliás, o último dia mundial da criança que nos também deixamos em aberto à comunidade, aos escuteiros, um grupo de jovens ligados à igreja que até deram a ideia de o dia da criança ter uma finalidade solidária em que se doou alguma coisa para a casa da criança. Foi no último dia mundial da criança.

Cláudia: Mas só aconteceu isso? A vaca negra não tem nenhuma parceria com nenhuma instituição social?

Miguel: Não.

Cláudia: Mas seria uma boa ideia.

Miguel: sim, seria. Até mesmo nesse evento em concreto, quando nos deram essa ideia, a gente até achou logo uma excelente ideia. Mas claro que nós também completamos, porque as pessoas levaram, mas não era muito significativo. A junta comprou mais algumas coisas.

Cláudia: Mas isto seria uma ótima ideia, mesmo para ganhar nome no mercado.

Miguel: Sim, parece-me interessante.

Cláudia: Como a cruz vermelha portuguesa, por exemplo.

Miguel: É coincidência porque a Cruz Vermelha também reuni com eles à 15 dias atrás em que procuram novas soluções. Sabes que eles também estão muito parados

Cláudia: Eu sou voluntária, por isso é que eu estava a falar.

Miguel: Eles queriam saber se estamos disponíveis para essas áreas sociais e nós claro que estamos, como é óbvio. Tem é de se ver os modos em que vai acontecer essa parceria. Foi mais ou menos há 2/3 semanas que a gente reuniu precisamente nesse sentido de procurar soluções. É interessante. Mesmo a nível social, acho que a vaca negra pode ter um papel interessante.

Cláudia: Super. Por isso é que perguntei sobre as parcerias

Miguel: No que toca a ajudar acho que podemos fazer um esforço extra. Nas oficinas no geral, quando nos inscrevemos em qualquer coisa pagamos, não é? Portanto não é nada que seja fora do que é normal as coisas acontecerem. Envolvendo a terceira idade e questões mais frágeis, eventualmente até miúdos com menos possibilidades económicas, pode exigir um esforço da nossa parte compensar essas mesmas oficinas. E quando digo social, por exemplo, para a 3ª idade, em Urgezes acho que é mesmo a grande lacuna. Nós também estamos perto de tudo e, portanto, as pessoas quando tem muita facilidade, se tiverem vontade, a nível de mobilidade em transportes estão à vontade. De um quarto em quarto de horas as pessoas querem vir do centro para qualquer atividade e vem. Portanto em Urgezes não é tao fácil aderir como em outras freguesias por exemplo mais rurais. As pessoas centram-se naquilo que lhes é oferecido. Em Urgezes isso acontece muitas vezes na parte da cultura. As pessoas têm tanta oferta do espaço e por termos muita oferta as vezes as pessoas dispersam-se. Mas no ponto de vista do social acho que era interessante criar as oficinas para os idosos.

Essa parceria social parece-me interessante. Nós tido uma preocupação, não só na vaca negra como o nosso trail que nós designamos "Trail Herdal- Urgezes solidário". É uma prova, não sei se já tiveram oportunidade de ver, temos tido a adesão máxima. Estamos na 5ª participação este ano, é em Maio, e tem tido a participação de mais de mil pessoas. 1000 atletas entre caminhada e trail de 15 e 25km no ano passado e este ano entre 18 e 25 km.

Susana: Ainda conseguimos apanhar se quisermos fazer uma observação.

Miguel: É fantástico, vale a pena participar.

Susana: É realmente fantástico.

Miguel: Tem tido a participação de atletas de 40 e tal cidades. Não é brincadeira. É uma prova com alguma dimensão. Em que damos um caráter social. A prova desportiva, ambiental porque é tudo em campos e montes, é tudo o menos possível em estradas. Campos e monte e na Penha, e depois tem esse cariz solidário. A receita é um valor muito abaixo das provas que se faz e tem sido de cariz solidário. Já foi para a associação de apoio à criança no primeiro ano, nos 2 anos foi para os Bombeiros, este ano ia ser para outras, mas acho que os bombeiros também estão a precisar muito e a APCG. Mantivemos os bombeiros porque achamos que a atual conjuntura também se justifica. Aquilo tem nos dado muito gozo. Nunca participei em nenhum trail mas é daquelas coisas que vale mesmo muito a pena.

Susana: Já fiz muitas caminhadas, mas nisso nunca o fiz.

Miguel: É diferente.

Cláudia: Mesmo o espírito é completamente diferente. Está tudo ali para o mesmo.

Miguel: Há sempre um ou outro mais competitivo, mas no geral o ambiente que se cria é fantástico. Já dei comigo a fazer 18km. Cheguei a meio a pensar “no que eu me meti” (risos). Mas depois vem e outro que nos dizem “vai, vai” e o ambiente torna-se fantástico. Isto dito é uma coisa, mas participar é outra. E no ano passado foram 1200 participantes.

Susana: Espetacular.

Miguel: Cria um ambiente fantástico, de envolvência. O próprio ambiente, de monte e sítios que as pessoas nem fazem ideia que aquilo existe. Aquilo dá muito trabalho, há um professor, o professor Pedro, que trabalha na Francisco de Holanda, que anda meses a trabalhar nisto. Ele vai para o monte, descobrir os trilhos, etc. Mas pronto, indo um bocado a essa questão do social, que me parece interessante e em outros modos nunca pensei neles e se calhar vocês podem ter outras sensibilidades de pensar nisso.

Susana: a nossa próxima etapa é uma estratégia e um plano de comunicação que é para início de Abril e tínhamos pensado exatamente em entrar por essa vertente mais social porque a nível de financiamento, que era o que eu ia perguntar, nós percebemos que a probabilidade de conseguir mais financiamento é muito mais difícil do que ter ações sociais em que puxa a participação das pessoas e daí pode vir o financiamento

Miguel: Se calhar. Financiamento não é bem isso

Susana: Se calhar interessa mais à vaca negra ter público.

Miguel: Se houver adesão das pessoas só isso por si só justifica o investimento e aceitasse o investimento. Agora nós investir e depois não ter o retorno, que o retorno é o público, a cultura é para as pessoas e se as pessoas não aderir, vamos estar a fazer coisas que é um bocado ingrato.

Susana: Mas acha que já esta melhor ao longo do tempo ou está pior? Eu não digo desde há 50 anos que é diferente, mas de há 10 ou 20, acha que está melhor ou...?

Miguel: Pois não sei não sei, é o que eu digo em Urgezes nós também estamos de perto de tudo, que é difícil de medir. E as vezes o que é gratuito nem sempre é o que é mais procurado, também lá esta este efeito. Se pagar 10€ a pessoa até é capaz de querer ir e ali há que ter qualidade. E não é por nada, mas as vezes faz-se lá coisas com muita qualidade, quando a cláudia vai cantar, querem logo pagar (risos). Mas ideia assim no geral é esta a nossa ideia temos esta dificuldade e claro que queríamos ter lá alguém profissional a pensar e a fazer e a acontecer e é muito fácil dizer “ai, aquilo é difícil merecia ser muito mais”, pois merecia, mas as coisas é preciso... não é só dinheiro, é muito trabalho para uma coisa estar aberto todos os dias, eu não vejo nenhuma associação cultural hoje em dia a estar a funcionar...

Susana: Normalmente é por telefone e a pessoa vai lá...

Miguel: é um bocado isto quer dizer, ao que vejo mesmo assim há quem podia ter mais rentabilidade podia, mas ao que vejo muito tem sido feito, mas claro...

Cláudia: Mas se calhar quem já tiver mais experiência no meio artístico consegue ter melhor visão disso...

Miguel: Também é importante ter de haver rotatividade, depois as próprias pessoas também chegam a um ponto como é como tudo as pessoas começam a esgotar. Depois cada pessoa tem os seus perfis, tem as suas ideias, as suas formas de estar e é normal que aqui também vá variando. Claro que agora, esta questão da remodelação ou não é um desafio que nos pode, pode realmente dar o passo de qualidade, mas eu acho que isso não impede de fazer este trabalho que eu gostava de fazer e claro isso é que havia de dar aquele preenchimento diário, à segunda aulas de musica à terça aulas de teatro, à quarta (...) aquilo é que ia dar o conteúdo ao edifício. Há quem defenda que deveria ter lá um pequeno bar, onde as pessoas se possam juntar.

Cláudia: Isso era mais a parte social, não era?

Miguel: pode ser, mas a questão do bar depois prende, a pessoa que vai levar o filho e depois fica ali no bar. É assim depois isto também pode entrar um bocadinho na concorrência com os cafés e depois é preciso perceber o que é que nós queremos.

Cláudia: mas isso ajudava a vaca negra pelo aquilo que eu sei a nível de patrocínios, sei lá nas feiras não?

Miguel: Não, aquilo nas feiras é um preço quase que simbólico, não pagam a luz que é quase só para dizer que pagam alguma coisa. Não, não é por aí, o custo tem sido quase todo assumido por nós. E algum

desses valores dá para esses custos, esta gravado não interessa e claro que os dinheiros que se ganha na feira tentasse pagar aqueles custos que se vai ter na organização da feira e que nunca chega, mas dá abater alguns custos que se vai ter com a organização das coisas. Tenta-se gerir por ai, pronto mas é isto de certa forma termos feito o que nós queremos e sabemos o que é que gostaríamos de ter, mas que é um passo difícil de dar é, mas eu acredito que qualquer dia vai ser possível.

Susana: Eu queria só colocar mais uma questão que tem a ver com a imagem, nós vimos alguns cartazes na internet e tudo de eventos que vocês fizeram, mas queríamos saber se existe algum conceito que faça questão que esteja presente em todos os cartazes, a imagem da Vaca Negra, a nível de cores ou a nível de tipo de letra?

Miguel: No Facebook, tem lá a imagem tem tipo logo. Tem o logotipo da Vaca Negra...

Susana: é a única linha que pelo menos tem de estar em todos os cartazes?

Miguel: Tem, pelo menos temos mantido os cartazes, porque em outra altura fez-se os cartazes e depois por uma questão de identidade, fomos mantendo os cartazes, não sei se bem ou mal se num ponto de vista de Marketing é aconselhável ou não.

Susana: Nunca se preocuparam entre aspas, com todo o respeito, com essa questão do marketing, era mais manter uma linha igual todos os anos e ...

Miguel: do cartaz?

Susana: Do cartaz, sim.

Miguel: Eu, por acaso na altura foi essa a ideia, foi estipular um cartaz já feito para ser usado...

Cláudia: eu tenho aqui este, não sei se...

Miguel: Este por acaso é preto, até fugiu um bocadinho ao que é, há ali o logo que é mais ou menos aquilo...

Susana: ou apoios da junta de freguesia, não é?

Miguel: Já se ponderou mudar a questão direcionada com a música.

Susana: Eu pergunto isto, porque nós vamos fazer uma estratégia de planeamento, faz parte da nossa disciplina e vamos ter de criar alguns flyers e cartazes e queríamos perceber se a vaca negra já tem algum conceito a nível de imagem, uma estrutura para nós podermos seguir para nunca fugir aquilo que já esta criado.

Miguel: O ideal é depois ver no próprio Facebook da Vaca Negra e vão percebendo o que já foi feito principalmente há o logo, o logo tem sido... ponderou-se em alterar. Olha-se para o logo e está muito

direcionado para a dança e dá a ideia que é uma escola de dança e na altura ponderou-se eventualmente mudar.

Cláudia: A nossa ideia ao fazer a estratégia era sugerir um novo logótipo.

Miguel: Na altura ponderamos isso, isto foi um concurso na altura. Na altura acho que só uma miúda ou duas é que concorreram e surgiu no seguimento disso, que abrimos tipo um concurso depois ainda se deu um premio qualquer, que já não me recordo qual foi o valor, não foi muito alto, não sei se foi 200€ ou 300€, mas tenho ideia que na altura se deu um premio, não tenho a ideia de quanto e foi quando surgiu este logo. Se virem tem... não estão a ver... (procuram fotos)

Susana: Nós, entretanto, já o vimos sim.

Miguel: Esta parte de cima se repararem é a entrada da Vaca Negra está parte que tem em cima, depois meteu-se aqui dança, música...

Cláudia: Remete mais, só para a dança...

Miguel: Dança e música.

Susana: E o Miguel permite-nos fazer então esta reestruturação da nossa opinião, pode ser que surja alguma ideia.

Miguel: Nós temos lá um cartaz, fez-se lá um lona também que diz: “espetáculos, exposições, formações, workshop, apresentações de Livro”, para além disso também se tem feito....

Cláudia: Formações mesmo?

Miguel: Formações mesmo! Isto agora até parou um bocadinho, porque isso deixou de ser financiado, mas chegou a haver lá formações profissionais e nas mais diversas áreas.

Susana: Quem precisasse de um espaço para dar formações ia lá e dava?

Miguel: É, é, formações, workshops também é um dos objetivos. E mesmo a biblioteca/ mediateca também era um dos projetos, mas aqui em quanto não se resolver o problema do telhado não vamos lá meter livros. Onde meter, não sei é preciso pensar, neste momento pôr lá mesmo exposições que já tivemos exposições com algum valor, neste momento temos de pensar duas vezes por causa da humidade. Por exemplo biblioteca não é que tenhamos muitos, mas já temos lá um espólio pronto não muito significativo. Mas se criarmos biblioteca, também sabemos que há pessoas que têm coleções de livros privadas e que gostariam de pôr num local público, onde se pusesse a sessão com o nome das pessoas se calhar era a proposta que tínhamos para quem doar.

Susana: Tipo um pequeno museu...

Miguel: Certamente, aquilo ia aumentar muito em pouco tempo. Nós conseguimos uma serie deles da biblioteca Brandão que nos forneceu também.

Susana: Já agora, a questão dos livros existe algum... sobre a vaca negra existe alguma informação que possamos pesquisar em algum livro, alguma... algo sobre a junta...

Miguel: Sobre a vaca negra existia um livro qualquer sobre a vaca negra, mas desapareceu e a escola ficou de me dar essa informação que tinham algo relacionado com a vaca negra, a questão da lenda... existe um livro sobre a lenda da vaca negra, um livrinho que depois posso vos emprestar sobre as lendas. Tem várias lendas e uma delas é da vaca negra.

Susana: Pronto, perfeito. É para depois também termos material para completar...

Miguel: Agora havia um livro mesmo que era relacionado só sobre a vaca negra e esse livro desapareceu.

Susana: Com quem é que nós podíamos falar para tentar chegar até ele...

Miguel: Pois, isso gostava eu de saber!

Susana: As vezes podia ser com alguém na escola ou algo assim, que não sei...

Miguel: Quem pode depois ajudar nisto também, é o Paulinho que ele também é um estudioso, normalmente ele esta sempre dentro e se não souber sabe onde é que devem ir. E se depois e dás-te bem com ele...

Cláudia: Sim, sim eu entretanto, fiz-lhe algumas perguntas...

Miguel: É, estais a fazer um bom trabalho nem precisas desenvolver muito. Ele se calhar também vos pode ajudar, que ele nisso ele também tem sensibilidade cultural para estas coisas e ele pode vos ajudar bastante nisto e grande parte do trabalho foi feito por ele no início justiça seja feita.

Susana: Pois, era a pessoa também ligada à cultura...

Miguel: E se fosse possível a gente mantê-lo lá, a gente mantinha, mas como não era possível aderir a outros projetos e como é normal da nossa parte pelo menos temos de aceitar estas coisas. As pessoas têm projetos, têm ideias e vidas e têm de fazer pela vida e se nós não podermos, não podemos pagar. E pronto... e ele na altura esteve ano e meio e à pouco tempo fez-me um trabalho para a junta em que lançamos um livro de Urgezes.

Cláudia: Foi, eu ia atuar, mas fiquei doente e não pude ir.

Miguel: Foi muito bonito, foi bonito depois foi o Paulo Rodrigues e a Ana que também iam para cantar, mas a Ana também estava doente que nem conseguiu cantar sequer, foi o Paulo Grize e pronto, já tínhamos o André e foi o Paulo. Foi um momento engraçado, foi um momento bonito também, muito bonito a apresentação do livro com momentos musicais, e lá está tem coisas muito bonitas e que merecia...

Susana: Do que a Cláudia falou e daquilo que já vimos, deve ter sido lindo, agora reparamos que está mais parado, mas que pelo menos até...

Miguel: Em Janeiro e Fevereiro normalmente não é tradição fazer nada, normalmente é agora.

Susana: Pois, nós ainda vimos que ainda houve um evento dos reis no início de Janeiro.

Miguel: Isso foi feito na Junta...

Susana: Há, na junta

(mostra cartaz)

Susana: Este foi o que foi feito agora em Dezembro...

Miguel: Nós um bocadinho contra, agora já há algumas juntas com está sensibilidade cultural também, mas acho que nós fomos das primeiras por aqui a adotar muito...

Cláudia: Este livro esta à vende?

Miguel: Podem levar esse...

Susana: Isto é muito interessante...

(Oferta de livros)

Cláudia e Susana: Obrigada!

Cláudia: Mas digo eu, esta à venda por exemplo na biblioteca?

Miguel: Na biblioteca também tem lá.

Cláudia: Tem?

Miguel: Tem, mas à venda esta na junta de Freguesia. Na altura o livro, a ideia quando surgiu isto era sobre o património da juventude e também falar da Vaca Negra, foi sobre o património e personalidades da Freguesia. Na altura tinha visto um livro qualquer, mas era aquele livro stander, uma pessoa pega naquilo e tem ali o Vila Flor e ao lado o Vila Flor, é isto e aquilo e este acaba por ser mais artístico. Não é um livro para qualquer pessoa, que se calhar pega nisto e chega ao fim e percebe bem o livro, porque isto é uma peça de teatro na prática.

(conversa paralela)

Miguel: Acho que ficou uma coisa bem-feita, ficou uma coisa arrojada...

Susana: Que bom, que sorte, obrigada!

Miguel: Pronto, depois vamos falando. Não sei se as perguntas ficaram todas respondidas.

Susana: Todas, daquilo que nós agora.... agora vamos tentar ter ideias para vos ajudar também.

Miguel: No geral, o que nós pretendíamos era que aquilo tivesse funcionamento diário, oficinas, teatro, os pais a ir buscar os miúdos às diversas aulas. Isso gostava, vamos ver o projeto como é que vai ficar e poderá ser dado o salto para aquilo que nós pretendemos, para já é improvisar que isto da cultura também obriga a isso, improviso, imaginação.

Susana: é uma metamorfose, está sempre a transformar-se.

Miguel: Vamo-nos adaptando. Esta bem?

Susana: Sim, e se por acaso a nível de flyers ou cartazes do que tiver disponível que tenha guardado se tiver oportunidade de nos passar.

Cláudia: Quem é que fazia os cartazes? Era o Paulinho?

Miguel: Não, ele nunca fez. Nós até nisso foi um bocadinho... na altura foi a Marta fez um estágio profissional, já recorremos uma altura a um estágio profissional e que a Marta esteve um ano e qualquer coisa na junta. Nessa parte inicial, havia uma estagiária que normalmente era mais direcionada para a cultura da Vaca Negra e nessa altura durante um ano tínhamos essa pessoa, cartazes e aquela parte burocrática de preparar espetáculos, tudo o que fosse preciso, ela estava lá. Era o estágio profissional dela, comunicação também. Os cartazes muitos foram feitos por ela, depois desses mudou-se um bocadinho o conceito e outro pessoal colaborou e participou e fez cartazes, vai-se percebendo e no meio disto tudo há uns assim e outros de muita qualidade basta ir vendo no Facebook e estes últimos que se foi mantendo e alterava-se só as letras e aproveitava-se a estética, claro que há alguns com qualidade. Mas pronto, lá está há alguns que é na base do voluntariado.

Miguel: Pronto, vamos falando. No que for preciso estamos cá.

Susana: Agradecemos mesmo muito, para nós foi uma ajuda fundamental e tomamos um bocadinho a mais o seu tempo.

Miguel: Não faz mal, isto é que nos faz felizes.

Anexo 13

Questionários aos alunos das Escolas Primárias



Universidade do Minho

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Questionários aos alunos das Escolas Primárias

Olá. Antes de mais, obrigada por preencheres este questionário. Sempre que tiveres uma questão de Sim ou Não, seleciona com um **x** à volta da resposta que queres escolher.

- 1) Gostaste da apresentação de artes performativas realizada na tua escola?
 - Sim
 - Não
- 2) Que parte gostaste mais?
 - Dança
 - Música
 - Teatro
 - Todas as partes
- 3) Qual era a cor do teu círculo?
 - Azul
 - Amarelo
 - Verde
- 4) Percebeste a mensagem que cada cor quis transmitir?
 - Sim
 - Não
- 5) Se pudesses ajudar um menino como o que esteve na Guerra, o que fazias?

- 6) Gostavas que houvessem mais espetáculos como estes na tua escola?
 - Sim
 - Não
 -

7) Os temas que foram representados foram fáceis de perceber?

- Sim
- Não

8) Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre *bullying*

9) Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre racismo.

10) O que conseguiste aprender com este espetáculo?

11) Gostaste de ter um espetáculo como este na tua escola?

- Sim
- Não

12) O que mais gostaste de ver neste espetáculo?

13) Gostavas que este espetáculo se voltasse a repetir na tua escola?

- Sim
- Não

Anexo 14

Respostas detalhadas aos questionários

Descrição das respostas dos alunos

Centro escolar de Urgezes, 3º ano, N=17

Questão 2: Que parte mais gostaste?

Respostas: A opção “todas as partes” obteve quinze seleções e a opção “música” duas seleções.

Questão 5: Se pudesses ajudar um menino como o que esteve na Guerra, o que fazias?

Respostas: “Eu acabava com a guerra”, “pedia reforços”, “eu ajudava para outro país”, “tirá-lo dali com um helicóptero”, “eu escondia-me, ia para a beira dele e dizia para vir comigo”, “eu parava a guerra e levava o menino aos pais”, “eu ajudava o menino para fugir”, “eu emprestava o meu telefone para ligar a um familiar e pedir ajuda”, “eu ajudava o menino a esconder-se ou a sair do país”.

Questão 8: Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre *bullying*.

Respostas: “Maltratar as pessoas, gozar com as pessoas e tirar as coisas”, “eu acho que uma pessoa quer fazer uma maldade”, “No *bullying* nós chamamos nomes feios e há muita luta”, “o *bullying* é gozar com o outro”, “o *bullying* é sofrer e a menina estava a brincar e a outra roubou as coisas”, “o *bullying* é maltratar as outras pessoas”, “o *bullying* é uma coisa muito má porque goza com os teus amigos e chama nomes aos colegas”, “eu sei que o *bullying* é uma coisa feia”, “Eu acho que *bullying* é violência”, “tratar mal, lutar, gozar, chamar nomes”.

Questão 9: Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre racismo.

Respostas: Na resposta a esta pergunta, treze alunos responderam “Não sei o que é o racismo” e os restantes alunos responderam entre “pessoas que tem uma pele diferente”, “o racismo é muito, muito mau”, “eu acho que o racismo é quem tem pele diferente”.

Questão 10: O que conseguiste aprender com este espetáculo?

Respostas: “Não aprendi nada”, “eu pude rir-me”, “consegui imitar jogar ao mata”, “eu aprendi muitas coisas novas”, “eu aprendi que não posso fazer maldade, ter pena das pessoas”, “temos de ajudar as pessoas, ritmo e a dança”, “aprendi a ser bom comportado”, “não importa a cor de pele dos outros”, “eu hoje vi muitas coisas novas”, “aprendi a tocar aquele tambor”, “eu aprendi a dançar e a tocar instrumentos”, “eu aprendi que não se deve fazer *bullying*”, “aprendi ritmos novos e foi fixe”, “eu aprendi muitas coisas novas”.

Questão 12: O que mais gostaste de ver neste espetáculo?

Respostas: “Eu gostei mais da música”, “eu gostei da parte da música e de tocar”, “eu gostei dos senhores a tocar”, “da parte que pintaram a cara”, “gostei da dança e de dançar”, “eu gostei quando o senhor contou a história”.

Centro escolar de Urgezes, 2º e 3º ano, N=24

Questão 2: Que parte mais gostaste?

Respostas: A opção “todas as partes” obteve dezasseis seleções, a opção “música” cinco seleções, a opção “dança” uma seleção e a opção “teatro” com duas seleções.

Questão 5: Se pudesses ajudar um menino como o que esteve na Guerra, o que fazias?

Respostas: “eu ajudava no que pudesse”, “eu levava para um lugar seguro”, “se eu pudesse ajudar o menino dizia-lhe para não pensar mais nisso e seguir em frente”, “pegava no menino e levava-lhe para minha casa e cuidava do menino”, “eu adotava-o e ele ia esquecer-se da tragédia que aconteceu e ele ficaria numa local onde se sentiria mais seguro”, “eu pegava numa faca, matava o inimigo e salvava”, “eu fugia para um sítio mais seguro”, “eu ajudava o menino na guerra”, “eu ia chamar ajuda e mudava de país”, “eu ia à beira dele e dizia para ele vir comigo, depois ele ia para minha casa que era fora da guerra”, “eu dava-lhe um abrigo”, “eu dava-lhe um milhão de euros”, “eu dizia-lhe para manter a calma que nada está perdido e que a família estava sempre com ele”, “eu dizia-lhe para ele correr até ficar num sítio seguro”, “ajudava-o a voltar para casa para ir para a beira da sua família”, “eu ajudava-o a encontrar a família”, “eu dava-lhe de comer”, “levava-o para a minha casa”, “desejava-lhe boa sorte”, “se eu pudesse ajudar o menino eu dizia-lhe para ele escavar um buraco enorme e meter-se lá dentro com os ouvidos tapados”, “eu ia ter com ele primeiro, dizia estás bem e depois ia chamar ajuda”, “eu dizia para ele ter cuidado e ajudar o menino a proteger-se da guerra”.

Questão 8: Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre *bullying*.

Respostas: “o *bullying* é quando gozam com uma pessoa ou muitas mais coisas”, “é agredir uma pessoa maltratar”, “é gozo, egoísmo”, “na minha opinião é maus tratos de amigos e até dos pais”, “para mim o *bullying* é lutar com pessoas que não fizeram nada”, “gozar com as pessoas e deixá-las de parte”, “gozar e bater nas pessoas”, “*bullying* é gozar, bater, dar pontapés”, “gozar, ofender, agredir”, “o que eu sei é que é mau e feio”, “*bullying* é chamar nomes”, “gozar com as pessoas, fazer troça deles”, “o *bullying* é pessoas que chamam nomes a uma pessoa e diz que ele não pode dizer a ninguém o que ele lhe faz”, “eu sei que o *bullying* não deve existir porque é muito mau”.

Questão 9: Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre racismo.

Respostas: “É ser mau, maltratar os outros”, “gozar por qualquer coisa”, “o racismo é mau não devemos fazer o que não gostamos que façam sobre nós”, “é pessoas que não gostam de pessoas de outras cores”, “o racismo é quando alguém não gosta dos outros por eles serem diferentes”, “é gozar com um preto”, “o que eu sei sobre racismo é a cor das pessoas, serem diferentes e a língua”, “o que eu sei é que é feio dizer. Ex: que ele é preto, branco etc”, “gozar com a pele das pessoas, com a língua e com o corpo”, “é ter nojo de pessoas que são diferentes delas”, “é igualdade de género”, “é quando uma pessoa é diferente da outra (língua, pele...)”, “o racismo é o gozo da cor da pele”, “o que eu sei é que as pessoas são diferentes que têm a cor de pele diferente são gozadas”.

Questão 10: O que conseguiste aprender com este espetáculo?

Respostas: “Eu consegui aprender que não devemos ser maus uns para os outros”, “o que consegui aprender com este espetáculo foi que não se deve gozar com as pessoas que não se deve tirar as coisas e quando ficamos sozinhos há sempre uma pessoa para ajudar”, “eu aprendi lições preciosas”, “aprendi que não devemos gozar os que são diferentes de nós mesmos”, “aprendi que não se deve fazer *bullying* e racismo às outras pessoas”, “que não devemos maltratar as pessoas”, “aprendi que gozar é feio”, “que devemos ajudar as pessoas”, “aprendi que não se deve escolher as pessoas”, “que o *bullying* e racismo não resolve nada”, “consegui aprender que a guerra, o *bullying*, o racismo são coisas más e morrem pessoas, perdem-se pessoas que podiam ser novos amigos”, “aprendi que o racismo e o *bullying* não se deve fazer a ninguém”, “aprendi que não posso maltratar os meus amigos e colegas”, “aprendi a não tratar mal as pessoas”, “consegui aprender a não bater nos meus colegas”, “aprendi que nós temos de nos

importar com a nossa vida e não com a vida dos outros”, “que temos de ser amigos dos outros”, “que não devemos fazer coisas que nos fazem a nós”.

Questão 12: O que mais gostaste de ver neste espetáculo?

Respostas: “As meninas da dança”, “de ver as duas meninas a dançar (menina de branco)”, “foi a menina de branco a dançar”, “gostei de ver o racismo”, “gostei de ver a guerra”, “gostei de ver o teatro”, “o senhor a dizer coisas da guerra”, “gostei mais da guerra”, “o que mais gostei foi da música”, “foi os senhores a tocar música”.

Escola Básica 1/ Jardim de Infância de Nespereira, 3º ano, N=17

Questão 2: Que parte mais gostaste?

Respostas: A opção “Todas as partes” foi selecionada por treze alunos. A opção “Dança” foi selecionada pelos restantes quatro alunos da turma.

Questão 5: Se pudesses ajudar um menino como o que esteve na Guerra, o que fazias?

Respostas: “Se eu pudesse ajudar um menino na guerra eu faria dar-lhe bons tratos”, “eu ajudava-o e salvava-o”, “eu protegia o menino e ajudava-o em tudo o que fosse preciso”, “eu protegia-lhe para não ser morto”, “se pudesse ajudar um menino que estivesse na guerra eu dizia-lhe para sair do país rapidamente e que deixasse as suas coisas todas”, “eu dava-lhe um sítio para se esconder e proteger-se”, “eu punha-lo em casa com tudo trancado”, “se eu pudesse ajudar um menino eu ajudaria a aquecer e a proteger-se”, “eu protegia e dava-lhe comida e várias coisas”, “se eu pudesse ajudar o menino eu corria com ele”, “dava-lhe roupa, calçado e um bocado de dinheiro, um emprego e uma casa”, “o que eu faria era ajudar a sair da guerra”, “quando ele estava magoado eu vou lá ajudar”, “iria chamar ajuda”, “eu dizia para ele fugir o mais rápido que pudesse”, “se eu pudesse ajudá-lo levava-o para minha casa e cuidava bem dele”.

Questão 8: Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre *bullying*.

Respostas: “O que eu sei sobre *bullying* é que é feio e mau, pode até obrigar alguém a matar-se”, “é quando uma pessoa diz nomes sobre a outra”, “por palavras minhas o *bullying* é chamar nomes as pessoas de burra, feia e estúpida”, “o que sei é que não devemos praticar porque isso é ser má pessoa”, “*bullying*

é tipo dança”, “*bullying* é a maldade”, “eu acho que é quando fazemos maldade uns aos outros”, “eu diria que *bullying* é por exemplo chamar nomes, tirar as coisas”, “é a maldade que fazemos aos colegas”, “o que eu sei sobre *bullying* é as crianças ficarem à luta”, “eu sei que é violência entre amigos por palavras e por físico”, “é quando uma pessoa fica má para outra pessoa”, “é quando estamos em briga”, “por palavras minhas, é violência entre crianças”.

Questão 9: Escreve, por palavras tuas, o que sabes sobre racismo.

Respostas: “é quando uma pessoa goza com as pessoas”, “o racismo é uma pessoa que goza com a cor dos outros”, “racismo quer dizer quando algumas cores ficam zangadas se misturarem para dar a cor a outra cor”, “quer dizer quando chamam nomes. Por exemplo: tu és feio”, “o racismo quer dizer que as outras pessoas de tom de pele não importa de que raça somos”, “o que eu sei sobre racismo é que todas as pessoas são iguais não interessa se as pessoas tenham outras cores, nós somos todos iguais”, “racismo quer dizer que somos todos iguais”, “eu acho que é um sentimento entre todas as pessoas”, “por palavras minhas eu diria que o racismo quer dizer que podemos ser brancos ou pretos mas somos todos amigos”, “o racismo é magoar”, “racismo é tipo violência e sentimento”, “o que eu sei é que racismo é o sentimento de ser diferente e que pode levar à violência”, “por palavras minhas racismo é a cor das pessoas”, “é quando uma pessoa diz, por exemplo, “és preto”, “é um sentimento mau”.

Questão 10: O que conseguiste aprender com este espetáculo?

Respostas: “Aprendi que tudo se pode fazer em conjunto e que somos todos iguais”, “que temos de ser bons cidadãos”, “eu consegui aprender o *bullying* e o racismo”, “consegui aprender com este espetáculo que as guerras não servem de nada e que as nossas diferenças não importam”, “eu consegui aprender com este espetáculo que brincadeira não é igual a guerra séria”, “consegui aprender que as meninas fizeram amizade”, “aprendi que não devemos tirar nada uns dos outros e devemos brincar com todos de todas as cores”, “aprendi sobre o racismo, o *bullying* e também sobre a guerra”, “consegui aprender que sendo diferentes por dentro somos iguais e também que quando brincamos com alguma coisa não se tira”, “não devemos fazer mal a ninguém e que na guerra temos de nos proteger”, “eu consegui aprender que maltratar as pessoas é muito mau”, “aprendi que a violência não resolve nada”, “aprendi que nunca se pode julgar as pessoas”, “não se deve fazer nada de mau com as outras pessoas”, “aprendi que não importa o que nós somos por fora mas sim por dentro”.

Questão 12: O que mais gostaste de ver neste espetáculo?

Respostas: “Parte do racismo”, “as meninas a dançar”, “foi a união das duas meninas na atuação do racismo”, “gostei mais de ver as meninas a dizer que não importa de que cor somos para brincar e temos de brincar com todos”, “as duas senhoras a pegar na tinta”, “gostei de ver as meninas a mostrar que não se deve tirar nada a ninguém”, “de tudo neste espetáculo”, “de ver a parte da guerra”, “a parte do menino que estava no meio da guerra”. Curiosamente, um dos alunos referiu que a parte que mais gostou foi o relato dos professores, referindo-se com isto, ao diálogo que aconteceu no final da performance.

Anexo 15

Testemunho dos artistas

Testemunho Rui Silva

“Sou luso descendente, nascido em Darmstat - Alemanha -, encontrei a inspiração da minha vida na música. Com raízes na Eletrónica, há mais de 15 anos que expando a minha experiência em diversos estilos musicais na produção, mixagem e masterização.

Desenvolvi o meu próprio estilo com sons de Verão, através de projetos como "SILVA" e "ADS". As minhas criações não foram indiferentes a outros artistas como Tiesto, Armin Van Buuren, Paul Van Dyk, Paul Oakenfold, entre outros, que utilizarão as suas músicas nas suas performances. Os trabalhos foram lançados por Editores internacionais, tais como: Perfecto/Armada Records, ICONYC, System Recordings US, Afterglow Records, Dangerbox,...

Também participei em projetos de outros artistas musicais como "A love like Pie", "Robert John & The Wreck", "Wiz Ozland" e "Louis Berry".

A minha participação neste projecto surge da enorme paixão pelas artes e pela oportunidade de criar uma banda sonora direcionado ao teatro. O desafio de criar algo emotivamente compatível com uma peça de teatro por forma a elevar a sensibilidade da audiência, é definitivamente algo que qualquer artista adoraria executar. Ao mesmo tempo, a arte é intrínseca ao ser humano e torna-se importante a sua implementação desde cedo. Como tal, esta oportunidade de trabalhar para um público mais jovem foi, também, uma das razões que me fizeram aceitar este desafio!”

Testemunho Catarina Araújo

“A Cláudia apresentou-me o projeto dela e fiquei desde o início interessada em participar. Tanto por ela ser uma pessoa extremamente dedicada àquilo a que se propõe a fazer, como pelo tema que ela escolheu abordar. É um tema muito importante e que faz todo o sentido ser falado às crianças. O racismo, o *bullying* e a guerra são tópicos que infelizmente fazem parte do nosso mundo, embora às vezes acharmos que só acontece aos outros ou acontece longe de nós, não estamos “protegidos” de alguém ao nosso lado ser uma vítima, ou até nós mesmos. E o facto de termos apresentado este projeto a crianças, fez com que conseguíssemos explicar e tentar prevenir e alertar para todos estes problemas aos mais pequenos, já que as crianças absorvem tudo o que vêm e nessa fase aprendem muito daquilo que os vai formando e educando ao longo das suas vidas. Gostei muito de fazer parte do projeto e penso que correu muito bem, e que foi muito bem conseguido com a ajuda de todos os que participaram e da Cláudia que nos orientou

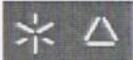
sempre e nos fez perceber o quão importante este tema e não só pelo projeto dela como também pela veracidade do mesmo.”

Testemunho Pedro Passos

“Senti-me entusiasmado desde o início e achei interessante a parte da criação rítmica para assuntos tão sensíveis. A criação de ritmos para tentar expressar da melhor forma cada tema foi um desafio e um projeto completamente diferente do que já fiz até hoje. Foi muito gratificante para e queria agradecer à Cláudia pelo convite e confiança depositada para tal trabalho de sensibilização”.

ANEXO 16

Declarações de autorização para a divulgação do registo fotográfico.

 Universidade do Minho
2018/2019
Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, HÉLOA JORGE MARTINS ARIANO, encarregado/a de educação do/a LUIS SILVA PONTES ARIANO, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019
Assinatura: Héloa Jorge Martins Ariano

 Universidade do Minho
2018/2019
Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, IJA DA CONCEIÇÃO NEVES ARIANO, encarregado/a de educação do/a LOLA ISABEL ARIANO MARTINS, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019
Assinatura: IJA DA CONCEIÇÃO NEVES ARIANO



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

2018/2019

Eu, Inês Stecca Loureiro, encarregado/a
de educação do/a Vanessa Berti, autorizo a
divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada
na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os
para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: [assinatura]



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

2018/2019

Eu, Sónia Maria Almeida Cavalho, encarregado/a
de educação do/a Isabela Cavalho BRS, autorizo a
divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada
na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os
para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Sónia Maria Almeida Cavalho



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

2018/2019

Eu, Yndira Vez, encarregado/a
de educação do/a Fábio Vez Ribeiro, autorizo a
divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada
na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os
para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Yndira Patrícia Mendes Vez



Universidade do Minho

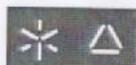
2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Debona Filiz Lopes Alves, encarregado/a de educação do/a Lucia Mariana Alves, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: *[assinatura]*



Universidade do Minho

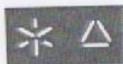
2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, MAÍCEL ANTÓNIO MENDES BATISTA, encarregado/a de educação do/a SORATA MARTINS BATISTA, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: *Maícel António Mendes Batista*



Universidade do Minho

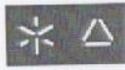
2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Isabel Freixo da Silva, encarregado/a de educação do/a Afonso da Silva Lourenço, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: *Isabel Freixo da Silva*



Universidade do Minho

2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Lucas Pinheiro da Mota, encarregado/a
de educação do/a Marlene S. Pinheiro, autorizo a
divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada
na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os
para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Marlene S. Pinheiro



Universidade do Minho

2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Paula de Fátima Castro Araújo, encarregado/a
de educação do/a Luana Benedita Castro Araújo, autorizo a
divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada
na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os
para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Paula Araújo



Universidade do Minho

2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Alma Irene Soares Dias, encarregado/a
de educação do/a Rafalda Dias Pereira, autorizo a
divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada
na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os
para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Alma Irene Soares Dias



Universidade do Minho

2018/2019

Eu, João Filipe Silva Ribeiro, encarregado/a de educação do/a Beatriz Sofia Silva Ribeiro, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura:

João Filipe Silva Ribeiro



Universidade do Minho

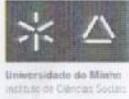
2018/2019

Eu, Genevêva Cristina Andrade Alves, encarregado/a de educação do/a Maria Inês Alves Faria, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura:

Genevêva Cristina Andrade Alves



Universidade do Minho

2018/2019

Eu, Eva Cristina Lopes Oliveira, encarregado/a de educação do/a Paulo Afonso O. Cordeiro, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Eva Cristina Lopes Oliveira



Universidade do Minho

2018/2019

Eu, Custódia Carla Ribeiro Martins Araújo, encarregado/a de educação do/a Sebastião Tomás Araújo Rêgo, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Custódia Carla Ribeiro Martins Araújo



Universidade do Minho

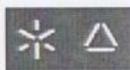
2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Agostinho Zibiana Alves Paixão, encarregada/a de educação do/a Quatro Paixão de Oliveira, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Agostinho Zibiana Alves Paixão



Universidade do Minho

2018/2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Eu, Maria Manuela Ribeiro M. Araújo, encarregado/a de educação do/a Vitor Hugo Araújo Silva, autorizo a divulgação dos registos fotográficos e videográficos da atividade *A Vaca Negra Vai*, realizada na Escola Básica 1/Jardim de Infância de Nespereira, no dia 23 de Abril de 2019, utilizando-os para efeitos meramente académicos.

Outubro, 2019

Assinatura: Maria Manuela R. M. Araújo

DECLARAÇÃO

Eu Emês Silva Fernandes portador(a) do Cartão de Cidadão n.º 99205094, válido até 11/7/2026, residente em Guimarães, declaro a minha autorização para a divulgação dos registos fotográficos do evento *A Vaca Negra Vai*, realizada a vinte de três de abril de dois mil e dezanove, para efeitos exclusivamente académicos.

Outubro, 2019

Emês Silva Fernandes (assinatura)

DECLARAÇÃO

Eu João Diogo Anantes Oliveira portador(a) do Cartão de Cidadão n.º 15626081, válido até 30/08/2024, residente em Guimarães, declaro a minha autorização para a divulgação dos registos fotográficos do evento A Vaca Negra Vai, realizada a vinte de três de abril de dois mil e dezanove, para efeitos exclusivamente académicos.

Outubro, 2019

João Diogo Anantes Oliveira (assinatura)

DECLARAÇÃO

Eu Pedro Alberto Oliveira Passos portador(a) do Cartão de Cidadão n.º 14172093, válido até 03/10/2024, residente em Guimarães, declaro a minha autorização para a divulgação dos registos fotográficos do evento A Vaca Negra Vai, realizada a vinte de três de abril de dois mil e dezanove, para efeitos exclusivamente académicos.

Outubro, 2019

Pedro Alberto Oliveira Passos (assinatura)

DECLARAÇÃO

Eu João Pedro Zacarias Gomes portador(a) do Cartão de Cidadão n.º 14208511, válido até 11/06/2020 residente em Funchal, declaro a minha autorização para a divulgação dos registos fotográficos do evento A Vaca Negra Vai, realizada a vinte de três de abril de dois mil e dezanove, para efeitos exclusivamente académicos.

Outubro, 2019

Zacarias Gomes (assinatura)

DECLARAÇÃO

Eu Catarina Isabel de Silva Pais Araújo portador(a) do Cartão de Cidadão n.º 15139721, válido até 05/04/2022, residente em Beira, Guimarães declaro a minha autorização para a divulgação dos registos fotográficos do evento A Vaca Negra Vai, realizada a vinte de três de abril de dois mil e dezanove, para efeitos exclusivamente académicos.

Outubro, 2019

Catarina Araújo (assinatura)